



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO EM LETRAS
Campus I – Prédio B4, sala 106 – Bairro São José – Cep. 99001-970 - Passo Fundo/RS

Fone (54) 3316-8341 – Fax (54) 3316-8330 – E-mail: mestradoletras@upf.br

IZABEL SEEHABER

DISCURSO RELIGIOSO: CORPO, SUJEITO E SENTIDOS NA FÉ

Passo Fundo, maio de 2014

IZABEL SEEHABER

DISCURSO RELIGIOSO: CORPO, SUJEITO E SENTIDOS NA FÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Professora Dra. Carme Regina Schons.

Passo Fundo,
2014

Dedico este trabalho aos meus pais
e amigos que acreditaram na
realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Eis o momento de agradecer... Um momento de reconhecer a importância daqueles seres iluminados e que foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

À orientadora e amiga, Professora Carme Regina Schons, por todo o apoio, paciência, conhecimentos repassados e entusiasmo desde quando eu era aluna especial do Programa de Pós Graduação em Letras. Sem o seu auxílio, não teria chegado até este momento. Muito obrigada, sempre!

A Universidade de Passo Fundo, pela Bolsa de estudos.

A todos os professores do PPGL, que foram essenciais no decorrer deste trajeto.

Às professoras Angela Derlise Stube e Cláudia Toldo pelas contribuições desde a banca de qualificação.

À família, alicerce de tudo, em especial à minha mãe Luci, pela confiança e apoio incondicional.

Ao meu namorado Renan, companheiro e motivador em todos os momentos.

No âmbito profissional, agradeço aos amigos e chefes Nilton Pergher e esposa Iva, além do amigo Geversson Zimmermann, pela compreensão e incentivo.

Enfim, a todos os verdadeiros amigos, muito obrigado pela força!

*Apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como **ritual**
supõe reconhecer que não há ritual sem falhas.*

Michel Pêcheux

RESUMO

Partimos do pressuposto de que há algum tempo várias denominações religiosas buscam suportes como o televisivo uma oportunidade de expandir suas práticas religiosas e garantir um espaço de inclusão em uma sociedade que clama por respostas diante das mais variadas situações do cotidiano. É, então, no funcionamento do discurso da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) que situamos o presente trabalho de investigação, cujo tema é o discurso religioso na mídia. Sendo a fé uma das características mais marcantes do homem e responsável por grandes eventos de massa no Brasil, a Igreja utiliza-se da mídia para conquistar o seu número de adeptos, expandindo sua doutrina e evangelizando seus fiéis. Para perseguir o funcionamento dessas questões, valemo-nos do programa de R. R. Soares, o qual tenta reafirmar em suas pregações, entre outros aspectos, a importância da fé e da submissão ao Senhor. Na busca por uma interligação com a ciência da linguagem, este estudo, inserido na linha de pesquisa da análise do discurso (AD) de orientação francesa, propõe discutir a relação religião/ciência por meio da análise dos depoimentos de fiéis no programa televisivo “Show da fé”. É, pois, nesse espaço que os seguidores de R. R. Soares revelam as melhorias registradas em suas vidas após frequentarem a igreja e assistirem ao programa. Nesse contexto há de se considerar que a religião age sobre a moral (espírito) e também sobre o corpo. Por isso, pensar a questão religiosa e suas influências sobre o sujeito, leva-nos à dicotomia corpo/espírito, por meio da qual podemos refletir sobre a religião inserida em um contexto muito além das paredes dos templos. Metodologicamente, a análise está dividida em quatro subseções, cada qual organizada a partir de um recorte discursivo. A primeira destina-se analisar sequências discursivas em que é possível observar, por meio do funcionamento do discurso religioso, como se exploram as questões culpa, salvação, fator econômico. A segunda analisa as sequências discursivas em que transparece um discurso baseado na cura pela religião, levando em conta os testemunhos concedidos ao vivo pelos fiéis durante o programa. A terceira dedica-se à análise dos depoimentos gravados pelos fiéis, que procuram mostrar que o milagre pode acontecer por meio da TV por assinatura do Show da fé. Já a subseção quatro apresenta as sequências discursivas retiradas das cartas enviadas pelos fiéis e lidas pelo missionário durante o programa. Para o procedimento de análise no contexto discursivo, são levados em conta conceitos formulados por Pêcheux, como formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso e memória. Tendo em vista o impacto que a religião e a fé, ancoradas na mídia, podem repercutir no dia a dia de seus seguidores e levando em conta a ideologia religiosa dominante, reforçada pelos adeptos do Show da fé, a ciência se torna secundária aos que creem no poder “divino” de um líder religioso, neste caso R. R. Soares. O processo é praticamente inerente aos fiéis seguidores, que muitas vezes não percebem que estão assujeitados à ideologia dominante da Igreja. Considerando que os depoimentos de fiéis funcionam como lugares de memória, o discurso remete sempre a um jogo de determinações que, por ser objeto de um ritual, reforça e/ou dá lugar a um silenciado que o dizer traz à tona. Como um processo simples, observa-se a expansão religiosa, ancorada pela fé dos fiéis que se sentem beneficiados pela graça divina. Entretanto, eles mal percebem que o fazer “ver milagres” pelo testemunho da cura significa uma forma dissimulada de naturalização de sentidos, que, por um efeito de evidência, impede de o sujeito ver a disputa do espaço na mídia e, por sua vez, na sociedade. Os dizeres da religião são deslocados, (res)significados, enfim, minados de ideologias.

Palavras-chave: Discurso. Fé. Mídia. Sujeito. Corpo.

RESUMEN

Partiendo del supuesto de que, hace algún tiempo, muchas denominaciones religiosas buscan, en soportes como el televisivo, una oportunidad de expandir sus prácticas religiosas y garantizar un espacio de inclusión en una sociedad que pide respuestas frente a las más distintas situaciones del cotidiano. Es, entonces, en el funcionamiento del discurso de la Iglesia Internacional de la Gracia de Dios – IIGD – que situamos el presente trabajo de investigación cuyo tema es el discurso religioso en la prensa. Siendo la fe una de las características más esenciales del hombre y responsables por grandes eventos en Brasil, la Iglesia se utiliza de la prensa para lograr su número de adeptos, expandiendo su doctrina y evangelizando sus fieles. Para seguir el funcionamiento de esas cuestiones, nos valemos del programa televisivo de R. R. Soares, en el cual intenta reafirmar en sus pregaciones, entre otros aspectos, la importancia de la fe y la submisión al Señor. En la búsqueda por una unión con la ciencia del lenguaje, este estudio, insertado en la línea de pesquisa de la análisis del discurso (AD) de orientación francesa, se propone una discusión entre religión y ciencia por medio de la análisis de los testimonios de los fieles en el “Show de la fe”. Es, pues, en este espacio de los seguidores de R. R. Soares revelan lo que ocurrió de mejor en sus vidas después de frecuentar la Iglesia y ver al programa. En este contexto se percibe que la religión se manifiesta sobre la moral (espíritu) y también sobre el cuerpo. Por eso, pensar la cuestión religiosa y sus influencias sobre el sujeto nos lleva a la dicotomía cuerpo/espíritu, a través de la cual podemos reflejar sobre la religión comprendida en un contexto que va además de las paredes de los templos. Metodológicamente, la análisis está compartida en cuatro subsecciones , cada una de ellas ordenada ,sin embargo, de un recorte discursivo. El recorte discursivo 1 se destina a la análisis de secuencias discursivas en que es posible observar, por medio del funcionamiento del discurso religioso, como se exploran cuestiones como culpa, salvación y explotación económica. En el recorte discursivo 2, analizamos las secuencias discursivas en que se ve un discurso basado en la cura por la religión, llevando en cuenta los testigos transmitidos en directo o grabados por los fieles durante el Show de la Fe. El recorte 3 trae la análisis de los testimonios grabados, en los cuales los fieles reafirman que el milagro puede ocurrir por la propia televisión, en un canal de TV a cable. Ya el recorte 4 presenta las secuencias discursivas sacadas de las cartas enviadas por los fieles y leídas por el misionario durante el programa. Para hacer el análisis en el contexto discursivo son llevados en cuenta conceptos hechos por Pêcheux como formación ideológica, formación discursiva, interdiscurso y memoria. Teniendo como objetivo el impacto que la religión y la fe unidas a la prensa pueden resultar en el día a día de sus seguidores, y llevando en cuenta la ideología religiosa dominante , reforzada por los adeptos del Show de la Fe, la ciencia se convierte secundaria a los que creen en el poder “divino” de un líder religioso, R.R. Soares. El proceso es prácticamente inherente a los fieles seguidores, los cuales, muchas veces, no perciben que están sujetos a la ideología dominante de la Iglesia. Considerando que los testimonios de los fieles funcionan como lugares de memoria, el discurso direcciona siempre a un juego de determinaciones que, por ser objeto de un ritual, refuerza y/o da lugar a un silenciado que el decir, viene a aparecerse. Como un proceso sencillo, se observa la expansión religiosa, llevada por la fe de los fieles que se sienten favorecidos por la gracia divina. En tanto, ellos no se dan cuenta que el hacer “ver milagros” por el testimonio de la cura significa una forma disimulada de naturalización de sentidos que, por un efecto de evidencia, impide que el sujeto se de cuenta de la disputa de espacio en la prensa y, por su vez, en la sociedad. Lo que se dice de la religión se queda translocados, (re)significados, finalmente llenos de ideologías.

Palabras-llave: Discurso. Fe. Prensa. Sujeto. Cuerpo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Projeto de vida.....	65
Figura 2	Ficha – Projeto de Vida.....	66

QUADROS-SÍNTESES (QS)

Quadro-síntese (QS1):	Instância discursiva dos fiéis.....	29
Quadro-síntese (QS2):	Posições-sujeito.....	47
Quadro-síntese (QS3):	Processos de identificação e interdição de sentidos.....	86
Quadro-síntese (QS4):	Formação Discursiva Religiosa.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de discurso de linha francesa
AIE	Aparelhos ideológicos de estado
CP	Condições de produção
FD	Formação discursiva
FDR	Formação discursiva religiosa
FDC	Formação discursiva capitalista
FI	Formação ideológica
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus
MD	Memória discursiva
OS	Posição-sujeito
SD	Sequência discursiva
TP	Teologia da prosperidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 O DISCURSO RELIGIOSO <i>DO E NO</i> SUPORTE TELEVISIVO.....	17
2.1 Campo e domínio discursivo.....	17
2.2 Mídia e religião.....	21
2.3 A religião na cultura do espetáculo.....	30
2.4 O neopentecostalismo e o panorama da Igreja Internacional da Graça.....	34
2.4.1 O discurso da cura: a dominação na voz do missionário.....	36
2.4.2 Discursividade de fiéis no Show da fé.....	41
3 ARTICULANDO QUESTÕES TEÓRICAS.....	44
3.1 Sujeito, sentido e memória.....	44
3.2. Sujeito e forma-sujeito.....	52
3.3 Ideologia e formação ideológica.....	55
3.3.1 Formação ideológica e formação discursiva.....	57
3.3.2 Posição-sujeito.....	59
4 A FÉ NA ESPETACULARIZAÇÃO	62
4.1 Seleção das sequências discursivas.....	63
4.2 Condições de produção das sequências discursivas.....	68
4.3 Análise do funcionamento do discurso religioso <i>da e na</i> televisão.....	70
4.3.1 Recorte 1: Culpa, salvação e exploração.....	70
4.3.2 Recorte 2: O discurso da cura pela religião.....	88
4.3.3 Recorte 3: Milagre no Show da fé.....	103
4.3.4 Recorte 4: O apelo ao epistolar: crenças em jogo	107
4.4 Do corpo da religião ao corpo do sujeito.....	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	120
ANEXOS.....	126
Anexo 01.....	126
Anexo 02.....	131

Anexo 03	134
Anexo 04	136

1 INTRODUÇÃO

(...) os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer. (Michel Foucault)

A presente dissertação de mestrado é resultado de uma pesquisa desenvolvida junto à linha de pesquisa Constituição do texto e do discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

De certa forma, o interesse pelos efeitos da mídia no discurso religioso, dentre os quais o efeito da contradição, levou-nos a optar pela análise de discurso (AD). Começamos a pesquisa assistindo ao programa televisivo “Show da fé”, promovido pela Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), o que nos levou a observar o atravessamento de formações discursivas (religiosa e capitalista) e o modo como se constitui as subjetividades – a do sujeito que “comanda o espetáculo” e a do sujeito que procura a igreja para amenizar seus males.

De modo geral, observamos que a mídia exerce, em diferentes setores, uma intervenção política, e não é diferente também no campo religioso. Ao longo da história, várias igrejas e denominações religiosas vislumbraram, em suportes como o televisivo, uma oportunidade de expandir suas práticas e garantir um espaço de inclusão no mundo globalizado, no qual está inserida a denominada sociedade do espetáculo, procurando atingir o maior número de fiéis e, desse modo, atenuar o sofrimento causado por doenças e/ou outros males. Diante disso, cabe registrar que buscamos uma interligação da ciência da linguagem com o presente trabalho, com o objetivo de analisar a contradição no discurso religioso pelo atravessamento da formação discursiva capitalista.

As diferentes maneiras de tratar o discurso religioso na nossa cultura levaram-nos a considerá-lo como um lugar produtivo de análise. Na rede complexa de relações de poder, já intrincadas na produção do campo religioso, observam-se também as relações de poder dos campos político, midiático e econômico. O florescimento de ideias oriundas do fenômeno da presença dos grupos religiosos nos meios de comunicação e a conseqüente recriação do conceito de igreja eletrônica têm ajudado na delimitação do tema deste estudo. A Igreja, a partir da década de 1970, passou a buscar veículos de comunicação que divulgassem somente os valores cristãos, mas que, contraditoriamente, tem captado maior número de investidores. Vale lembrar que a mídia está em todo lugar e, nesse sentido, exerce poder de influenciar e

mudar, por exemplo, um processo político, bem como tem poder de acentuar as relações de forças entre as sociedades. Fazer “ver milagres” leva à crença do seu poder na vida dos sujeitos.

Tal poder da mídia de sustentar significados deve-se ao papel na naturalização de ideologias e do efeito dessas sobre os sujeitos. A capacidade de endossar, reforçar, minar e assegurar novos conceitos e realidades, leva em conta o poder, e, sendo assim, os mecanismos ideológicos que de acordo com Althusser, se transformam em aparelhos ideológicos de Estado (AIE).

Dessa forma, buscamos relacionar o modo como o discurso da religião trata a ciência por meio da análise de depoimentos de fiéis no programa televisivo “Show da fé”, promovido pela Igreja Internacional da Graça de Deus. Veremos que, apesar de levar em conta que a sociedade moderna vem enfrentando diferentes crises e sofrimentos de toda a ordem, a Igreja tem buscado apontar caminhos e respostas às inquietações do homem, ou seja, por meio de seus representantes procura mostrar que funciona como certo espaço de inclusão ao trazer alívio às mazelas e representar poder de cura, pelo menos no *corpus* analisado. Nesse sentido, quais os fatores que permitem e impulsionam o atravessamento da FD religiosa pela FD capitalista?

Muito além de ingressar na discussão permanente entre esses dois campos – religião e ciência – e suas particularidades, este estudo pretende mostrar, por meio de uma análise discursiva, de que forma a religião e a fé, ancoradas na mídia, podem conquistar espaços de destaque na rotina de muitos fiéis, influenciando o comportamento e a crença daqueles que, por vezes, sentiram-se agraciados com curas e outras melhorias em suas vidas.

Com base no exposto, pretendemos também atingir os objetivos almejados, quais sejam:

- * Observar como são apresentados os quadros (diferentes momentos) do programa, bem como a força que exercem sobre os dizeres durante as cerimônias religiosas;

- * Estabelecer relações entre os depoimentos concedidos ao vivo e gravados e o modo de constituição de subjetividades do sujeito da religião;

- * Analisar como se apresenta a relação religião/ciência no discurso da religião sobre a cura.

É, então, no funcionamento do discurso religioso que o presente trabalho encontra espaço de investigação. Para perseguir os efeitos da mídia no discurso religioso e atender aos objetivos desta pesquisa, valemo-nos do programa de R. R. Soares, o qual busca reafirmar, em suas discursivizações, a importância de se ter fé e, principalmente, agradecer ao Senhor.

Com o objetivo de dar uma visão mais ampla de como funciona o discurso religioso na mídia, optamos por organizar este trabalho em quatro capítulos. O primeiro, a presente introdução; o segundo, a contextualização de nosso objeto de pesquisa, tratando de apresentar o campo e o domínio discursivo, além de tecer uma reflexão sobre a relação mídia/religião, a inserção do campo religioso na denominada “cultura do espetáculo”, as características marcantes do discurso religioso e, por conseguinte, a forma da discursividade dos seguidores.

Contudo, cabe registrar que, para compreender melhor essa discursividade, precisamos considerar a materialidade da língua, sendo que a base da discursividade se constitui na sua historicidade e que toda palavra está diretamente ligada à ideologia, à prática política. Para tratar esses e outros aspectos neste texto, articulamos com o discurso que possibilita a compreensão da materialidade da língua e da história. No mesmo sentido, as linguagens provocam um efeito no processo de significação de uma discursividade específica e, por conseguinte, organizam a materialidade do sujeito e seus sentidos.

O terceiro capítulo irá tratar sobre noções teóricas que permeiam os processos discursivos. Nesse sentido, aborda a noção de sujeito e a interligação com a forma-sujeito, posição-sujeito, memória discursiva, ideologia, formação ideológica e formação discursiva. Pêcheux (1975, p. 166), a partir do que propõe Althusser, considera a noção de ideologia fundamental para o desenvolvimento da noção de formação discursiva. Sendo assim, define a formação ideológica como um elemento capaz de intervir como uma força no confronto entre diferentes forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social. Por isso compreende-se que as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes e determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes.

Ao longo da dissertação, apresentamos sequências discursivas para ilustrar algumas das questões que são abordadas nesta pesquisa. No entanto, a análise propriamente dita será realizada no capítulo quatro, último desta dissertação, intitulado “A espetacularização da fé” momento em que trataremos a questão da linguagem relacionada às discursivizações no funcionamento do discurso religioso *da* e *na* televisão, sobre culpa, salvação e exploração

econômica. Questões essas que atravessam outras discursividades, como sobre o corpo, estabelecendo um jogo entre ciência, religião e mídia.

Após as análises que estão estruturadas em quatro recortes discursivos, apresentamos as considerações finais, como efeito de fechamento desta dissertação. Na sequência, estão dispostas as referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento deste estudo e, por fim, os anexos.

2 O DISCURSO RELIGIOSO DO E NO SUPORTE TELEVISIVO

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sitaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.
(PÊCHEUX, 2008, p. 53)

Neste capítulo trataremos do objeto de estudo e de sua inserção no campo discursivo, bem como apresentaremos noções que fundamentam esta pesquisa e que fazem parte do quadro de referência da análise de discurso.

Dessa forma, examinamos, inicialmente, as noções de campo e de domínio discursivo, procurando situar relações entre mídia e religião de modo que sobre essas recaiam várias questões que dizem respeito ao funcionamento dos sujeitos na sociedade.

2.1 Campo e domínio discursivo

O *campo discursivo*¹ é tratado como um conjunto de *formações discursivas* que se encontram em relação de concorrência, ao passo que uma demarcação é criada por meio da posição enunciativa própria de uma região. Segundo Maingueneau (1997, p. 116), o recorte dos campos deve acontecer por meio de hipóteses explícitas, e não de uma partição espontânea do universo discursivo, cujo autor o define como um conjunto irrepresentável e não concebido em sua totalidade pela análise de discurso.

Inserido no campo está o *espaço* discursivo, que se trata de recorte que o analista isola no interior de um campo discursivo, considerando os propósitos de análise.

Já o *domínio discursivo* compreende, segundo o autor, uma esfera da vida social ou institucional, tal como a esfera religiosa, na qual são dadas as práticas que organizam as formas de comunicação e suas estratégias de compreensão. Assim, a partir dos *domínios discursivos* são produzidos modelos de ação comunicativa que se transmitem de geração para

¹ As noções pertencentes à linha elegida como base teórica do nosso trabalho – a análise de discurso – serão apresentadas em grifo no decorrer de nosso trabalho.

geração, com propósitos e efeitos definidos. Em meio a vários *domínios discursivos*, entre os quais o jornalístico, o comercial, o industrial, está também o religioso.

A análise de discurso entende que o *domínio discursivo* também pode ser observado como um ponto de articulação e de confronto entre discursos dispostos em dois grandes eixos: *domínio de memória e domínio de atualidade*.

De acordo com Courtine (2009), pode-se pensar em dois eixos: a constituição do dizer (representado pelo eixo vertical) e a formulação (representado pelo eixo horizontal). E é no cruzamento desses eixos que se origina o dizer que determina a formulação.

Já no que concerne à memória discursiva, há que se ponderar que essa é constituída pelo esquecimento; portanto, quando enunciamos, estamos “resgatando” algo que já foi dito em algum momento, em algum lugar. Trata-se de formulações já feitas e esquecidas. A memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso, sendo que “algo fala em outro lugar de forma independente”, eis o saber discursivo.

O primeiro eixo corresponde aos dizeres já preexistentes, algo que já foi dito e que se definiu na história como próprio de um campo do saber ou de uma *formação discursiva*. Localizado na parte vertical da linha imaginária, é apontado como o eixo da dominação do *interdiscurso*, pois contribui para a historicidade dos sentidos. Nesse eixo situam-se, na fala do missionário R. R. Soares durante o programa Show da fé, transmitido na Rede Bandeirantes, outras formulações enunciadas (esquecidas e/ou lembradas), inscritas no discurso religioso, as quais retornam em forma de lições, ensinamentos de vida; reaparecem como inovadores, mas mantêm-se naquilo que é característico da Igreja, e que todo líder deve representar em seu discurso destinado aos fiéis, que é a disciplinarização e normatização de corpos.² “Quem foi curado, levanta a mão assim chegou o momento de você agradecer a vida. Diga assim: Senhor Deus, muito obrigado. Vamos aplaudir Jesus!” (Sábado, 26 de janeiro de 2013). Com isso, observamos o funcionamento do discurso outro, por meio do qual o missionário, ao ocupar o lugar de representante de Deus na terra, produz efeito de verdade. Ao levar em conta o seu interlocutor, R. R. Soares não só parece demonstrar conhecimento das necessidades de seu público, como também procura apontar caminhos para o êxito de suas vidas. A prática de

² Reportamo-nos a Castro (2009, p. 110), que afirma haver, em Foucault, dois usos do termo “disciplina”: o primeiro emprego está na ordem do saber (forma discursiva de controle da produção de novos discursos) e o segundo está na ordem do poder (conjunto de técnicas em virtude das quais os sistemas de poder têm por objetivo e resultado a singularização dos indivíduos).

exaltar as forças divinas é frequente e produz um efeito de aproximação, mais confiança e conduz novamente as ações dos fiéis.

Já no segundo eixo, conforme postula Courtine (2009, p. 74), estão os dizeres que coexistem, que estão sendo apresentados no momento. Na horizontalidade situamos o eixo de dominação do *intradiscurso*, constituído pelo enunciado composto por sequências discursivas. Esse é o espaço em que o sujeito se movimenta, estabelecendo a diferença entre o que se diz e o que está dito em outro lugar.

Para Courtine (2009), o *processo discursivo* está relacionado com uma memória, uma atualidade e uma antecipação. Com isso, as *sequências discursivas* são organizadas levando em conta certos domínios. O autor salienta que esses domínios são carregados de posições ideológicas de classe e podem se tornar pontos de referência para o enunciador. Da mesma forma, também não obedecem a uma ordem sequencial exata, pois a sucessão cronológica é intercalada com uma dimensão temporal específica (2009, p. 111).

Courtine também pontua algumas características específicas: *domínio de memória* – conjunto de *sequências discursivas* (SDS) que preexistem à *sequência discursiva de referência* (SDR) (Ibid. p. 111). É nesse espaço de redes de formulações que podem ser verificados os efeitos de lembrança, transformação, esquecimento, os já ditos; *domínio de atualidade* – conjunto de *sequências discursivas* coexistentes a uma SDR numa conjuntura histórica específica. As SDS se inscrevem na instância do acontecimento, a partir daí ocorre uma espécie de diálogo com o efeito de lembrança ou contradição. Nesse contexto, Courtine lembra que os efeitos de atualidade são reflexos dos resultados dos efeitos de memória; *domínio da antecipação* – sequências discursivas são sucessoras à SDR, considerando que algumas formulações armazenadas no intradiscurso estão ligadas a formulações que transmitem o efeito de antecipação. Esse domínio considera que, se existe um sempre-já do discurso, também haverá um sempre-ainda, marcando a não conclusão do processo discursivo; ao contrário, algo em constante transformação.

O conjunto de *formulações discursivas* que define o *campo discursivo*, objeto deste trabalho, se inscreve na categoria midiática por meio dos recortes do programa televisivo Show da fé, o que envolve, por sua vez, o *domínio religioso*.

A presente pesquisa teve como ponto de partida o universo discursivo midiático. Em seguida foi estabelecido um campo discursivo de referência definido pelo discurso

especificamente religioso do missionário R. R. Soares e dos fiéis da Igreja Internacional da Graça de Deus, o qual se qualifica como um *corpus* empírico.

Conforme Indursky (2013, p. 60), ao delimitarmos um *corpus* discursivo, mobiliza-se uma postura teórica da análise de discurso. A autora lembra que estabelecer um *campo discursivo* de referência não representa, necessariamente, a delimitação do *corpus* discursivo.

Ele representa o *espaço discursivo* a partir do qual o *corpus discursivo* propriamente dito será construído, através de sucessivas “coletas” que definem, num verdadeiro gesto analítico, o que pertence a um determinado *corpus discursivo* e o que dele está excluído. Tal coleta conduz o analista de discurso a identificar, no *corpus empírico*, sequências discursivas para integrar o *corpus discursivo*, na qualidade de objeto específico de análise (INDURSKY, 2013, p. 60 - grifos da autora).

O *corpus* discursivo é estruturado a partir das sequências discursivas organizadas por meio dos recortes. Cada recorte possui sequências discursivas integrantes do *domínio discursivo* que rege o *corpus* em questão. Indursky (2013, p. 61) salienta que a noção de recorte discursivo foi formulada por Orlandi (1983) com o objetivo de distinguir o gesto do linguista, que segmenta a frase, do gesto do analista do discurso, “que ao recortar uma sequência discursiva, recorta uma porção indissociável de linguagem e situação” (INDURSKY, 2013, p. 61).

O *campo discursivo* de referência deste trabalho dá-se no conjunto de discursividades reunidas num espaço cronológico que vai de 21 a 26 de janeiro de 2013, do qual tomaremos dos programas transmitidos as alocuções 01, 02, 03, 04 e 05 como objeto inicial de análise. Para tanto, tomamos sequências discursivas estruturadas, conforme uma *formação discursiva de referência*, a FD religiosa, caracterizadas pelas noções de *domínio de memória*, de *atualidade* e de *antecipação*. Essas sequências têm como locutores o missionário R. R. Soares e seus fiéis, que se inscrevem em determinadas posições ideológicas.

Para dar continuidade à nossa pesquisa, no próximo subitem trataremos sobre a relação mídia e religião como uma forma de introduzir o discurso religioso no suporte televisivo e sobre a questão da constituição do sentido imbricada à constituição do sujeito em dadas condições de produção.

2.2 Mídia e religião

Como qualquer outro “produto”, os programas televisivos não surgem do “acaso”, tampouco sem possuírem objetivos para serem atingidos. Diante da visão mercadológica que rege grande parte da sociedade, diferentes programas televisivos trabalham com objetivos bastante claros: o êxito e os altos índices de audiência.

Nesse sentido, se grande parte da sociedade está acostumada a ver imagens televisivas repletas de sensacionalismo, com forte apelo ao emocional nas mais diferentes áreas, há tempos acompanha tais manifestações inclusive no campo religioso. Cada vez mais igrejas, como as neopentecostais, especialmente a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), utilizam fortes estratégias comunicacionais, igualmente exploradas por outros programas televisivos. Um dos propósitos é ampliar o percentual de seguidores. Para isso, um dos recursos utilizados é o direcionamento efetivo aos desejos e anseios de grande parte da sociedade, demonstrando soluções para os problemas, para as dificuldades e a busca dos caminhos que conduzem ao “encontro da prosperidade”, por meio do discurso, que serve de lugar de inscrição do sujeito e, logo, de efeitos de sentidos.

Pesquisas históricas destacam os pioneiros no campo da comunicação religiosa: os evangélicos. Tudo começou no rádio, em 1940, quando apareceram no Brasil os primeiros programas evangélicos, sendo a Igreja Adventista do Sétimo Dia a pioneira nesse trabalho em nível nacional. O programa transmitido era "A voz da profecia", com a direção do Pr. Roberto Rabello. Inicialmente esses programas seguiam um modelo norte-americano, somente mais tarde passaram a ser idealizados por brasileiros. No pentecostalismo, o interesse pela mídia partiu da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com o programa “Minutos com Jesus”, entre outros. Em seguida, surgiu a Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e a Igreja Deus é Amor, veiculando programas de rádio em todo o país.

Na década de 1960 começaram a surgir os primeiros programas religiosos na televisão. Os adventistas saíram na frente com um programa em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. Em meados da década de 1960, o missionário Robert McAlister, da Igreja de Nova Vida, iniciou seu programa na TV Tupi/Rio, sendo o primeiro pentecostal a ingressar na televisão.

Com o propósito de realizar mudanças e criar um novo território, uma cultura diferenciada, surgiram, ao longo da história, os movimentos neopentecostais. Uma espécie de

concorrência, que ganha força e estima vitórias precocemente, numa sociedade capitalista e quase por completo messiânica.

Na prática, podemos observar esse aspecto de forma muito clara na religião. Desde o início da década de 1990, a concorrência entre católicos e evangélicos pelo ganho de fiéis tem alcançado dimensões cada vez maiores, e o uso dos meios de comunicação tem auxiliado nessa luta de grandezas, lucro e muito sucesso.

Em 1997, a Igreja Católica começava a dominar o rádio. Nesse mesmo ano, 181 emissoras de rádio passam a ser controladas por grupos católicos; 100 seguiam a Igreja Batista; 70, a Igreja Universal; 21 pertenciam à Igreja Adventista de Sétimo Dia.

O desafio e a missão, que se destacam em cada Igreja, são a busca por diferenciais. Cada instituição tenta, de todas as formas, mostrar a seus fiéis que possui características específicas e únicas. Tudo em razão da conquista de seu público e expansão de suas práticas.

Grigoletto (2003) em sua dissertação de mestrado realiza um trabalho de investigação sobre o funcionamento do discurso religioso no período chamado “Renovação carismática católica”, na década de 1970. Como base de sua pesquisa, a autora utiliza-se da constituição do “novo” no funcionamento desse discurso e trabalha com conceitos de imaginário, simbólico e pré-construído. Segundo ela, o propósito era verificar o que realmente havia de novo no discurso da Renovação carismática.

Por meio da noção de silêncio no discurso, Grigoletto (2003, p. 121) analisa o funcionamento das designações “Deus”, “Jesus” e “fiéis”. Também verifica as repetições dos dizeres durante uma consagração da Santa Missa, inscritas na FD católica, até chegar propriamente nas análises, como a do discurso do padre Marcelo Rossi, comparando-o com o discurso da Renovação carismática.

No trabalho, a autora verificou no discurso da Renovação carismática a preocupação com a constituição do “novo” sob o efeito do “velho”. O constatado foi um novo efeito de sentido: a transformação de Jesus em mercadoria e do fiel em consumidor. Tudo isso exposto num cenário em que o fiel atua na posição de dominado diante de um discurso religioso considerado autoritário, além da ocupação e expansão religiosa na mídia e por atravessamentos de dizeres constitutivos das igrejas pentecostais.

A necessidade de buscar novas alternativas para manter e ampliar seu número de fiéis provocou uma estratégia que remete o poder divino ao humano. Mas, afinal, a quem dedicamos fé? A Deus, a um padre ou a um pastor? Valendo-se da autoridade de líder

religioso, um representante de Deus na terra, ao mesmo tempo em que se apropria de um poder em prol de objetivos muito além do religioso, envolve também aspectos mercadológicos.³

Aos poucos, um novo espaço de discursividades sobre fé e cura começa a surgir, a igreja eletrônica. Uma denominação que surgiu na década de 1980 nos Estados Unidos, num contexto afetado pelos efeitos da Guerra do Vietnã, que provocou movimentações de religiosidade e misticismo entre muitas pessoas.

Muito mais que uma tentativa de incorporar um templo a um meio de comunicação e aproximar toda a comunidade de Deus, as igrejas eletrônicas concebem uma denominação muito mais centrada na espetacularização televisiva, como explica Assmann (1986, p. 18). Utilizando técnicas e recursos publicitários, esses programas acabam invadindo casas e mentes de milhares de pessoas a fim de atingirem um dos principais objetivos, a *persuasão*. Para comprovar isso, Assmann (1986, p. 20) destaca o conceito de *marketing* da fé, cuja mercadoria se (con)funde com a salvação, tão almejada pela maioria dos fiéis.

As igrejas eletrônicas constroem e configuram um espaço próprio, embora submetidas aos sistemas midiáticos. Desde os televangelistas norte-americanos até a atualidade brasileira, muitos fatores se alteraram, uma vez que as culturas sofreram “interferências”, provocando transformação no mundo todo.

Diante de tais fatores, nota-se que a religiosidade acaba se configurando em um paradigma de espetacularização, tratando a fé como espetacular, reunindo um jogo de imagens e sensações. O crescimento da espetacularização religiosa transforma cultos em verdadeiros shows,⁴ que não só emocionam como também contagiam e aproximam multidões em torno de objetivos comuns da sociedade. Com o propósito de transformar tudo em espetáculo, os integrantes da Igreja agem como atores e, por pregarem a salvação, tornam-se, aos olhos dos fiéis, seres dotados de dons especiais.

O fato é que, aos poucos, vários campos sociais encontraram na comunicação uma forte parceria para obter sucesso e aproximação com o povo. Na religião isso não seria diferente, uma vez que mais igrejas utilizam a mídia para expandir suas ideias, filosofias e práticas. Diante dessa perspectiva, o Show da fé, programa religioso da Igreja Internacional

³ Sobre esse assunto iremos aprofundar algumas questões no item 1.3.

⁴ Aprofundaremos esse conceito no item 2.3.

da Graça de Deus, busca se aproximar ao máximo das práticas e de toda a estrutura do culto televisivo, não só exaltam a imagem de R. R. Soares e de toda a sua Igreja, como também passam a interditar sujeitos.

Quanto à linguagem, percebe-se que no referido programa as palavras parecem atingir a todas as faixas etárias, sem grandes distinções. O que se intensifica, entretanto, é uma espécie de linguagem persuasiva, que possui como princípios básicos o convencimento e a aproximação do maior número de seguidores.

A publicidade ou, nesse caso, a “comercialização da religião” é, entretanto, perversa, pois privilegia a dramatização e a pedagogia. Ao trazer a figura do celestial, religiosa e dotada de compaixão interpela os sujeitos. Com a aproximação entre as tecnologias e o culto religioso, além da constituição da indústria da religião, a natureza da fé passa por transformações.

Nesse sentido, trazemos a primeira sequência discursiva de referência recortada do material de divulgação da campanha *Projeto de Vida 2013*, que se trata de uma prática realizada da seguinte forma: os membros da igreja eram convidados a retirar uma espécie de ficha que estava sendo oferecida; em seguida preenchê-la com seus pedidos, anseios e desejos para o ano de 2013. A ideia é que, durante todo o ano, o missionário e todos os fiéis estariam orando e pedindo a Deus para que as graças fossem alcançadas.

Cabe lembrar que, para Courtine (2009, p. 54-55), um conjunto de sequências discursivas define um *corpus*, estruturado a partir de um plano definido em relação a certo estado das condições de produção. Tal operação consiste em realizar, a partir dos objetivos da pesquisa, um gesto de leitura do analista, uma vez que a extração ou isolamento de sequências discursivas determinadas é resultado da delimitação do campo discursivo de referência e segue planos de estruturação variáveis.

No caso de nossa pesquisa, as sequências discursivas de referência (SDR) representam as análises tomadas da formação discursiva de referência – que é a formação discursiva religiosa atravessada pela formação discursiva capitalista (FDRC), ao passo que as demais sequências discursivas (SDS) constituem os recortes feitos das outras formações discursivas, aqui inscritas na formação discursiva capitalista (FDC).

De acordo com Indursky (1998), “uma sequência discursiva, pertencente a uma *família parafrástica*, inserida no bojo de uma *formação discursiva*, inscreve-se em uma *matriz de sentido*” (p. 190 - grifo da autora). Observaremos, na sequência, o atravessamento

da FDC na FDR. “A mudança de um domínio de saber implica a emergência de um efeito de sentido diferente, mobilizado por um *efeito-leitor* igualmente diverso. Ou seja, uma mesma sequência discursiva pode produzir diferentes efeitos de sentido, em virtude das diferentes subjetividades não-subjetivas que ela pode mobilizar” (INDUSRKY, 1998, p. 191 - grifo da autora).

Veja-se a seguir a SDR1, que permite observarmos esse movimento.

SDR1 – *Ore, leia a Palavra, medite nela e tome a sua decisão, assinando-a em o Nome de Jesus. Eu _____ faço o meu Projeto de Vida. O meu voto é ajudar a casa de Deus com R\$ _____.*

A primeira marca linguística que nos chama atenção é “ajudar a casa de Deus”. Antes de mais nada, “ajudar” implicaria desprendimento, doação do sujeito. Entretanto, “R\$” determina o desprendimento material, ou seja, ajuda financeira. Outros aspectos da vida do sujeito, como saúde, religiosidade, organizam-se sob a ideologia capitalista. Por outro lado, ressoa na memória dizeres do discurso religioso como “quem doa recebe”, “quem empresta a Deus será recompensado”, ou ainda, “é mais fácil um camelo passar por um orifício de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”. A doação, enquanto prática de sujeitos a serviço da religião que rege no imaginário da Igreja, é constituída sob a ideologia capitalista.

Observamos ainda na SDR1 que o emprego de verbos no imperativo “ore”, “leia”, “medite”, “tome” aparecem numa contiguidade em relação ao verbo ajudar a casa de Deus com certa quantia financeira. Para realizar o planejamento de vida, será preciso incluir doações. Para viver a fé, não basta orar, ler a Bíblia ou meditar, mas será necessário doar. Na verdade, o Projeto de Vida não é para beneficiar os membros da Igreja, mas para trazer ganhos às instituições.

Outra questão que merece ser destacada é a possibilidade de identificação com o público. Identidade essa que se torna uma simbologia tão simples, e ao mesmo tempo complexa. No caso do perfil do missionário R. R. Soares, a identidade criada é intensificada numa espécie de padrão fixo e inalterável para a maioria de seus seguidores, principalmente aos pastores da Igreja Internacional da Graça de Deus que seguem as crenças neopentecostais, que na imagem de R. R. Soares representa a presença divina na terra.

Ao representar o lugar do Senhor, o missionário vai muito além da tentativa de ocupar esse lugar, produz o imaginário social⁵ de que é capaz de atender aos anseios, às expectativas dos interlocutores. Nesse sentido, torna-se fundamental olhar para o discurso da religião sobre a vida num contexto mais amplo, a partir de um percurso histórico, de uma trajetória dos sentidos, tendo em vista que o discurso como lugar que une língua e ideologia mobiliza dizeres e sentidos, produzindo efeitos.

Quando tratamos sobre identidades, é preciso salientar que por serem constituídas por sujeitos não caracterizam um padrão estático, livre de modificações. Ao contrário, não são acabadas, e sim, transitórias. Um sujeito pode integrar diversas identidades, pois são inventadas constantemente, conforme explica Bauman (2005, p. 21-22):

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Ainda que se tenha conhecimento de uma identidade nacional, algo que, de certa forma, foi imposto pela sociedade desde o nascimento dos indivíduos, e está presente no imaginário social expressando-se pelas ideologias, não há como garantir a sua permanência fixa. Afinal, os sujeitos, quando não aceitam pertencer a determinado lugar, buscam nova identidade. Por isso, pode ser percebido o foco do trabalho de instituições como a igreja que reúne multidões de seguidores com objetivos comuns, originando ao mesmo tempo símbolos coletivos que alimentam o imaginário social. “A percepção de uma ‘identidade’, que aglutina os indivíduos em aspirações e sonhos comuns, constrói-se por meio desses símbolos que circulam no espaço social” (GREGOLIN, 2003, p. 98).

No mesmo sentido, a autora postula que a mídia produz sentido por meio de um conjunto formado por figuras, sínteses narrativas e representações que irão constituir o imaginário social. Numa análise do funcionamento do discurso na mídia é possível observar de forma mais clara as questões de memória e imaginário.⁶

⁵ Sobre o imaginário iremos tratar no capítulo 3, item 3.1 deste trabalho.

⁶ Retomaremos essas noções no interior deste trabalho, mais especificamente no próximo capítulo.

Considerando a função de construtora de imagens simbólicas, a mídia participa do processo de construção do imaginário social, através do qual os indivíduos se percebem em relação a si próprios e em relação aos outros. Gregolin (2003, p. 97) cita Baczko (1984), “[...] é por meio do *imaginário* que se podem atingir as *aspirações*, os *medos* e as *esperanças* de um *povo*. [...] o imaginário se *expressa* por *ideologias* e utopias, que se materializam em símbolos, alegorias, *rituais* e mitos” (grifo nosso).

Todas essas manifestações podem ser identificadas no processo discursivo. Segundo Pêcheux (1990), no discurso existe um sujeito A e um destinatário B, ambos se encontram em lugares determinados na estrutura de uma formação social, assim, em constante transformação. A partir daí surgem os “efeitos de sentido”, sendo que os sentidos são produzidos pelo imaginário social e, por isso, resultado das relações entre poder e sentidos. O que vemos na SDR1 é a busca por adesão à proposta da Igreja, ou seja, o lugar social do missionário e dos fiéis, mesmo que ambos se identifiquem com o discurso da FD religiosa, não é o mesmo.

Levando em conta a citação, afirmamos que R. R. Soares projeta um discurso específico a seus interlocutores, neste caso os fiéis, produzindo imaginário sobre o significado de estar inserido na religião. O sujeito da religião, ao antecipar-se diante dos anseios do público, pode também antecipar sua reação. Na prática de um culto religioso televisivo, o fato de o missionário direcionar seu discurso a sujeitos geralmente fragilizados e em determinadas circunstâncias (de enfermidade, ruína, desespero, descrença) leva-os, dentro de dadas condições de produção,⁷ à aceitação do que é produzido nesse espaço.

Conforme Sodré (1983), um grupo de imagens de destaque que conseguem conquistar uma coletividade traduz uma relevância histórica, construindo símbolos coletivos que alimentam o imaginário em um processo de reconstru o, manipula o e até mesmo recria o do mundo real. Na análise de discurso, esses símbolos fazem parte do *interdiscurso* e podem representar um discurso específico, atenuar as fronteiras entre um e outro dizer. As institui es, tais como a igreja, já possuem um todo simbólico, contudo pelo imaginário   que se ampliam as redes de significa es.

Cabe registrar que, de acordo com Pêcheux (1997, p. 165), “a região do materialismo histórico que diz respeito   a da superestrutura ideológica em sua liga o com o modo de produ o que domina a forma o social considerada”. Em outras palavras, a superestrutura

⁷ Sobre as condi es de produ o, confira o item 4.2.

ideológica, ligada ao modo de produção, caracteriza a sociedade contemporânea. Diante disso, observamos no campo religioso que a crença pode funcionar como aliada na expansão de práticas que visam à conquista de público, audiência e sucesso no mercado, ou seja, emerge no discurso da religião o que já existe na prática: determinações ideológicas que remetem às condições mercadológicas regidas pela formação social capitalista que nos constitui enquanto sujeitos.

Tais práticas podem estar ligadas a determinados interesses, por meio dos quais se percebem manifestações ideológicas. No caso do campo religioso, o público de fiéis participa dos cultos com objetivos comuns ou muito semelhantes, ou seja, de um modo geral, busca por satisfação de interesses imediatos os que dizem respeito aos interesses particulares, o que, no nosso entendimento, pode configurar, igualmente, a identificação à ideologia capitalista. Por isso, tanto com os que estão no auditório participando ao vivo quanto os que acompanham o programa em suas casas encontram-se inscritos na mesma FD.

O processo discursivo observado neste estudo, que trata especificamente do discurso religioso na mídia, leva em conta a formação discursiva religiosa, responsável por integrar o líder religioso a seus fiéis. Com base no princípio da FD que rege “aquilo que pode e deve ser dito” num discurso, permite-nos observar a posição-sujeito ocupada pelo líder religioso identificada à forma-sujeito da FD religiosa vem fortemente atravessada pela FD capitalista.

Para a análise do discurso, quando falamos em sujeito histórico, resgatamos a ideia de ilusão da unidade do sujeito. Nessa relação percebemos o que Pêcheux (2009, p. 123) chamou de “assujeitamento” pela ilusão de autonomia constitutiva do sujeito, como se ele “funcionasse por si próprio”. Esse assujeitamento se desenvolve no inconsciente e leva em conta a ideologia, que interpela os indivíduos em sujeitos.

Com base em tais considerações, trazemos a citação de Indursky:

[...] quando, na mídia, passa-se do locutor e/ou enunciador para sujeitos historicamente constituídos, apenas uma parte do enunciado formal faz-se presente. A outra fica interdita pela FD em que o sujeito se inscreve. Vale dizer: a argumentação, ao passar do fio do discurso para o discurso, desestruturase. Apenas o Interdiscurso, lugar da memória do dizer, pode reunir o que as FD separam (2003, p. 57).

Para melhor vislumbrarmos como se organiza a argumentação nesse processo discursivo, construímos os recortes discursivos formados a partir dos diferentes quadros do programa Show da fé, em que mobilizaremos diversas noções que compõem o aparato

teórico-analítico, a fim de explorar na análise. Nesse caso, a fim de situar o leitor sobre a materialidade na/da televisão, espaço específico onde realizamos a pesquisa, elaboramos o quadro a seguir, de modo que os recortes que compuseram a base para a seleção das sequências discursivas e a análise aconteceram a partir de material recolhido nos quadros do referido programa e assim distribuídos:

Quadros do programa Show da fé	Descrição
1. Testemunhos concedidos ao vivo no programa.	No auditório, testemunhos de fiéis sobre motivos da fé e confiança na Igreja Internacional da Graça: curas, conquistas de trabalhos e outros benefícios. R. R. Soares é quem solicita as manifestações de quem se sentiu “tocado pela palavra” e percebeu melhorias em sua vida após a oração feita pelo próprio missionário.
2. Depoimentos gravados: “Novela da Vida Real”.	Relatos sobre transformação de vida. A eliminação de vícios, problemas de saúde, financeiros e outros, reforçando o bem que Deus (consequentemente o programa) pode oferecer. Nesse momento, faz-se a reconstituição de fatos pelos próprios integrantes da família. No desfecho, a exibição de imagem de uma família feliz e realizada após continuar frequentando a IIGD.
3. Entrevistas: “Momento Nossa TV Brasileira”.	Esse quadro exhibe abertamente os objetivos comerciais por parte da IIGD, que possui um canal televisivo.
4. Depoimento: “Abrindo o coração”.	Nesse momento, os telespectadores, das mais diversas cidades do país, enviam cartas ao programa, contando suas histórias e angústias. Após a leitura, o missionário se pronuncia fazendo um direcionamento especial à pessoa que está passando por um momento difícil e também a todos os que estão enfrentando a mesma situação.

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro-síntese 1 (QS 1): Instância discursiva dos fiéis⁸

⁸ Entendemos por instância discursiva dos fiéis os momentos de manifestação dos seguidores de R. R. Soares, os quais estruturam os diferentes quadros do programa Show da fé, reafirmando o discurso do missionário.

Esse quadro ilustra as condições de produção do discurso e a instância em que as sequências discursivas foram recortadas, tendo por base discursividades dos fiéis e do representante da Igreja com suas respectivas posições-sujeito.

É preciso considerar ainda, pela descrição dos quadros do programa, que a organização segue um ritual, que persegue dois temas: a salvação e a prosperidade. Dispondo de um espaço midiático, o discurso religioso exalta características referentes ao poder de sua igreja, assim como os benefícios e diferenciais para quem estiver inserido nela. Essa configuração representa a coexistência entre o imaginário social sobre a religião e o imaginário da igreja sobre o sujeito inscrito na religião.

Essa identidade do processo discursivo se constitui “pelo viés de inúmeras formulações produzidas em tempos diversos e dispersas espacialmente, e não no fio do discurso” (INDURSKY, 2003, p. 58). Dessa maneira, algo que vem sendo proferido e intensificado com os testemunhos dos fiéis e no dizer do missionário deve levar em consideração, pelo analista, o fato de que no discurso o indivíduo está sempre em relação com a ideologia, a qual o interpela, o torna sujeito e o faz acreditar em si a origem do dizer.

Tais argumentos, ancorados no suporte da mídia, acabam por reproduzir um formato de verdade indiscutível; assim, tanto o líder religioso como a Igreja Internacional da Graça atingem seus objetivos e conquistam cada vez mais significativos públicos em nome da ideologia capitalista. Afinal, estamos lidando com falas de sujeitos na perspectiva discursiva, por meio da qual a opacidade e a heterogeneidade sempre se sobressairão em relação às imaginadas estabilizadas.

Confira a seguir as reflexões sobre a sedução e a conquista do público através do show e o discurso da cura e salvação.

2.3 A religião na cultura do espetáculo

Se, por um lado, o discurso religioso tem a função de comunicar, informar sobre os diferentes assuntos, por outro, sabe-se que essa manifestação pode ir além, pode apresentar-se revestido de suposta autoridade e poder, fabricar relatos e vendê-los, tornando-se um objeto de espetáculo. Isso porque o aspecto político, levando em conta a marca da luta incessante pelo poder (GREGOLIN, 2003), transforma palavras em comércio. Portanto dois discursos: o

religioso e o midiático numa realidade imersa na cultura do espetáculo, a qual mascara e impõe riscos de alienação.

Com base nisso, podemos chegar ao conceito enfatizado, primeiramente, em 1967, pelo filósofo Guy Debord: “sociedade do espetáculo”, o qual obteve êxito, não porque mostrou simplesmente o poder que as imagens poderiam ter sobre as palavras, mas também pela união entre fortes palavras e imagens. Assim pode se tornar um referencial no domínio e no controle social através de programas televisivos que utilizam o poder da retórica como forte aliado na busca pelo sucesso e, conseqüentemente, pela audiência.

Segundo Debord (1997, p. 14), o espetáculo deve ser encarado como uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana (DEBORD, 1997, p. 18).

No caso da investigação em torno do espetáculo sustentado nos meios de comunicação, Pêcheux já tratava do assunto em 1983 em sua obra *Discurso. Estrutura ou acontecimento*. Enquanto o bem valoroso da grande imprensa é a informação (também envolvida em um processo mercadológico), o discurso religioso na mídia conduz a informação para a conquista de outro atrativo, a salvação.

Entre esse e outros aspectos, comumente é observada nos programas televisivos a técnica do *show*, assim como o comandado por R. R. Soares em seu programa televisivo.

A designação “show”, conforme o dicionário Oxford (2003, p. 592), de origem inglesa, é empregada para referir-se a “1. Espetáculo, função 2. Exposição, feira 3. demonstração, alarde: a show of force – uma demonstração de força; to make a show of sth – fazer alarde de algo”. Desse modo, é a forma escrita para designar teatralização, encenação. Dizendo de outro modo, a religião está em crise e busca incessantemente um suporte diferencial para conquistar mais fiéis. No que diz respeito ao nosso *corpus*, a instituição busca força na mídia através da linguagem. A televisão traz à cena o familiar e reproduz o espetáculo da vida. Ao mesmo tempo mostra também o volátil e a “comercialização da religião”.

O fato é que, nos últimos anos, a mídia se revestiu da aura religiosa. Com isso, a TV ascendeu à categoria divina ao assumir para si atributos que antes eram reservados a Deus: onipresença, onisciência e onipotência. A escatologia religiosa que, em outros tempos, projetava para o futuro a plena redenção dos fiéis, e rejeitava a modernidade e seu processo tecnológico, foi, em grande parte, abandonada pela religião na mídia. Em sintonia, mídia e religião compartilham o contexto espetacular, no qual vivem, se movem e existem (RAMOS, 2007, p. 189).

Entretanto, nem tudo o que vemos significa realmente a verdade pura e indiscutível. Muito do que nos é mostrado na rua, nas lojas, nas empresas e em qualquer outro lugar, inclusive nas igrejas, pode não ser considerado confiável. Debord (1997), quando cita a demonstração de uma realidade que não é exatamente igual a que se quer mostrar, destaca os termos fetichismo e voyeurismo como formas de atingir o que se quer, ou de preservar o que se tem por motivos que não combinam com o esperado. O autor considera o voyeurismo o ato de olhar o que os outros são ou aparentam ser.

Com o intuito de ampliar a ideia de salvação através do culto e da fé, muitas religiões encontraram na mídia uma importante aliada. A televisão, possuidora de grande abrangência sobre as mais diferentes camadas sociais, atinge as variadas comunidades, o que pode gerar uma espécie de pregação midiática. Na sua vigilância diária exacerbada, a mídia tornou-se um lugar de estabilização de sentidos sobre a realidade, e não seria diferente ao tratar de religião, uma vez que a articulação de dizeres já falados, em outros contextos é atualizada.

Por meio de um discurso forte, feito em tom de voz alto, acompanhado por trilhas sonoras e uma linguagem simples e comovente, como é o caso dos quadros do programa Show da fé, o culto religioso na mídia se representa como um processo harmonioso e de cumplicidade.

Por esse clima, o público convidado tem a ilusão de se sentir mais próximo e presente no culto pela própria participação que acontece de forma constante nos momentos solicitados pelo missionário. No caso do Show da fé ser transmitido ao vivo, esse fator se intensifica, estendendo a interação por parte dos telespectadores por meio do telefone ou *e-mail*.

O fato de transmitir um programa no mesmo momento em que o telespectador o acompanha, valendo-se do formato “ao vivo”, remete à ideia de “presença” instantânea, mesmo estando a milhares de quilômetros observando tudo por uma simples tela. Esse tipo de programação segue o princípio de que “a vida é ao vivo” e, por isso, a mídia precisa se aproximar ao máximo de seu público e transmitir a sensação de ser uma companhia “real”

capaz de interagir no mesmo tempo que seu telespectador o acompanha, e atingir seus anseios, garantindo a satisfação e a audiência.

No caso do programa religioso em análise, os fiéis se tornam ao mesmo tempo clientes, consumidores dos serviços oferecidos pela igreja. Por receber destaque em um canal televisivo em horário nobre, o programa recebe uma conotação de veracidade indiscutível, que deve ser seguida, principalmente respeitada.

Outro fator responsável pela sedução do público é o discurso da cura e da salvação. Por meio de fortes rituais de oração e promessas de libertação, R. R. Soares atrai a atenção de seus fiéis. O missionário também transfere para si a responsabilidade e o dom, pois, “mesmo que os custos fossem altíssimos, em dezembro de 1997, pela primeira vez na televisão brasileira, alguém falava de Cristo durante o horário nobre” (Ongrace – Acesso em 15 de maio de 2013). O mesmo *site* da Igreja Internacional da Graça e do programa Show da Fé informa que milhões de pessoas foram salvas pelo poder de Deus, e que os milagres começaram a acontecer durante o programa “Show da Fé”:

A manifestação de Seu poder era evidente através da libertação e da cura de várias doenças. Cumpria-se, então, a Palavra que Deus havia falado ao seu coração quando recusou a bolsa de estudos para atender ao chamado ministerial: como pastor, ele seria usado para curar muito mais pessoas, e ainda as levaria para o céu (www.ongrace.com.br).

Embora retornemos às questões da cura e da salvação no decorrer deste trabalho, vale ressaltar, de acordo com a citação, que é conferido ao representante divino o dom de libertar, curar e conduzir as pessoas para o céu por meio da palavra. Apesar de certas invariâncias sobre o serviço da fé, cabe registrar que a espetacularização da religião, provocada pela mídia, produz efeitos de (des)estabilização, proliferação de discursos e de construção de sentidos na sociedade ao transformar os fiéis, as suas angústias em cenários e olhares.

A fim de entender um pouco mais sobre esse processo, no próximo item conheça mais sobre os propósitos do neopentecostalismo.

2.4 O neopentecostalismo e o panorama da Igreja Internacional da Graça

A Igreja Internacional da Graça de Deus foi fundada em 1980 e tem como seu representante o missionário Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como R. R. Soares, que carrega consigo o seguinte lema: “Deus detesta a pobreza e ele mesmo criou condições para a prosperidade de seu povo.” O missionário alega que quem não alcançou essa prosperidade é porque ainda não se converteu e continua preso aos demônios. Mas se houver a conversão, esses encontrarão a prosperidade.

Romildo e seu cunhado Edir Macedo saíram em 1975 da Igreja Nova Vida e fundaram o Salão da Fé. No ano seguinte, criaram a Igreja da Bênção, que funcionava numa antiga funerária. Até que em 1977 resolveram modificar o nome, agora ao invés de Igreja da Bênção, chama-se Igreja Universal do Reino de Deus. Contudo, em 1980, a parceria acabou quando R. R. Soares resolveu fundar a Igreja Internacional da Graça, que aos poucos foi conquistando e dominando um grande espaço.

Um dos aspectos marcantes que caracteriza as pregações da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) é a luta contra as religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé. R. R. Soares, o missionário representante dessa religião, se diferencia por preferir a televisão, ao passo que outros pentecostais e neopentecostais optam quase sempre pelo rádio ou pelo jornal. Dentre seus ideais, destaca-se a criação de um programa televisivo religioso. E faz questão de lembrar suas antigas profissões: engraxate, sapateiro, operador de cinema. Um dos seus dizeres favoritos se caracteriza por frases de impacto: “Diabo, você errou o endereço. Em mim não. Eu sou uma pessoa resgatada”; “Eu compro essa briga com o diabo”. Observamos em suas afirmações um dizer marcado pela contradição, de modo que o esperado conviva com o estranho, pelo efeito do pré-construído que emerge à sua revelia e o aproxima dos saberes da FD religiosa: Deus e demônio não comungam os mesmos interesses. E, então, “pessoa resgatada” por quem?

Em 1999, a Igreja Internacional da Graça de Deus já obtinha grande reconhecimento e um grande número de fiéis e seguidores das práticas neopentecostais. Diante de tanto sucesso, surgiu a Rede Internacional de Televisão (RIT), composta por editora, rádio, gravadora e *site*, totalizando inicialmente oito emissoras e mais de 62 canais de RTV. Desse modo, a IIGD tornou-se uma instituição neopentecostal que representa inovação no movimento pentecostal, sendo uma das premissas a recompensa divina, que pode e deve ser obtida ainda na vida

terrena e não somente após a morte, ou seja, o discurso da religião em análise funciona sob as condições ideológicas, determinadas pela forma-sujeito do capitalismo, a qual traz a fé como objeto de consumo subordinado à ordem da mídia (mercadológica).

Na maioria dos casos, as igrejas neopentecostais são dirigidas por pessoas que antes atuavam no pentecostalismo ou protestantismo. Entre as características marcantes está a simpatia e o foco em multiplicar os templos e contribuir incessantemente na expansão da Igreja. Nesse contexto, Mariano assinala:

[...] as igrejas neopentecostais revelam-se, entre as pentecostais, as mais inclinadas a acomodarem-se à sociedade abrangente e a seus valores, interesses e práticas. Daí seus cultos basearem-se na oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho terapêutico e taumatúrgico, centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade (2004, p. 124).

Em relação ao valor financeiro, a Igreja Internacional da Graça de Deus, e por consequência o Show da fé, reitera a todo o momento a importância da contribuição através do dízimo (dever sagrado). Segundo os princípios da Igreja, ao que se paga, pode-se “cobrar de Deus” as melhorias desejadas na vida.

Igrejas como a Internacional da Graça de Deus estão ancoradas na teologia da prosperidade (TP). Segundo Oro (1996, p. 86), a TP possibilita aos fiéis ascenderem socialmente ou aos que anseiam por esse crescimento. É a chance de usufruir as chamadas “coisas boas do mundo”, como boas condições de vida, prosperidade com bens materiais, sem dramas na consciência.

Muito além de demonstrar preocupação com os problemas e males da humanidade, a Igreja Internacional da Graça de Deus compromete-se oferecer a cura divina diante dos mais variados tipos de doença, os quais costumam ser tratados pela medicina. De acordo com o segmento, a causa de tais males são originados e associados ao demônio: “O diabo não é somente a antítese (o arquiinimigo de Deus). Ele é a encarnação do Mal, uma presença constante (e ameaçadora) na vida e no cotidiano das pessoas” (BARROS, 1995, p. 146).

Nessa configuração, a Igreja prega que as pessoas não escolhem o mal, mas são afetadas, “possuídas” por ele. Não podemos esquecer, entretanto, que a ideologia “é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários” (ORLANDI, 1996b, p. 31). Sendo assim, a

ideologia é historicamente determinada no imaginário social e torna as coisas algo “natural”. É como se não houvesse responsabilidade por parte de quem enfrenta uma fase de problemas e isso estivesse suscetível de ocorrer com qualquer indivíduo.

2.4.1 O discurso da cura: a dominação na voz do missionário

Dando prosseguimento ao que estabelecemos acerca do discurso religioso no suporte televisivo, interessa-nos aqui abordar o discurso sobre a cura, proveniente da figura central do programa e principalmente da Igreja Internacional da Graça de Deus. Aqui faremos alguns comentários a respeito dessa questão. Mais adiante, voltaremos a abordar os modos pelos quais o discurso da cura no discurso religioso se entrecruza ao discurso da ciência, verificando o desdobramento do sujeito entre várias posições e os conflitos que isso pode instaurar na produção do discurso.

Vejamos agora o eixo que nos interessa – a dominação –, lembrando, porém, que a reflexão sobre a dominação é entendida como o modo de a religião interpelar o sujeito, o qual exerce um discurso que passa pelo corpo, já que no corpo se mostram as angústias, as necessidades, as correções, até mesmo a possessão e a cura dos sujeitos. Nesse sentido, torna-se fundamental olhar para o discurso religioso, tendo em vista que em cada momento da história os sujeitos sofrem determinações ideológicas.

Conforme Orlandi (1996b, p. 138), “há diferentes ordens de discurso – científico, religioso, jurídico, etc. – havendo assim diferentes modos de interpretação [...]. Ainda quando há interdição de interpretação, há espaço de trabalho do sujeito e da história na relação com os sentidos”. Para trabalhar o discurso em questão, cabe registrar que, além de apresentador do Show da fé, R. R. Soares também realiza cultos em várias regiões do Brasil e do mundo, responsabilizando-se por transmitir “mensagens divinas” a toda a comunidade. Nos templos da igreja, espalhados pelo mundo inteiro, os pastores fazem referência a R. R. Soares a todo o momento.

Certamente que estar sempre vestido com terno, gravata e sapatos de cores discretas, utilizando uma linguagem simples, carinhosa e atenciosa, o missionário comove a maioria dos fiéis das mais diversas idades presentes no programa, os quais prestam uma atenção constante em cada palavra mencionada por ele. Mas aqui (tomando todo esse conjunto que envolve o sujeito que conduz o programa como materialidade discursiva) podemos lembrar o que diz

Orlandi (1996b, p. 138): “Há sempre uma exterioridade constitutiva: o interdiscurso, a memória, um ‘já dito’ anterior e exterior a existência de qualquer dizer.”

Se durante os programas, mesmo falando para um grande público, o missionário busca aproximar-se de cada fiel pelo posicionamento no palco, por movimentos constantes ancorados no olhar em sintonia com a fala, é porque o faz sob o imaginário de certa posição-sujeito a ser ocupada na Igreja. Logo, olhar para várias pessoas como se estivesse conversando com cada uma em particular, ao mesmo tempo em que fala sobre fé, esperança e bênção a todos os fiéis presentes no auditório e aos que acompanham o culto-programa pela televisão em suas casas, pode significar liderança, controle.

O missionário conduz o programa prendendo a atenção do público. Para tanto, faz uso de várias técnicas, dentre as quais se destaca a forte oração, momento em que convoca todos para que se concentrem e demonstrem a fé. Conforme R. R. Soares, “esse é o momento em que as forças se unem e através de seu poder intercedido por Deus, é possível concretizar milagres como a cura e a libertação”. Esse processo é marcado por uma espécie de ritual que, segundo Foucault (2001, p. 38), define as características específicas que os sujeitos devem possuir quando falam.

[...] e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado. [...] define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem (FOUCAULT, 2001, p. 38-39).

Tais rituais produzem ilusão de poder ao discurso e submissão por parte da maioria dos fiéis.

Como forma de exemplificar ou na tentativa de comprovar a veracidade do funcionamento do seu discurso da cura pela religião e explicar o modo como o enunciador R. R. Soares explora a questão do sujeito (pelo corpo), trazemos no interior desta dissertação um quadro com depoimentos e testemunhos de vida de alguns fiéis que afirmam ter experimentado melhorias em suas vidas e até mesmo a cura de diversas doenças e outros males. Desse modo, a ideologia dominante da Igreja Internacional da Graça de Deus gera a concepção de que a cura não é poder dos homens, mas obra divina.

Entretanto, o que prevalece, para a maioria dos fiéis, é a certeza de que tudo isso é possível, porque faz parte da IIGD e principalmente porque “o missionário falou”. “*A Igreja*

da Graça pra falar a verdade eu conheci pelo nosso Missionário R. R. Soares, né, pela televisão. Daí gostei” (D. C. sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso). O sujeito da enunciação não fala de qualquer lugar, ou seja, R. R. Soares, ao falar no lugar do missionário da Igreja Internacional da Graça, mesmo que seja no programa televisivo Show da fé, produz determinado imaginário sobre sucesso, paz e melhorias na vida. Isso porque, segundo Orlandi (2001, p. 42), “o imaginário faz necessariamente parte da linguagem. Ele é eficaz [...] assenta-se num modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder”. Logo, quando o sujeito do discurso diz ser a religião a entidade Igreja Internacional da Graça que faz a diferença, pois possui pessoas engajadas em fazer o bem, é porque está transferindo para si um “poder”, levando os fiéis a acreditarem que serão auxiliados sempre que necessitarem.

Nesse contexto da busca pela cura, do bem-estar e da qualidade de vida cria-se o contraponto entre fé (pastoralismo, missão/pastor, missionário) *versus* ciência (medicina, conhecimento/médico, cientista). Uma perspectiva em que, por meio de rituais, promessas e demonstrações de cura, se sobressai a fé em detrimento da ciência em muitos casos.

Conforme Foucault (1987, p. 119), na sociedade moderna o poder está ligado essencialmente ao corpo, sendo sobre este impostas obrigações, limitações e proibições. Outra característica trazida pelo autor é a docilidade, sendo dócil o corpo que pode ser submetido, utilizado e até mesmo transformado, tudo em função do poder. Esse controle vem desde o século XVII, com a descoberta do corpo como objeto transformável. Tais poderes se firmam em diferentes campos – político, prisional, instituições privadas – e se manifestam também nas entidades religiosas.

Além disso, o sujeito fala de um lugar social onde é afetado por relações de poder. R. R. Soares parece não fazer esforço para observar a submissão de seus fiéis que lhe confiam seus problemas, suas histórias, conquistas e angústias. Ao tratamento confere um nível maior de respeito, levando em conta que o missionário é, além de uma autoridade religiosa, um líder espiritual.

Neste caso resgatamos Pêcheux (1995) quando diz que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se dá através da identificação com a respectiva formação discursiva que o constitui, o que gera a impressão de que ele sempre foi sujeito, e essa autonomia provoca a ilusão de que ele é a fonte de seu dizer. Retomaremos essa reflexão mais adiante no item 2.1 deste trabalho.

Em contraponto ao âmbito de tal liderança, observa-se também que na religião o que se manifesta é a onipotência do silêncio divino. Nesse sentido, Orlandi (1997, p. 30) aponta que “na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar uma fala específica: a de sua espiritualidade”.

Com essa afirmação a autora reformula o seu conceito de discurso religioso, não sendo mais “aquele em que fala a voz de Deus”, passando para “aquele em que o homem faz falar a voz de Deus”, utilizando-se do silêncio. Na mesma reflexão, Grigoletto (2003) pontua: “[...] o locutor autorizado a falar a voz de Deus, oscila, no nosso entendimento, entre os dois planos: ora ele pertence ao plano temporal, igualando-se aos homens, ora ele pertence ao plano divino, igualando-se a Deus” (2003, p. 40). A autora complementa ainda que o intervalo desses discursos é preenchido pelo silêncio e por relações imaginárias e simbólicas.

Orlandi (1996) define o discurso religioso como um discurso autoritário em que há apenas uma ilusão de reversibilidade entre locutor e ouvinte. A autora aborda as estruturas discursivas, as quais organizam as estratégias de configuração dos mecanismos de persuasão através da linguagem. Tais estruturas envolvem o discurso e sua tipologia, sendo que a persuasão pode aparecer na forma do discurso polêmico e autoritário que se definem a partir de conceitos, como a reversibilidade, e do grau de paráfrase e polissemia nas FD. Veja um exemplo com a marca do autoritarismo de R. R. Soares: “*Olha pra mim agora, não senta não que Deus vai curar. Quem não podia levantar os braços, levante ambos agora em nome de Jesus, quem não podia fazer isso, pode fazer*” (Quarta-feira, 23 de janeiro de 2013).

Caracterizado como um lugar onde “o homem faz falar a voz de Deus”, o discurso religioso possui, conforme a autora, marcas de desnivelamento entre locutor e ouvinte. Neste caso, R. R. Soares é quem interpreta a missão de “transmitir a palavra”, como um verdadeiro representante de Deus na terra.

Na maioria das igrejas percebe-se que o momento de silêncio é concedido para a reflexão e o “encontro com Deus”. No Show da fé, apresentado pelo líder religioso, isso tudo se torna ainda mais evidente. O silêncio é mantido em basicamente todos os momentos em que R. R. Soares fala, transmitindo uma ideia de respeito mais forte ao missionário, tratado como alguém especial, dotado de virtudes e com a missão de transmitir sempre a verdade por meio de suas orientações.

Após seus pronunciamentos, R. R. Soares não só abre espaço, mas também conclama os fiéis em vários momentos para que se manifestem anunciando as melhorias e até mesmo

curas que obtiveram em suas vidas. Da mesma forma, não mede esforços para que seus seguidores se exponham e demonstrem a localização de suas dores, como dificuldade para caminhar e/ou mudanças ocorridas após o contato com a bênção do missionário.

Se grandioso é o poder de sua fala, que parece se encaixar perfeitamente aos propósitos da entidade religiosa e aos princípios e anseios dos fiéis que acompanham seu programa e suas orientações, não obstante há de se mencionar que o missionário faz solicitações para que as pessoas não somente ingressem na igreja, mas que passem a usufruir de sua linha de produtos e serviços, utilizando expressões com forte poder de retórica, buscando convencer sobre a importância de tais escolhas.

Esse processo é muito mais complexo que o esquema linear trabalhado na comunicação, no qual há um emissor, um receptor e uma mensagem a ser transmitida através da relação de estímulo e resposta, em que alguém toma a palavra e transmite uma mensagem tendo por base a língua e o outro responde. Pêcheux ([1969], 1997), ao criticar o esquema de comunicação de Jakobson, explica que o discurso é muito mais que a transmissão de informação, é o efeito de sentidos entre locutores.

[...] A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] esses lugares encontram-se representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo [...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (PÊCHEUX, 1993, p. 82).

As práticas discursivas trabalham para que o efeito de sentido constituído produza a ilusão de um sentido único. Conforme Indursky (2013, p. 41), essas duas ilusões remetem para a questão da constituição ideológica e psíquica do sujeito do discurso. Sendo assim, sua interpelação como sujeito relaciona-se ao imaginário e sua estruturação como sujeito se dá através da relação com o simbólico. Nesse processo, a estratégia do discurso é definida como a antecipação, considerada como a capacidade de o locutor “prever” as respostas de seu receptor.

No entanto, tal antecipação no discurso de seu interlocutor pode ser um indicativo de uma relação de força, através da qual a reprodução e a transformação ocorram de um modo capaz de impedir a percepção de que haja dois lugares sociais bem demarcados: do dominador e do dominado. Nesse sentido, curar não significa curar, mas dominar.

O próximo subtítulo irá abordar a importância do discurso dos interlocutores de R. R. Soares.

2.4.2 Discursividade de fiéis no Show da fé

Como diz um famoso ditado: “A fé pode mover montanhas”, de certa forma pode-se considerar esse dito popular como verídico, se analisarmos o poder que a fé exerce sobre grande parte dos seres humanos. Independentemente de religião, o fato de acreditar em algo, confiar e ter certeza de que algum tipo de ajuda “divina” ajudará a muitos a agirem de forma diferenciada diante dos fatos do cotidiano.

Muitos acreditam ser a fé fundamental para a sobrevivência; pois, a partir dela, diminuem o medo e a ansiedade. Por outro lado, essas mesmas pessoas mal imaginam que podem estar a serviço de fins mercadológicos inteiramente ligados à mídia, principal arma na conquista pela maior fatia do “mercado religioso”. Essa “contribuição” pode ser identificada pelo discurso dos fiéis, como iremos observar mais adiante na análise das sequências discursivas.

Desse modo é que realizamos um gesto de análise sobre discursividades de fiéis, na tentativa de perceber movimentos de sentidos que realizam na materialidade discursiva, representativa de um recorte no discurso desses sujeitos.

No programa Show da fé, formas linguísticas como “abençoar”, “pedir”, “ajudar” e “curar” são constantes.

Observamos no programa selecionado para este trabalho que o público se mantém muito bem acomodado, e que as câmeras captam imagens de conforto, do local, além de mostrar a grande quantidade de pessoas que estão presentes. R. R. Soares, por sua vez, assume a responsabilidade pela cura. Desse modo, o líder religioso assume o papel de porta-voz de Deus, uma vez que se coloca a serviço dos fiéis, atendendo seus pedidos, livrando-os de suas angústias, promovendo a cura.

Depoimentos como “coluna muito doída, agora sarou, graças a Deus”; “irmão, eu cheguei aqui, as irmã aqui me acudiram, eu suado, tremendo e Jesus agora me libertou, a minha alma estava sobre o inimigo” (Testemunhos - quarta-feira, 23 de janeiro de 2013), enquanto materialidade do discurso mostra que o sujeito do discurso aparece numa posição identificada com os saberes da FD religiosa.

As *formações discursivas* estão interligadas e determinadas diretamente à formação ideológica do sujeito, o que põe em jogo aspectos sócio-históricos, nos quais expressões são produzidas e reproduzidas. Sendo assim, o discurso passa a ser o lugar onde emergem significações conforme se delimitam as condições de produção do discurso.

O programa, por se tratar de um *show*, como o próprio nome já diz, reforça esse cenário para reproduzir o efeito de verdade e legitimação do papel exercido pelo missionário e pela instituição religiosa, produzindo, assim, uma ilusão de apagamento de outros efeitos, como o mercadológico. Após os fiéis serem atraídos pelo que se autodenomina espetáculo de fé, o que prevalece são o poder do líder e seus méritos relacionados à cura, à libertação, enquanto isso, o aspecto financeiro, no que diz respeito a patrocínios e outros “investimentos” na IIGD, se torna fundamental para reafirmar essa fé, como se fosse um processo “natural”, quando, na verdade, esse efeito de naturalização é consequência do trabalho da ideologia. A visão de mercado, lucro, sucesso financeiro e expansão da igreja, tal como acontece numa empresa, parece não ser percebido pelos fiéis que compartilham da ideia de que o único propósito é tornar a vida de todos ainda melhor.

Como se não bastasse como fortes aliados do discurso de R. R. Soares, estão os testemunhos dos fiéis narrados durante o programa Show da fé. A cada manifestação, gestos e relatos de quem estava enfrentando fases complicadas e por meio da Igreja Internacional da Graça de Deus ou diretamente do programa televisivo identificaram a transformação de suas vidas. Com isso, fica uma pergunta: até onde há encenação?

Esse é o jogo de quem monta um espetáculo e que, justamente por isso, os envolvidos esquecem de que se tornam os próprios personagens dessa espécie de *show* midiático-religioso. Dessa forma, a posição ocupada pelos fiéis se torna de fundamental importância para o sucesso do programa.

Num dos quadros gravados do programa, um fiel apresenta a sua história de transformação de vida, citando que após se encontrar em profundo desânimo, passa em frente da Igreja Internacional da Graça, resolve entrar, começa a frequentar e aos poucos observa as mudanças positivas acontecendo em seu cotidiano e de todos os familiares que levou para o templo.⁹ Assim, com uso determinado da linguagem e seguindo uma organização metódica

⁹ Vale registrar que temos observado que algumas igrejas permanecem abertas durante todo o dia e também à noite, à disposição dos necessitados. Isso pode justificar o “acaso” de fiéis entrarem na igreja e encontrarem a salvação, uma vez que a pessoa fragilizada, em situação de desespero, busca um amparo, uma orientação e, neste caso, sente-se acolhida na instituição religiosa.

das formações discursivas, que o capítulo 3 deste trabalho irá aprofundar as principais noções teóricas. Passamos agora a essas noções.

3 ARTICULANDO QUESTÕES TEÓRICAS

Podemos dizer, então, que a condição inalienável para a subjetividade é a língua, a história e o mecanismo ideológico pelo qual o sujeito se constitui. (ORLANDI, 1999, p. 61)

Neste capítulo iremos abordar conceitos teóricos mobilizando importantes noções de análise de discurso, como sujeito, língua, forma-sujeito, ideologia, formação ideológica, formação discursiva e posição-sujeito.

Gostaríamos de lembrar que algumas dessas noções já vêm sendo trabalhadas desde o início desta dissertação, como o imaginário, os domínios de memória, a atualidade, a antecipação, a formação discursiva religiosa, o sujeito, o silenciamento, entre outras.

Embora essas noções tenham sido brevemente mencionadas, enquanto ferramentas de análise, cabe destacar que, na análise de discurso, a noção de interpretação mobiliza a definição do papel do sujeito na constituição dos sentidos. Iniciamos, então, com a abordagem das noções de sujeito, sentido e memória.

3.1 Sujeito, sentido e memória

Para começar a percorrer o caminho proposto neste terceiro capítulo, retornamos à pergunta (p. 14 desta dissertação) do texto: resgatar o passado ou simplesmente atualizá-lo, trazendo em sua essência vestígios e marcas de lembranças, identidades e ideologias? Há uma forte ligação entre os discursos cristalizados que identificam a Igreja e a memória. Se observarmos a história/memória de antigamente, iremos verificar que o passado deixa vestígios, o que torna possível amenizar distâncias e retomar fatos, e produzir sentidos. As doenças no universo simbólico da religião, por exemplo, “devem ser buscadas na ação dos maus espíritos, que impregnam o corpo das pessoas que se distanciam de Deus” (LOPREATO, 1999, p. 45). A vulnerabilidade à ação dos espíritos malignos depende do estado da alma, por isso o verbo curar pode ser associado à salvação, benzedura, exorcismo, libertação, recuperação do paciente. Os sentidos são vários e podem ser outros, mas isso não

significa que as interpretações sejam equivalentes, visto que o tecido da memória se faz pela linguagem, ou seja, como diz Pêcheux, a memória deve ser entendida:

Nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador. O risco evocado de uma vizinhança flexível de mundos paralelos se deve de fato à diversidade das condições supostas com essa inscrição: é a dificuldade – com a qual é preciso um dia se confrontar – de um campo de pesquisas que vai da referência explícita e produtiva à linguística, até tudo o que toca as disciplinas de interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, a da “linguagem”, a da “significância” (Barthes), do simbólico e da simbolização (1999, p. 50 - grifo do autor).

Dessa forma, não basta guardar, conservar os sinais indicativos de lembranças, mas “como uma dialética da repetição e da regularização”, diz Pêcheux (1999, p. 51). Isso porque, segundo o autor,

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularizações [...] um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos (1999, p. 56).

Como vamos ver na análise, o discurso em questão parece congrega em torno de si o imaginário sobre a força divina, constituído pela capacidade de doação, conforme vimos na SDR1. Diante do desafio da memória nos tornamos sinônimos de historiadores, com a missão de trabalhar com esse “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularizações” de que trata Pêcheux na citação anterior.

Tomando por base essa explicitação acerca da noção de memória e a articulação com os sentidos, não podemos esquecer que o discurso em análise neste texto funciona nas condições ideológicas, e a sua aderência à salvação apresenta a configuração do sujeito e da sociedade. Essa aderência tem a ver com o modo de como os sujeitos da sociedade contemporânea se relacionam, se significam e significam a religião.

Por meio da análise de discurso podemos perceber que o sujeito e a significação não são transparentes. Nesse âmbito, a AD irá tratar o discurso considerando três campos do conhecimento: a linguística – a língua tem uma ordem marcada por sua própria materialidade; o marxismo – a história possui a materialidade, levando em conta que o homem faz história e

que esta não lhe é transparente; a psicanálise – o sujeito não é transparente, nem para si próprio (ORLANDI, 2006, p. 13).

A(s) palavra(s) ganha(m) sentido(s) a partir da posição e das referências de quem a emprega. Citando Pêcheux, os indivíduos se tornam sujeitos falantes, sujeitos de seu discurso pelas *formações discursivas* que representam na linguagem das respectivas formações ideológicas. Diante disso, não se pode pensar o sentido e o sujeito sem uma ideologia. Do mesmo modo, não se pode pensar em questões discursivas e ideologia sem uma linguagem. “O sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (HENRY, 1992, p. 188).

Neste trabalho apresentamos, de um lado, a FD religiosa e capitalista em contraponto à FD da ciência, precisamente a medicina. Observamos inicialmente a SD50 – “*Daí eu operei e foi colocado 11 parafusos sabe, na minha coluna e aí o médico disse que eu ia ter uma vida bem sedentária. (...) eu não ia mais poder fazer nada. (...) sempre com ajuda de alguém junto né, porque devido a cirurgia que ele amarrou*” (H.B.N, Quarta-feira, 23 de janeiro de 2013). Neste caso, observam-se as dúvidas e os aspectos negativos que ressoam no discurso do fiel em relação à FD da medicina.

Por outro lado, temos a SD55 “*Daí eu já vi que eu tava curada desse compulsivo de tá gastando, eu comecei a continuar o patrocínio daí pela minha saúde. Aqui nessa rua mesmo onde eu tô. Eu comecei a clamar o Senhor, eu disse Senhor, eu já passei por uma cirurgia, eu sei que o Senhor está à frente e eu não vou ficar assim sem caminhar*”. O exemplo mostra a plena identificação da posição sujeito do fiel com a FD religiosa que, por sua vez, se sobressai.

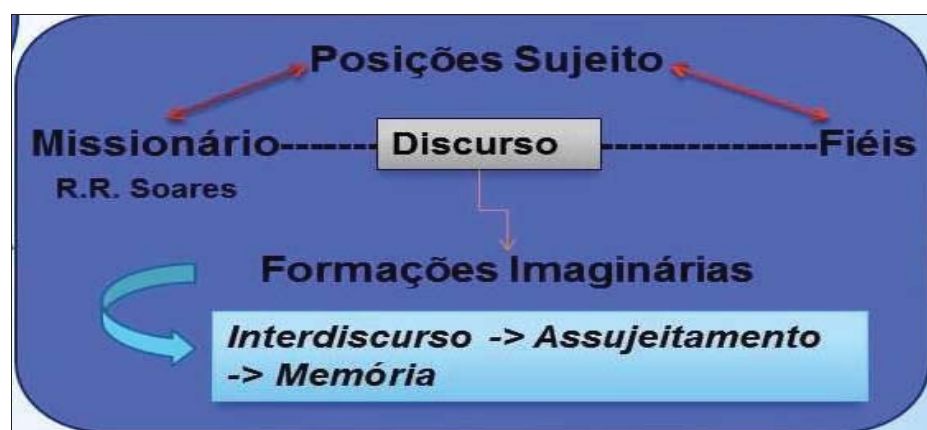
Contudo, Lopreato (1999, p. 44), na obra *Milagres da fé*, distingue os papéis do sacerdote e do médico. A autora diz que ao primeiro cabem funções mais restritas, como a salvação da alma, e ao segundo compete a cura do corpo. Quanto aos doentes, retira-se a responsabilidade da doença, e ele deixa de ser capaz de recobrar a saúde por si só. O ato de curar é de responsabilidade daquele que se encarrega pelo paciente, ou seja, do médico.

O verbo curar adquire um sentido exclusivamente transitivo e quando o “sentido transitivo domina a linguagem, o provedor de cura obtém o monopólio e o que é abundante, gratuito e de grande valor torna-se alguma coisa que, por definição é rara, tem um custo monetário de produção e um preço de mercado”. Curar, portanto, deixa de ser dom e passa a mercadoria (LOPREATO, 1999, p. 44).

Entretanto, mesmo com a evolução da medicina científica, observa-se um grande número de pessoas que buscam a cura por meio teológico, e, para que o corpo volte a ser sadio, procuram uma força espiritual.

Com isso, retornamos ao nosso problema inicial de pesquisa: a sociedade moderna vem enfrentando diferentes crises e sofrimentos de toda ordem. A Igreja, por outro lado, tem desempenhado um importante papel para apontar caminhos e respostas às inquietações do homem moderno, ou seja, funciona como ilusão de certo espaço para a inclusão, alívio das mazelas e do poder. Nesse sentido, quais os fatores que permitem e impulsionam o atravessamento da FD religiosa pela FD capitalista?

Como afirma Orlandi (2006, p. 19), “o assujeitamento do sujeito é a própria possibilidade de ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz)”, ou seja, este se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. O assujeitamento tem a ver com a subjetividade, com a sua relação constitutiva com o simbólico pela ideologia. Numa análise discursiva observa-se a posição sujeito projetada pelo indivíduo no discurso. Numa das extremidades temos o enunciador, neste caso sinalizamos o missionário R. R. Soares, na outra, o destinatário, representado pelo grupo de fiéis, sendo que cada um ocupa posições-sujeito diferentes, constituindo os pontos de interlocução:



Fonte: Elaboração da autora.
Quadro-síntese 2 (QS2): Posições-sujeito

Conforme Orlandi (2009), o lugar que o sujeito ocupa não basta para determinar as relações de poder. Segundo a autora, deve-se levar em conta a posição ocupada pelo sujeito locutor. Exemplificando, temos R. R. Soares ocupando o lugar de um líder religioso, daquele que se sente responsável pelo(s) outro(s). Ele não é “apenas” mais um pastor, ou um missionário; ele é “o missionário”, o porta-voz de Deus. E como intermediário entre os fiéis e Deus, não só fala em nome de Deus, mas afasta o mal, salva a alma e também cura, de modo que desfrutar da força divina significa acreditar poder operar milagres. Em outras palavras, há um efeito ideológico elementar pelo qual o sujeito se coloca na origem do que diz, revestindo-se de poder por acreditar transcender a posição humana.

Cabe lembrar que “missionário”, conforme o discurso religioso evangélico é aquele que propaga a fé, aquele que intensifica a atividade de representante de Deus. O pastor, por sua vez, é aquele que cuida de seu rebanho.

O padre fala de um lugar em que suas palavras têm autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é construída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação” (ORLANDI, 2009, p. 39-40 - grifo da autora).

Desse modo, o sujeito do discurso religioso é imbuído de uma autoridade que, por sua vez, reflete respeito e admiração por parte dos fiéis. Ações como arrecadar contribuições, curar através da Igreja, são consideradas incontestáveis pelo efeito de evidência e naturalização dos sentidos constitutivos de uma memória social. Por outro lado, é interessante observar que essa ultrapassagem de planos (temporal/divino) leva o proselitismo ao ponto de, em muitos casos, questionar o trabalho realizado pela medicina e substituí-lo pelo da religião. Veja o exemplo: “*Só o doutor sabe o que é isso, mas Jesus curou. Amém, glória a Deus!*” (sábado, 26 jan. 2013). Também observamos o emprego da adversativa “mas” a qual tem por função apontar uma relação de contraste entre duas orientações argumentativas sendo que a segunda se impõe sobre a primeira. A partir da afirmação “*Só o doutor sabe o que é isso*”, o segundo argumento se apresenta com força ainda mais significativa “*mas Jesus curou*” e representa a FD religiosa como a base principal, com efeito de mais confiança, enquanto a FD da medicina, ao passo que não é totalmente exclusiva, possui importância, contudo, a fé e a religião se tornam superiores e, aos olhos dos fiéis, as únicas capazes de curar.

Tais saberes de que a fé pode trazer benefícios à vida do homem, marcados pelo interdiscurso, são retomados de forma mais evidente e reforçam a ideologia religiosa.

Em prosseguimento à reflexão, cabe retomar Pêcheux ([1969], 1990), que formula a noção de formações imaginárias que coordenam o discurso, tais como a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, assim como de seu objeto de discurso. Há também a possibilidade de antecipação definida, como a capacidade de o locutor se colocar na posição do interlocutor, “prevendo” sua resposta. Essa suposição é baseada na representação que o protagonista do discurso ocupa no lugar social. Essas representações (formações imaginárias) estão ligadas às condições sócio-históricas do discurso e resultam do trabalho da ideologia na relação com a linguagem. Essa projeção imaginária pode ser observada no conjunto de SDR na sequência:

SDR2: *Agora não senta não, olha pra mim, você que tinha junta nas mãos, nos braços, não podia levantar os braços, não podia mexer com a perna, levantar o joelho, mexer com o corpo, mexa agora e veja se a sua alma recebeu a bênção. Deus tá terminando a obra agora. Eu quero quatro pessoas que foram curadas no corpo agora, sumiu dor física, levanta a mão em nome de Jesus, bem rápido obreiros, para a glória de Deus* (missionário R. R Soares, 25 jan. 2013 - grifo nosso).

SDR3: *Missionário eu tava com uma dor aqui, ela andava pelo corpo. Uma dor aqui nos ombro e andava pelo corpo. Saiu em nome de Jesus* (testemunho 1, 25 jan. 2013 - grifo nosso).

SDR4: *Eu estava com o nervo ciático inflamado e agora passou a dor* (testemunho 2, 25 jan. 2013).

Observamos nas SDR que a cura por si só, como prática religiosa, já coloca a binaridade, corpo/alma, religião/ciência, a ser vista socialmente como contraditória. Isso é marcado no discurso do líder religioso, já que ele reafirma o institucionalizado ao falar sobre o processo de cura, marcando seu discurso na relação presente/passado. Nesse sentido, a marca temporal “agora”, em contraposição ao emprego do pretérito perfeito “tinha”, “não podia”, “passou”, não divide a vida no tempo, mas mantém afastadas a ciência e a religião. Ao mesmo tempo, identifica-se o processo de denegação, que, segundo Eni Orlandi, é a retórica do discurso religioso, ou seja, a negação da negação pelo sujeito; quer dizer, onde se nega a negatividade intrínseca ao homem, o chamado “pecado”, para se chegar ao polo positivo maior, Deus.

Podemos observar ainda que o sujeito do discurso é dominado por Deus e a contradição está justamente na tentativa de transformar os sujeitos em participantes, por meio de um discurso que possui marcas profundas da dominação. Expressões imperativas “não senta”, “olha para mim”, “mexa agora e veja se sua alma recebeu a bênção”, “levanta a mão

[...] bem rapidinho” fornecem pistas para que o representante da Igreja reconheça o outro como diferente de si. Na SDR2 identificamos que a postura do missionário reforça o papel de autoridade, e o tom de comando em seu discurso também influencia a ação dos fiéis. À medida que o líder religioso solicita algo, o público responde com precisão, comportamento que vai além do efeito de dominação e assujeitamento pela formação discursiva religiosa (FDR), a qual é regulada pela formação ideológica correspondente. Isso tudo porque a FD funciona com base na paráfrase e também no pré-construído. O enunciador, quando assujeitado pela ideologia, tem a ilusão de que é a fonte do próprio dizer. É também a formação discursiva que possibilita que os sujeitos que se encontrem numa mesma conjuntura histórica e concordem ou não com o sentido dado às palavras.

Sendo assim, em nosso trabalho observamos que o sujeito (o fiel) se torna convertido (dominado/identificado com a forma-sujeito da FDR). Ao se assujeitar, ele tem a impressão de que é dono de sua própria vontade e é levado a ocupar um lugar num dos grupos ou classes de uma determinada formação social. Nesse caso, o fiel acredita que ao integrar o grupo da Igreja, ser mais um de seus inúmeros membros e ser contemplado com várias bênçãos sente-se na obrigação de divulgar os benefícios da instituição da qual é membro. Nesse contexto vamos de encontro ao que postula Althusser (1992, p. 93), que diz: “Toda ideologia interpela os indivíduos em sujeitos.”

Com a afirmação feita pelo missionário de que “Deus tá terminando a obra **agora**”, a reação direta do público é de aceitação e confiança. Isso se comprova na SDR3 com a afirmação: “Saiu em nome de Jesus.” É como se R. R. Soares, intermediário do processo de salvação, tomasse o corpo do doente para a extração dos maus espíritos. Ao se identificar com a FDR e assumir a posição sujeito, boa parte do mérito na cura das doenças o torna um “ser especial dotado de poderes” diante dos fiéis.

Tal processo acontece no imaginário dos sujeitos, reafirmando e resgatando tudo por meio das relações de sentidos que levam a que as expressões ditas estejam relacionadas com algo que já foi mencionado, construído na memória.

Por meio do funcionamento do interdiscurso, o sujeito não pode reconhecer sua subordinação ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta na forma de autonomia. Levando em conta que uma palavra para ter sentido é preciso que já faça sentido; é preponderante considerar a historicidade do discurso, o efeito do pré-construído. Ao se assujeitar ao lugar social, o sujeito manifesta as condições do dizer. Conforme Ferreira

(2005, p. 43), “ser assujeitado significa antes de tudo ser alçado à condição de sujeito, capaz de compreender, produzir e interpretar sentidos”.

Orlandi (2006, p. 21) cita Courtine (1985) na reflexão sobre os dois eixos: a constituição do dizer – interdiscurso (representado pelo eixo vertical), e a formulação – intradiscurso (representado pelo eixo horizontal). É no cruzamento desses eixos que se origina o dizível, que determina a formulação.

Neste momento devemos retomar as noções de interdiscurso e intradiscurso para chegarmos ao pré-construído. Pêcheux ([1975], 1995, p. 163) denomina interdiscurso o “todo complexo com dominante das formações discursivas”. Este é o lugar em que se constituem os objetos do saber, os enunciados. Quer dizer, algo fala antes, em outro lugar, de forma independente, sob o complexo das formações ideológicas. A partir disso temos a noção de intradiscurso, definida como “o fio do discurso” do sujeito falante, ou seja, “um efeito do interdiscurso sobre si mesmo” ([1975], 1995, p. 163).

Os aspectos ligados ao pré-construído tratam-se de uma construção independente ligada às evidências pelas quais o sujeito atribui os objetos do próprio discurso; ao contrário do que é construído pelo enunciado. Conforme Pêcheux ([1975], 1995, p. 102), a característica base do pré-construído é a separação entre o pensamento e o objeto do pensamento, sendo que, com a preexistência deste último, o real existe independentemente do pensamento.

Já o que se reporta à memória discursiva, há que se ponderar que essa é constituída pelo esquecimento; portanto, quando enunciamos, estamos “resgatando” algo que já foi dito em algum momento, em algum lugar. Trata-se de formulações já feitas e esquecidas. A memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso, fator que constitui o saber discursivo.

É exatamente esse esquecimento que provoca a ilusão de o sujeito ser origem do sentido do que ele enuncia. Pêcheux e Fuchs (1975, p. 176-177) explicam que o esquecimento nº 1 relaciona-se com o inconsciente, por meio do qual o sujeito tem a ilusão de ser o mentor do seu dizer, e não reconhece nada do que lhe é exterior à formação discursiva. No esquecimento nº 2, o sujeito enuncia partindo do que poderia ter enunciado e não enunciou, através de uma “seleção”, no interior de uma formação discursiva, constituindo paráfrases que apontam para a possibilidade de um dizer diferente.

Os depoimentos dos fiéis, desse modo, são considerados objetos teóricos na sua

relação intrínseca com a língua, enquanto base material para o discurso (superfície linguística), e com a ideologia, enquanto reguladora dos objetos que se materializam na condição de discurso, na materialidade da língua, a partir de condições de produção estáveis e homogêneas (processo discursivo). Por isso, efeitos sujeito e sentido são produtivos na análise do discurso em questão.

No próximo subitem vão ser abordadas questões voltadas ao sujeito e à posição representada por um líder religioso.

3.2 Sujeito e forma-sujeito

Dedicamos esta seção ao estudo teórico da categoria do sujeito. Na obra *Semântica e discurso*, Pêcheux (1995, p. 131) afirma que “uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, como um de seus objetos teóricos, o ‘sujeito ideológico’ como ‘sempre-já dado’” (grifo do autor). A nosso ver, a noção de sujeito é chave na teoria que se tornou fundamental para a análise de um discurso que se constitui em sua relação com o simbólico e a ideologia. A fim de compreender como o sujeito se relaciona com a forma-sujeito da formação discursiva à qual ele se vincula, determinado pela relação histórico-social-ideológica que constitui sua identidade e o permite mobilizar os sentidos, movimentando-se em determinadas posições (*identificando-se, contraidentificando-se* ou *desidentificando-se* dessa forma-sujeito).

Embora essa categoria já tenha sido brevemente tratada nas seções anteriores, enquanto ferramenta de análise, nós entendemos ser de grande relevância retomá-la aqui, já que a interpretação se dá num movimento de vaivém entre objeto e teoria. Assim, a partir do *corpus* deste estudo, permitimo-nos relacionar a citação de Pêcheux à dificuldade de desvencilhar-se da noção “cega à questão do sujeito como sempre-já dado”, que, de acordo com o autor, é uma noção “puramente idealista” (p. 139), ou seja, não se pode dispensar uma teoria (não subjetivista) da subjetividade; será preciso interligar três regiões: a subjetividade, a discursividade e a descontinuidade ciências/ideologias.

Assim, ao analisar o que acontece no programa Show da fé, espaço onde R. R. Soares, enquanto líder religioso, atua para um público variado, sendo que cada fiel possui uma história de vida própria, com problemas e angústias específicas, não podemos esquecer que,

aí, estamos analisando o discurso da religião e – nesse espaço discursivo missionário e fiéis – enquanto sujeitos do discurso assumem uma dada posição, a qual pode oscilar (movimentar-se) ora se apresentando mais identificada à forma-sujeito da formação discursiva capitalista, ora se apresentando mais identificada aos saberes da formação discursiva religiosa e/ou contraidentificando-se. Mesmo que na prática se observe a busca por objetivos semelhantes, como, por exemplo, os desejos da cura e da salvação, poderá haver particularidades que parecem ser respeitadas no discurso da religião e que na fala de fiéis não significam da mesma maneira.

Isso porque a contradição é constitutiva de todo o discurso, “da relação forças produtivas/relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 132), de tal modo que nem a noção de sujeito e nem a de ideologia poderiam ser pensadas desprovidas de sentido, porque sujeito e ideologia possuem materialidade própria e com funcionamentos correspondentes. Por isso, posição-sujeito e forma-sujeito não correspondem à submissão, mas à sua relação com o simbólico.

Orlandi (2010) retoma o conceito de Althusser (1973) para retratar que todo indivíduo social só pode ser considerado agente de uma prática se estiver revestido de uma forma-sujeito, da forma de sua existência na história, ou seja, depende da época, das condições de produção, dos efeitos do processo de interpelação ideológica, já que passa pelo jogo das formações imaginárias e pela objetividade material da instância ideológica.

De acordo com Pêcheux (1995, p. 147), é “caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do ‘todo complexo com dominante’ das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a de contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes”. A forma-sujeito relaciona o sujeito do discurso a uma formação discursiva com a qual ele se identifique.

Resgatando Grigoletto (2007, p. 125), compreendemos que uma mesma forma-sujeito, ao materializar os saberes vindos do interdiscurso, pode agregar diferentes posições-sujeito no discurso. Diante desse conceito, observamos o que se manifesta um discurso é inerente à própria posição assumida e, com isso, a abrangência do público, ocorre quando essa estiver identificada com a forma-sujeito da FD religiosa.

Nesse sentido trazemos Indursky (2000, p. 76) que diz:

[...] não se trata de uma forma-sujeito dotada de unicidade, estamos diante de um conjunto de diferentes posições de sujeito, *que evidenciam diferentes formas de se relacionar com a ideologia, e é esse elenco de posições sujeito que vai dar conta da forma-sujeito*. Portanto, a forma-sujeito se fragmenta entre as diferentes posições de sujeito. Uma forma-sujeito assim dividida remete à concepção teórica de um sujeito fragmentado entre as diferentes posições que sua interpelação ideológica permite. Por outro lado, uma forma-sujeito fragmentada abre espaço não só para os saberes de natureza semelhante, equivalente, isto é, para o parafrástico e o homogêneo, mas também cede lugar para os sentidos diferentes, divergentes, contraditórios, ou seja, para o polissêmico e o heterogêneo (grifo nosso).

O elenco de posições-sujeito que vai dar conta da forma-sujeito da FDR tem a ver com diferentes formas de se relacionar com a ideologia, no caso, a capitalista. Do seu modo, com um comportamento que o *significa/identifica* facilmente com seu público de fiéis, o missionário se torna o agente responsável por levar palavras de fé, conforto e esperança a seus seguidores. Outras posições-sujeito, tais como as dos fiéis e obreiros, manifestam-se tendo por base a posição central do missionário, que se torna uma referência. Nesse processo, fiéis, obreiros e missionário são interpelados pela ideologia dominante e, por isso, estão inseridos na mesma forma-sujeito.

Enquanto R. R. Soares realiza suas pregações no culto-programa intensificando a importância da fé, do Evangelho, o que aparece em evidência são os saberes da formação discursiva religiosa. Contudo, no decorrer do discurso, questões como a necessidade de colaborar financeiramente para auxiliar a “casa de Deus”, a importância de assinar um canal televisivo da própria Igreja, adquirir livros, DVDs e outros materiais com a marca da IIGD trazem uma nova posição-sujeito, ou seja, a serviço da ideologia do mercado. Com isso, ocorre o que Indursky chama de “fragmentação” da forma-sujeito entre as diferentes posições de sujeito. Mesmo que o foco seja a religiosidade e não transpareça o interesse pelo lucro, há uma posição-sujeito mais próxima à formação discursiva capitalista (FDC). Diante disso, o fato de a Igreja atuar como uma empresa e, conseqüentemente, almejar sucesso financeiro em nome da fé, do bem-estar e da salvação, fica mascarado, silenciado o que intensifica os interesses da instituição.

A fim de tratar questões relativas à constituição dos sentidos e estes são efeitos que se produzem ideologicamente, o item que segue irá abordar a ideologia e a formação ideológica no contexto religioso.

3.3 Ideologia e formação ideológica

Levando em conta o discurso como objeto histórico-linguístico da análise do discurso, os processos históricos e ideológicos interagem a todo o momento com os fenômenos linguísticos. Diante disso, destaca-se que “na AD, o discurso não reflete a ideologia como algo que lhe é exterior, mas a mostra, enquanto efeito de sentido, porque ela é constitutiva da prática discursiva” (INDURSKY, 1992, p. 8).

Conforme Orlandi (2008), na perspectiva do efeito de unicidade do sujeito e da linguagem, a ideologia pode ser compreendida como a direção nos processos de significação, levando em conta que o imaginário que origina as relações discursivas é o político. No mesmo âmbito, a autora pontua que o sujeito na sua relação social sempre está predisposto a significar, e essa interpretação é comandada pelas condições de produção de sentidos determinados na história (2008, p. 43-44).

Com isso, quando nos manifestamos, concedemos uma opinião, como no caso da SDR2 em que R. R. Soares diz: “*Você que tinha junta nas mãos, nos braços, não podia levantar os braços, não podia mexer com a perna, levantar o joelho, mexer com o corpo, **mexa agora e veja** se a sua alma recebeu a bênção*”, que, segundo os fiéis, fornece orientações, não necessariamente está trazendo à tona algo novo e que vai realmente atender às necessidades de todos. O que estamos querendo dizer é que na maioria das vezes o que se apresenta é um discurso previamente estruturado, levando em conta as condições de produção cujos sentidos já podem estar formulados e marcados na história. Esse retorno do “estranho no familiar” (PÊCHEUX, 1995, p. 156) deve-se a efeitos do pré-construídos como “*a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito [...] ao mesmo tempo em que é ‘sempre-já-sujeito’*” (grifo do autor).

Isso porque, segundo Pêcheux (1995, p. 155), a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, ou seja, “o caráter material do sentido – mascarado por sua evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo das formações ideológicas’” (p. 160). Dessa forma, o conjunto denominado de “formações ideológicas” assume um papel desigual na reprodução e na transformação das relações de produção dos sentidos, já que a rede de filiação de sentidos se estabelece “*segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam*”.

No caso do presente trabalho, cita-se a formação ideológica religiosa, uma

característica dominante, realizando a interpelação dos indivíduos em sujeitos através do aparelho ideológico de estado religioso, conceito formulado por Althusser.

Segundo Althusser (1985, p. 67-68), os aparelhos são utilizados para moldar os cidadãos, pois, como o próprio autor afirma, “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” porque “só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos” (p. 93). Ainda conforme o autor, o sujeito, mesmo quando implícito, independentemente da categoria em que apareça, é a categoria constitutiva de toda a ideologia.

Em meio aos conceitos aqui apresentados, percebe-se o quanto o funcionamento ideológico se presentifica e produz efeitos em/sobre comportamentos, atos e escolhas, o que fica claro quando falamos em discurso. No caso do Show da fé, distinguem-se o cuidado e a presteza na colocação e expressão de cada palavra como se fosse necessário ser algo exato, a verdade mais clara e os verdadeiros exemplos do bem e do bom conselho. Esquece-se, porém, que “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria ‘próprio’” (PÊCHEUX, 1999, p. 161 - grifo do autor). Com isso, entende-se que as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas, tendo em vista que “a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido” (p. 162), fornecendo a cada sujeito a realidade material, um conjunto de evidências e de significações a serem percebidas.

Assim, o sujeito inscrito na FDR em sua relação imaginária com a realidade não reconhece sua identificação à formação ideológica da religião (seu assujeitamento, por assim dizer) e esquece que o sentido das palavras são efeitos de determinações ideológicas. Nada nesse contexto, entretanto, é por acaso, mesmo que se tenha a impressão de que R. R. Soares conheça muito bem os motivos que o levam a agir de tal maneira, a mencionar tais expressões e dar continuidade a seu trabalho, ou, como ele mesmo diz, “sua missão através da fé”, dentro de um processo, tanto sujeito quanto sentido são efeitos. Nesse processo, é fortalecida a formação discursiva que está arraigada à formação ideológica de sua Igreja. E nesse jogo do imaginário, vale ressaltar que por trás de tudo isso existe uma história, um caminho longo, uma trajetória desde a fundação da Igreja neopentecostal, o que precisa ser respeitado, essencialmente pelos seus seguidores, sejam missionários, pastores, obreiros, sejam irmãos da Igreja ou do templo.

Um ponto do item anterior deixado em suspenso diz respeito ao conceito de formação discursiva, não esta que abordaremos no próximo subitem.

3.3.1 Formação ideológica e formação discursiva

Pêcheux (1975) expõe que o sentido de uma palavra, uma expressão, está intrinsecamente ligado às posições ideológicas que acabam sendo reproduzidas. As formações discursivas, por sua vez, são, na linguagem, as projeções das formações ideológicas. O autor ainda reforça que os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso através das formações discursivas representadas na linguagem pelas formações ideológicas que lhe são correspondentes.

Pêcheux (1988, p. 163) afirma que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. Essa identificação ocorre através da forma-sujeito. Desse modo, observamos em nosso estudo, que o sujeito (no caso os fiéis) se identifica com a forma-sujeito do discurso de R. R. Soares por meio da formação discursiva religiosa.

Uma formação ideológica caracteriza “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito uma com as outras”.

Nesse contexto, Orlandi (2010) chama de “formação discursiva” tudo aquilo que está inserido em uma dada formação ideológica, que domina o sujeito e define o que pode e deve ser dito. Sendo assim, a Igreja e o programa Show da fé possuem, por meio de uma formação ideológica, uma formação discursiva que rege o que é permitido que seja dito e o que deve ser silenciado ou anulado.

A enunciação de R. R. Soares, no discurso religioso, se define pela FI religiosa. Com isso, sua FD possui o reflexo da FI correspondente. Ao ocupar uma posição de destaque, considerado como um líder religioso, o missionário, por meio da FD dominante, determina o que a Igreja considera certo ou não, partindo do princípio “do que Deus quer para você”. Em consequência, os seguidores aderem à mesma formação ideológica e reproduzem o que já está cristalizado na FD religiosa.

Conforme Maingueneau (1989), os sujeitos reconhecem e produzem enunciados que pertencem a outras formações discursivas:

O fechamento de uma formação discursiva é fundamentalmente instável, não se constituindo em um limite que, por ser traçado de modo definitivo, separa um interior e um exterior, mas inscrevendo-se entre diversas formações discursivas, como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica (p. 112).

Ao considerarmos a língua como acontecimento, percebemos que há sentidos e marcas ideológicas produzidas em dadas condições históricas. Por isso, a linguagem se caracteriza pela atuação de fatores históricos e ideológicos na constituição dos sentidos.

Levando em conta que a ideologia está presente em todo processo de constituição de dizeres, Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166) assinalam que a formação dos discursos está relacionada com o conceito de formação ideológica através das posições de classe. Assim, a FI atua como um regente que determina o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição. Por isso podemos afirmar que toda formação discursiva possui uma formação ideológica que a representa.

De acordo com Indursky (2007, p. 79), “é o indivíduo que, interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, identificando-se com os dizeres da formação discursiva que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica”. Dessa forma, quando analisamos o discurso dos seguidores de R. R. Soares, observamos a posição-sujeito identificada com a formação discursiva religiosa.

Considerando que a formação discursiva tem seus saberes regulados pela forma-sujeito, inicialmente essa também é dotada de certa unicidade. Assim, Pêcheux (1988, p. 171) introduz o conceito de tomada de posição:

A tomada de posição resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele “toma consciência” e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à consciência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito”. O “desdobramento” do sujeito – como “tomada de consciência” de seus “objetos” – é uma reduplicação da identificação... (INDURSKY, p. 172).

Nesse âmbito percebemos que a identificação plena conduz à homogeneidade da FD e da própria forma-sujeito que mais adiante irá comportar diferentes posições-sujeito que evidenciam formas diferenciadas de se relacionar com a ideologia, ao mesmo tempo que pertencem à mesma FD. Tal característica é observada em nosso *corpus* de pesquisa por meio da ilusão provocada pelo imaginário de que temos, de maneira separada, a posição sujeito dos

fiéis e a posição sujeito do missionário, quando, na verdade, ambas pertencem à mesma formação discursiva religiosa.

O próximo subitem irá tratar sobre a noção de posição-sujeito na formação discursiva.

3.3.2 Posição-sujeito

O sujeito da análise do discurso é, na realidade, a posição sujeito projetada no discurso e não o sujeito físico (ORLANDI, 2010, p. 15). No interior de cada formação discursiva, o sujeito pode se apresentar em diferentes posições, que formam modalidades da relação do sujeito universal com o sujeito da enunciação (COURTINE, 2009, p. 102). O enunciador e o destinatário constituem os pontos do processo de interlocução.

Devemos considerar que a noção de sujeito está muito ligada à noção de língua. Entretanto, qual língua interessa a análise de discurso? Ferreira (2005), ao comentar a obra escrita por Gadet e Pêcheux, publicada em 1981, *La langue introuvable*, e o trabalho desses autores sobre “os limites, as fronteiras, sobre os espaços flutuantes e transgressões da língua” (p. 213), lembra que “a análise de discurso se define, desde sua concepção inicial, como uma disciplina que se constitui numa zona de interface, na fronteira entre o sentido/e o não-sentido; entre o possível/impossível; entre a completude/e a incompletude” (p. 214).

A língua que interessa aos analistas de discurso, “assim como o discurso, não constituem uma estrutura fechada, homogênea, estável. Essa estrutura, esse todo representável que é a língua comporta em si igualmente o não-todo, o não representável (o ‘introuvable’)” (FERREIRA, p. 217 - grifo da autora). Logo, gostaríamos de insistir na relação língua-sujeito-história para tratar a questão do sentido numa perspectiva materialista.

Tratar o sentido numa perspectiva materialista, ou seja, não subjetiva da subjetividade, significa igualmente pensar a língua como “um lugar de contradições, porque, nela, há elementos que estabelecem o contato entre o visível e o invisível da questão histórica das sociedades, assim ocorrendo um (aparente) impasse, no que concerne à relação do discurso com a língua na questão do real da história” (SCHONS, 2013, p. 39). Como lembra a autora,

a língua, assim como a história, possui base material, um plano em que há uma relação entre os universos logicamente estabilizados, em que não é possível traçar as forma de interpretação que marcam a história. Na estrutura da língua, depreender o impossível, o insuportável, significa encontrar na forma como o sujeito que enuncia, afetado pelo inconsciente e pela ideologia, aquilo que mais busca silenciar. E o que silencia? Outros nomes, outros sujeitos... (p. 39).

O sujeito da FDR, ao assumir o papel de conselheiro, amigo, age de forma a se colocar na vida das pessoas, demonstra compreensão diante de seus problemas, simula a vivência de seus dramas, dificuldades, e leva uma palavra de conforto, dispensando a atenção exclusiva buscada pelas pessoas individualmente que frequentam a igreja. Apresenta-se como uma espécie de “enviado divino”, cuja função é tornar a vida de todos muito melhor através do poder de sua igreja, fato que é característico da posição-sujeito por ele assumida. Sendo assim, demonstra-se o efeito sujeito, neste caso, quando ele se identifica plenamente com a posição sujeito dominante, conforme Pêcheux, constituindo-se num “bom sujeito”, que o reflete de forma espontânea. Do contrário, o discurso do “mau sujeito” se contrapõe à forma-sujeito e, logo, a alguns saberes da formação discursiva que o afeta.

Segundo Pêcheux (1990, p. 171), ao tomar posição, o sujeito do discurso, interpelado pela ideologia, identifica-se com seus semelhantes e reduplica sua identificação com a forma-sujeito, a qual define o que pode ou não ser dito ao que se refere à formação discursiva. Essa identificação é fundadora da identidade imaginária do sujeito, a qual permite que ele se reconheça em outro sujeito. No caso do programa Show da fé, os fiéis, em sua maioria, se identificam claramente com a posição-sujeito assumida por R. R. Soares e, por isso, fortalecem a imagem histórica do líder. Nesse sentido, se a identidade é reduplicada, só há espaço para os mesmos sentidos, fator que tenta inibir a contradição.

A fim de reforçar o que está posto em Pêcheux, a seguir trazemos as SDs recortadas do quadro do programa em que os fiéis concedem seus testemunhos ao vivo e reafirmam sua identificação com a formação discursiva religiosa.

SDR5: *Quem é que o mal acabou de sumir agora, levanta a mão em nome de Jesus, eu quero quatro pessoas pra me contar o que que Deus fez. O que fez da senhora...* (R. R. Soares, 26 jan. 2013).

SDR6: *Dor no peito e nas costas missionário, aí o coração ficava acelerando. E passou, graças a Deus* (testemunho 1, 26 jan. 2013).

SDR7: *Parou agora, glória a Deus* (testemunho 2, 26 jan. 2013).

Esta análise, que compreende as SDR 5, 6 e 7, apresenta os seguintes sujeitos de forma distinta: sujeito missionário R. R. Soares; sujeito fiel; sujeito fiel beneficiado com graças, como a cura e a libertação. Nesse enfoque há de se destacar que o sujeito fiel se manifesta como sujeito-falante no momento em que é solicitado pelo líder religioso. Nas outras situações, durante a cerimônia religiosa, os fiéis manifestam um comportamento de “falar com Deus” através da voz de R. R. Soares, fator que transfere a ele a posição/missão de porta-voz¹¹ de seus seguidores.

De forma marcante, a temporalidade é expressa novamente na fala de R. R. Soares e nos testemunhos que destacam o “agora” (SDR5), como o instante que foi registrada a cura, salientando a agilidade e o seguimento de uma das principais filosofias do neopentecostalismo, o imediatismo. Já nas SDR6 e SDR7, as marcas temporais “passou” e “agora”, respectivamente, remetem um sentido de passado, retomando os saberes do interdiscurso cujas formações imaginárias fazem parte da formação discursiva religiosa.

Por meio dessa aparente “dominação”, os fiéis muitas vezes não percebem que estão assujeitados à FDR e sentem-se na responsabilidade de relatar as mudanças vivenciadas após o contato com o Show da fé. Nesse processo do imaginário, chegam a expressar muito mais que uma confissão, desempenham um papel essencial no espetáculo religioso, reforçando a formação discursiva dominante, neste caso, a religiosa.

Ao concederem os testemunhos, a confissão é caracterizada pelo fato de os fiéis assumirem em seus discursos uma culpa que através do assujeitamento pela FDR prevê que se tornem submissos à entidade religiosa, ao mesmo tempo dependentes, e a reconheçam como superior. Neste caso, o discurso do fiel traz inscrita a posição sujeito identificada plenamente à FD da religião.

A seguir, dedicamos o capítulo ao trabalho analítico, a fim de problematizar outras questões não desenvolvidas nos capítulos anteriores e que são, no nosso entendimento, fundamentais para o desenvolvimento de nosso trabalho.

4. A FÉ NA ESPETACULARIZAÇÃO

Na perspectiva discursiva, a materialidade é o que permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia que funciona pelo inconsciente: a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso, diz M. Pêcheux (1975) (ORLANDI, 2012, p. 72)

Este capítulo é dedicado ao nosso gesto de análise sobre o funcionamento do discurso religioso no programa Show da fé na tentativa de perceber movimentos de sentidos que se realizam na materialidade discursiva, representativa, de um recorte no discurso de sujeitos inscritos na cultura do espetáculo. A construção linguística que dá o título a este capítulo apresenta, em sua ordem sintática, a palavra fé na posição de núcleo do sintagma nominal, ao passo que a espetacularização, que participa da composição desse sujeito, assume lugar de adjunto, indicando lugar – espaço de circulação e manutenção dessa fé. A contração “na” indica linguisticamente que essa fé é da espetacularização no sentido de atração. Na perspectiva deste trabalho, a partir de um olhar discursivo, essa fé passa ser considerada determinada, construída pela cultura do espetáculo enquanto espaço de circulação que serve de lugar de inscrição do sujeito e, logo, de efeitos de sentidos. No entanto, essa (a fé) não é construída apenas na espetacularização, já que os sujeitos possuiriam alguma autonomia que lhes permitisse resistir e romper com os padrões, até porque os quadros do programa pertencem à própria Igreja Internacional da Graça de Deus e são exibidos na rede Bandeirantes. Por que não o fazem?

A questão da fé tem sofrido constantes modificações, no entanto, concepções e costumes permanecem no imaginário social. Assuntos como amor, sofrimento, doença, cura, doação, corpo e salvação emergem naturalmente durante cultos e cerimônias religiosas. Entretanto, em nosso estudo, esses assuntos quando presentes “na espetacularização” podem se tornar objetos de espetáculo, ou seja, podem vir a ser fabricados em nome da cultura do mercado, conforme já tratamos no item 2.3, e que, a nosso ver, não exclui o domínio social, as (dis)torções em nome do comércio. Fé e religião viram produtos.

Com o intuito de ampliar as questões trabalhadas até aqui dedicamos este capítulo. Assim, cabe lembrar que o *corpus* deste trabalho envolve seis edições do programa televisivo Show da fé e será analisado o funcionamento discursivo em depoimentos de fiéis. O Show da

fé é um programa de televisão brasileira apresentado diariamente pelo missionário R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, que vai ao ar no horário nobre da rede Bandeirantes (Band).

4.1 Seleção das sequências discursivas

Embora o *corpus* tenha sido mencionado o tempo todo no interior deste texto, mais especificamente no item 2.2, o foco desta seção diz respeito à organização do discurso religioso em torno de questões de espetacularização, ou seja, de questões mercadológicas.

Afirmamos, no início do terceiro capítulo, que há uma forte ligação entre discursos cristalizados que identificam a Igreja e memória e que as doenças no universo simbólico da religião assumem sentidos diversos e têm interpretações diferentes em momentos diferentes da história.

Entendemos que o *corpus*, enquanto materialidade discursiva, é lugar de observação, de interpretação e de análise do funcionamento da ideologia, assim como espaço de constituição do sujeito.

Pêcheux (1997, p. 62-63) reforça que, se o homem é capaz de jogar sobre o sentido, é porque, por essência, a própria língua encobre o efeito metafórico interno da discursividade pelo qual a língua se inscreve na história. Com base nisso, o autor define o nó central do trabalho de leitura de arquivo e a relação entre língua e discursividade.

Para Pêcheux, a significação é da ordem da língua. Diante disso, o problema posto ao analista de discurso é saber compreender e descrever o funcionamento dessa materialidade linguística na produção de sentidos.

O sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, *não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo discurso* (PÊCHEUX, 1997, p. 91 - grifo nosso).

A partir dessas concepções, o discurso é pensado não como uma simples transmissão de informação entre sujeitos, mas como efeito de sentidos entre sujeitos que, mesmo sem saber, ocupam lugares determinados na esfera social.

Isso porque há práticas diferenciadas de trabalhos sobre o arquivo textual e as preocupações do historiador tanto quanto as do linguista ou do matemático em saber valer os

interesses históricos, políticos e culturais, conforme Pêcheux (1990, p. 78), são levados pelas práticas de leitura de arquivo.

Num processo de formulação e enunciado, recorte e arquivo, organiza-se o *corpus* a partir de gestos de leitura. Reúnem-se as paráfrases do processo discursivo, além dos vestígios de uma mesma posição de sujeito, da mesma *formação discursiva* e de outras que se juntam. Aos poucos novos efeitos de sentido vão sendo produzidos e com estes o que chamamos de “efeito metafórico”.

As configurações de arquivo, de acordo com Foucault (1986), são centradas a partir de um acontecimento. Ao analista fica a interrogação: “Qual lugar discursivo ocupa dado acontecimento discursivo num determinado arquivo?” Assim, a noção de arquivo torna-se muito produtiva nos estudos da análise de discurso.

Courtine (2009) redefine o conceito de *corpus* discursivo como um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um determinado estado das condições de produção do discurso.

A partir disso, o *corpus* de análise passa a ser composto por textos variados, de diversos gêneros, que circulam em diferentes suportes sobre um mesmo tema, conceito ou acontecimento. A noção de formação discursiva é considerada em sua heterogeneidade e tende a ser deixada de lado em função de uma operação de “leitura do arquivo”.

A noção de *corpus* em estudos da análise de discurso apresenta-se desde a década de 1980, na França, fortemente vinculada à noção de arquivo, o qual é formado por um ponto de vista que reflete a heterogeneidade e a representatividade em que se inscreve o acontecimento a ser analisado.

Na tentativa de uma delimitação do *corpus*, foi optado por um campo referencial que possibilitasse a análise. Courtine (2006) explica que “construir um *corpus* discursivo é fazer entrar a multiplicação infinita e a dispersão fragmentada dos discursos no campo do olhar por um conjunto de procedimentos escópicos”.

Já as sequências discursivas, quando reunidas, receberão uma organização segundo um plano estruturado de acordo com dimensões, o que equivale determinar uma forma ao *corpus* discursivo.

Neste trabalho, cujo tema é o discurso religioso na mídia, será feita uma análise do funcionamento discursivo de depoimentos de fiéis durante o programa televisivo Show da fé. Ao mesmo tempo, propõe-se investigar a força desses para a relação divindade-ciência-

modernidade no discurso da religião presente nos quadros do programa. O *corpus* está constituído por sequências discursivas produzidas por um locutor (missionário R. R Soares) e outros locutores (fiéis). Essa dimensão é relativa aos produtores do discurso identificáveis em um *corpus* determinado e compreendido entre seis dias, correspondendo a seis programas.

O período escolhido como determinante para o *corpus* se deve ao fato de ser uma semana (21 a 26 de janeiro de 2013) em que a IIGD conclamava seus fiéis a participarem da campanha “Projeto de vida”. A atividade era realizada da seguinte forma: os membros da igreja eram convidados a retirar uma espécie de ficha que estava sendo oferecida, em seguida preenchida com seus pedidos, anseios e desejos para o ano de 2013. A ideia é que durante todo o ano o missionário e todos os fiéis estariam orando e pedindo a Deus para que as graças fossem alcançadas. Vejamos a SDR8:

SDR8: *O Projeto de vida é composto por três vias. Entenda cada uma delas e creia naquilo que Deus tem colocado em seu coração. Você terá um 2013 de bênçãos, em nome de Jesus (Ongrace. Acesso em 25 maio 2013).*



Fonte: Site Ongrace.

Figura 1: Projeto de vida

A capa do material simula uma película de filme de tal maneira disposta que as imagens funcionam como fortalecimento de sentimentos, como entusiasmo, esperança nos

fiéis: “*Projeto de Vida 2013 – Ano da alegria completa*”. A expressão automaticamente prevê que, se você colaborar na campanha, seu ano será pleno de alegrias. Projetar, segundo o dicionário, pode ter, entre outras, a conotação de planejar. Com esse propósito, a campanha seria uma alternativa/solução prática para intensificar um planejamento de vida, seguindo alguns itens de referência, os chamados aqui de “campos”, que serão citados na sequência.

Entre os termos em destaque estão: “determinando”, “negócio”, “firme”, “luz” e “caminhos”, que possuem ligação direta com questões mercadológicas e, portanto, fazem parte da formação discursiva capitalista.

As fotos, organizadas em diferentes situações, mostram várias pessoas felizes e celebrando conquistas em diferentes momentos de suas vidas, o que supõe o mesmo “destino” a quem colaborar.

Felicidade, sucesso e prosperidade, esses não são por acaso os desejos da maioria da sociedade? Agindo diretamente no anseio de seu público de seguidores, antecipando a resposta e assinalando um caminho de bênçãos rumo à salvação. Essa é a forma com que atua a IIGD, como um sistema: “contribuir para prosperar”.

As cores evocam alegria e determinação. Em destaque estão palavras do texto bíblico, que atraem a atenção daqueles que confiam no poder da salvação e, ao mesmo tempo, remetem maior credibilidade à campanha da Igreja.

Escreva aqui o que a sua fé lhe diz e guarde. 

	Bens necessários Mateus 7.11	
	Saúde Isaías 53.4,5	
	Felicidade na família Salmo 128.3	
	Ponto final nas dívidas Romanos 13.8	
	Fonte de renda Deuteronômio 28.1-14	
	Vida sentimental Provérbios 18.22	
	Bênção espiritual Efésios 1.16-19	

**Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos; o que votares, paga-o (Ec 5.4).
Ore, leia a Palavra, medite nela e tome a sua decisão, assinando-a em o Nome de Jesus. Eu, _____
faço o meu Projeto de Vida. O meu voto é ajudar a casa de Deus com R\$ _____.**

Fonte: Site Ongrace (Acesso em maio 2013).

Figura 2: Ficha – Projeto de vida

Essa é a ficha que os fiéis são convocados a preencher com seus desejos, anseios e metas para o ano. O material é dividido em campos: 1º - bens necessários; 2º - saúde; 3º - felicidade na família; 4º - ponto final das dívidas; 5º - fonte de renda; 6º - vida sentimental; 7º - a bênção espiritual.

Numa observação prévia, detectamos a ordem de importância apontada pelos membros da Igreja e organizadores da campanha “Projeto de vida”. O primeiro pedido se refere a aspectos materiais: “bens necessários”. Já a saúde vem em segundo lugar, seguida de “felicidade na família”. Os pedidos que seguem não escondem a valoração aos aspectos financeiros e mercadológicos e remetem a uma ideia de que esse é o sinônimo de felicidade e, para alcançá-la, basta colaborar com a Igreja. A bênção espiritual, tão comentada durante o culto religioso, aparece em último lugar. Nesse contexto, surgem questões como: o que é capaz de curar? É possível pagar para conquistar a salvação?

Nessa reflexão podemos fazer uma relação com um método que a doutrina católica utilizou no passado, as chamadas “cartas de indulgência”, por meio das quais as pessoas eram submetidas a penitências muitas vezes severas em troca da salvação e libertação dos pecados.

Com isso observamos um já dito e uma retomada de discursos e práticas. Mesmo que a IIGD busque mostrar uma nova vertente das igrejas evangélicas e que mantém um distanciamento do catolicismo, algumas tradições são resgatadas e reformuladas. É, pois, pelo interdiscurso que podemos perceber o que configura essa prática ainda hoje presente no discurso religioso. Ressoa na memória o sentido de perdão e salvação por meio de trocas pessoais, doações, ou seja, “sob o rótulo do novo”, como diz Grigoletto (2003), temos as graças divinas a serviço e controle do capital.

Cabe chamar atenção que ao final da ficha, após o versículo bíblico, há uma observação sobre a importância de definir uma contribuição financeira para a denominada “casa de Deus”, no caso, a Igreja Internacional da Graça de Deus. Para os neopentecostais, a chamada “confissão positiva” prevê que se alcance tudo o que há de bom, de melhor, e que vai ao encontro com os desejos da maioria dos seres humanos, como riqueza, saúde perfeita, felicidade plena e sem grandes problemas. Outro aspecto importante é que a relação entre fiel e Deus ocorre por um sistema de troca de favores, de modo que o cristão entrega o dízimo (ofertas) e Deus concede os desejos e cumpre as próprias promessas. A solicitação financeira remete a uma espécie de compromisso ainda maior selado entre fiéis (membros representantes

da “casa de Deus”) e Deus, sendo que o intermediário nesse processo é o missionário. Como já dissemos, a posição-sujeito do sujeito da religião vem fortemente identificada à ideologia dominante.

Outro fator que pode ser destacado, quando se fala em neopentecostalismo, é a crença sobre a existência do diabo na vida do ser humano, vem carregada de efeitos de sentidos, coerção e intimidação, já que a figura do demônio, historicamente construída no imaginário social e nas instituições religiosas, como aquele que perturba e que tem a intenção de prejudicar a todo o momento os que se desligam de Deus e, portanto, se tornam frágeis às tentações. Para conseguir eliminar a presença do “demônio” e ser feliz, a sociedade precisa ter fé e acreditar no Senhor Jesus Cristo, obedecendo às suas regras e seguindo as suas orientações.

4.2 Condições de produção das sequências discursivas

Como vimos na seção anterior, algo se mantém, isto é, o dizível, a memória representam, assim, o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. E é dentro dessas condições que se produz o discurso na religião na mídia.

Pêcheux (1969) produz um deslocamento do esquema linear formulado na comunicação por Jakobson (1963) e diz que as condições de produção vão muito além ao inserir as formações imaginárias, responsáveis por apontar os lugares que emissor e destinatário atribuem-se, originando o imaginário social.

De acordo com Indursky (2013, p. 36), “as CP do discurso mostram a conjuntura em que um discurso é produzido, bem como suas contradições”, ou seja, as relações de força estão sempre presentes nas práticas discursivas. Diante disso, o sujeito ao organizar o seu discurso coloca em jogo relações entre sujeitos, temas, desigualdades, assimetrias como efeito da rede de relações imaginárias.¹⁰

¹⁰ Lembramos que, de acordo com Pêcheux (1969), as formações imaginárias coordenam todo o discurso e indicam a imagem que o sujeito faz dele próprio, a imagem que ele faz de seu interlocutor e também do objeto do discurso. Sem falar na imagem que o interlocutor faz de si, do emissor e do objeto.

Em meio a essas relações, não se pode esquecer que as *condições de produção do discurso* abrem espaço para as relações de força no todo da produção social. “Segundo as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa” (ORLANDI, 2010, p. 16).

Ao nos referirmos a um espaço religioso, mesmo que um programa televisivo como o Show da fé, em formato de auditório, as FIs conduzem a um comportamento de respeito e credibilidade aos seguidores. Entretanto, o fato de os programas de auditório, de modo geral, visarem à aproximação do público com o que está sendo mostrado e a interação entre plateia e palco significa reprodução da ordem instituída desses lugares e poderes preestabelecidos. A linguagem simples, apelativa ao máximo, polêmica, com o intuito de prender a atenção e conquistar a todos, tanto os que estão presentes no programa quanto os telespectadores, traz à tona os costumes e a forte herança do rádio.

Com isso relacionamos as condições de produção do lugar social ocupado pelo sujeito ao enunciar, ao mesmo tempo, com as formações ideológicas que influenciam na formação de sentidos e na construção de uma realidade baseada nas formações imaginárias. Sendo assim, as condições de produção levam em conta vários aspectos externos para chegar ao auge da formulação do discurso.

Em nossa pesquisa, contudo, o fato de o programa Show da fé estar dividido entre o pronunciamento da palavra, louvor e quadros fixos, como a “Novela da vida real”, o “Momento nossa TV brasileira” e o “Abrindo o coração”, mostra que há uma materialidade histórica formada pelas relações sociais de uma determinada formação social funcionando aí. Rituais como a prática da meditação, comentários, leituras de trechos bíblicos com finalidade de reflexão, tanto trazem a identificação espaçotemporal e as circunstâncias em que se produz o discurso religioso quanto ao modo, às condições de seu funcionamento na mídia, de suas relações de força, de alianças, de antagonismos, por exemplo.

O uso das câmeras para fazer a propaganda do *site* do Show da fé: www.ongrace.com, vantagens de TV por assinatura: “Nossa TV, antes era um sonho e agora, uma realidade”, como se fosse de outro endereço de divulgação de qualquer produto, deixa transparecer o modo como o sujeito da FD religiosa se subjetiva diante daquilo que diz.

Assim, falar sobre o obstáculo que o dinheiro pode se tornar na vida das pessoas e alertar para os cuidados que devem ser tomados, principalmente quando os problemas financeiros surgem “repentinamente”, tanto podem significar aconselhamento (prática

bastante presente no discurso religioso) como a busca de público potencial para arrecadação de recursos.

Afirmamos isso porque o culto conta com a participação e auxílio dos chamados “obreiros”, os colaboradores que trabalham no programa, circulando em meio aos corredores do auditório e auxiliando a todos no que for preciso. Eles também ajudam a mostrar os produtos “Show da fé” que estão dispostos à venda, entre os quais CDs, DVDs e livros. Além disso, a pregação se realiza por meio de músicas cantadas geralmente pelo missionário R. R. Soares e eventualmente com a apresentação de músicos da música gospel, geralmente os mesmos que integram o elenco dos DVDs à venda.

Ao término do programa, os telespectadores podem observar que o culto continua no templo; no entanto, o tempo disponibilizado para a transmissão televisiva é de 50 minutos, por isso o fiel fica com a ideia de continuidade após a oração, já que é reproduzida a mensagem: “Acompanhe amanhã novamente o programa Show da fé”. Entretanto, os telespectadores não visualizam a saída dos fiéis do estúdio onde é realizado e gravado o culto.

Realizando um parêntese para situar as condições de produção do discurso religioso em programas da televisão, no item que segue serão analisados quatro recortes, os quais nos permitem observar o seu funcionamento.

4.3 Análise do funcionamento do discurso religioso *da e na* televisão

As sequências discursivas, quando reunidas, receberão uma organização segundo um plano estruturado de acordo com as dimensões, o que equivale determinar uma forma ao *corpus* discursivo. No presente trabalho organizamos quatro recortes, sendo que cada um desses é constituído de várias sequências discursivas.

A enunciação de uma sequência discursiva apropria-se dos elementos do interdiscurso como espaço do pré-construído, ao mesmo tempo em que o interdiscurso atravessa e conecta entre si esses elementos.

4.3.1 Recorte 1 – Culpa, salvação e exploração

A presente seção objetiva trazer sequências discursivas recortadas de depoimentos gravados dos fiéis durante o programa Show da fé. Para tanto, as sequências discursivas (SDs) são relativas ao quadro “Novela da vida real”, no qual são apresentadas diariamente novas

histórias de pessoas que tiveram suas vidas transformadas a partir do contato com a Igreja Internacional da Graça de Deus e, conseqüentemente, com o Show da fé. Os depoimentos são gravados e constituem uma narrativa que é contada sempre pelos membros das respectivas famílias, além de amigos. Eles mesmos revivem os momentos de angústia, tristeza e dor, conforme se vê durante a gravação para o programa. Intercalando os relatos, há um narrador que enfatiza os fatos marcantes da história. Tudo parece ser real e com muito apelo ao emocional.

Antes de iniciar a análise do recorte 1, é preciso informar que a metodologia utilizada agrupa as sequências discursivas distribuídas em três momentos: a) dificuldades e males; b) ingresso na igreja e encontro com Jesus; c) transformações.

Neste primeiro momento, trazemos as sequências discursivas com relatos de sujeitos sobre o tema dificuldades. Desse modo optamos por sequências recortadas de gravações realizadas entre os dias 21 e 26 de janeiro de 2013, ou seja, de segunda a sábado, respectivamente. Cabe registrar que as dificuldades são de toda ordem, decorrentes do consumo de álcool e/ou outros tipos de drogas, como maconha, doenças, desentendimentos familiares, depressão, violência. As sequências discursivas são as seguintes:

SD1: *Entrei na bebida, fui muito fundo, sabe, nesse negócio aí de ilusão.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD2: *Não existia assim um relacionamento bom, porque a minha casa era o bar.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD3: *Brigas constantes, na rua e em casa.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD4: *Nesse período que eu me aprofundei muito na bebida, né, pra você ter uma ideia, eu chegar a tomar 3 litros de vodka por dia, isso não é comum.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD5: *Não via uma família diante de mim, na verdade eu queria viver no mundo.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD6: *Eu tive uma depressão muito forte aonde eu tentei o suicídio por duas vezes e a psicóloga que me tratou numa época ela me falou pra mim que meu problema não era mental, não era nada, o meu problema era espiritual. Achei muito engraçado um profissional da área te falar uma coisa dessa. Um dia eu em casa, muito desesperada, chorando muito, eu abri a porta, saí sem destino.* (FL, terça-feira, 22 jan. 2013 - grifo nosso)

SD7: *Eu trabalhava em posto de saúde, hoje eu sou aposentada e eu fazia um serviço repetitivo e aí começou com umas dores no braço, depois eu fui afastada do serviço, né, por o médico me afastou, já devido a eu não estar podendo mexer mais os meus braços. Daí em casa eu comecei a ter dor nas pernas.* (HBN, quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

SD8: [...] *Tinha dias assim que eu levantava travada assim, de arrastar a perna assim, não andava, sabe, travava tudinho essa parte de baixo assim, a minha amiga pegava eu aqui assim e ia me carregando pra igreja.* (HBN, quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

SD9: *Eu era um derrotado e não sabia. Minha vida era bailão, sabe, falando a verdade até candomblé, essas coisas eu andava, frequentei. Não tinha um carro, não tinha uma casa pra morar, não tinha nada. Vivia em atrito até com os meus próprios chefes, né, eu trabalho em repartição pública, então, me aguentavam porque tinham que me aguentar, mas se eu tivesse numa empresa privada tinham me mandado embora. Era muito briguento.* (DC, sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso).

SD10: *Tinha viciado na maconha, só na maconha, mas depois com muito tempo, depois pra frente, aí eu me envolvi na cocaína. Depois isso aí também já não tava mais fazendo mais efeito, aí eu comecei, aí foi onde me afundei, aí entrei no crack. Aí o crack eu comecei conhecer e comecei a usar o crack, aí enquanto não acabava, eu sempre usava, uma, duas vez, três vez, acabava, saía que nem doido atrás querendo.* (CTS, sábado, 26 jan. 2013 - grifo nosso)

Podemos observar que o alcoolismo, conforme relato da SD1, desencadeia problemas de ordem familiar (SD2 a SD5). A constatação do sujeito sobre a gravidade do problema vem amarrada ao ritual da Igreja. Quando o sujeito diz: “*Entre na bebida, fui muito fundo*”, é retomado aquilo que todos já sabem sobre o vício no álcool, ou seja, não há limites; segundo o observado na SD4, em que o sujeito diz: “*eu chegar a tomar 3 litros de vodka por dia*”. Em “*nesse negócio aí de ilusão*” (SD1) e “*Depois disso aí também já não tava mais fazendo mais efeito*” (SD10) ressoa um “já dito”, em outro lugar, que ao ser retomado produz um efeito de evidência. Nessa medida, o sujeito da narrativa entende sua experiência como significativa na fortificação da fé e no reconhecimento do papel da Igreja. A perspectiva do sujeito viciado não é nada promissora, uma vez que, segundo ele, “*Não existia assim um relacionamento bom*”, conforme SD2, e ocorrem “*Brigas constantes, na rua e em casa*”, conforme SD3. Ainda é possível mencionar a indiferença e a desagregação familiar. Na SD5 ao dizer “*Não via uma família diante de mim*” e apontar para outra consequência do alcoolismo, demonstra indiferença diante da vida. Historicamente, o sujeito da enunciação é levado a trazer informações acerca das consequências para o viciado e seus familiares.

Chama-nos a atenção também o emprego de “*sabe*” (SD1, SD8, SD9) e “*né*” (SD4, SD7, SD9), que seria lido como marca da narrativa oral, aqui o seu funcionamento aponta para a busca de uma confirmação, validação e legitimação do que está sendo dito a respeito dos danos causados pelos vícios e por seu distanciamento da religião.

Cabe registrar ainda que não é diferente quando as narrativas giram em torno de outros problemas, como depressão, conhecida por muitos como “*doença da alma*” ou do “*espírito*”,

de acordo com o relatado na SD6. A maior investida dos testemunhos refere-se às doenças físicas, e que os médicos geralmente não dão esperanças de cura, como ocorre com os sujeitos das SD7 e SD8: *“eu fazia um serviço repetitivo e aí começou com umas dores no braço, depois eu fui afastada do serviço, né, por, o médico me afastou, já devido a eu não estar podendo mexer mais os meus braços”*, *“Daí em casa eu comecei a ter dor nas pernas”* e *“Tinha dias assim que eu levantava travada assim, de arrastar a perna assim, não andava sabe, travava tudinho essa parte de baixo assim”*.

A perspectiva de o fiel se colocar como um sujeito em estado de “penúria” e considerar também outros sujeitos como tal, observamos nas SD9 e SD10, que a dificuldade econômica não só o impede de progredir como também de “tocar a vida”.

Mesmo que não se diga, o sujeito que enuncia denuncia que ele já sabe sobre o que deverá falar. Tanto é que observamos no quadro “Novela da vida real” a presença da figura do narrador, que, no nosso entendimento, não está disposta na narrativa por acaso, afinal, é o seu discurso que aponta para as fases de destaque na história da família. Inicialmente, ele pontua a fase em que “ED” precisa fazer uma cirurgia e por isso se afasta do trabalho. A partir desse fato surge a justificativa (momentos de tensão) para o aumento do consumo de bebidas alcoólicas. Foi nessa mesma fase que o sujeito das SDs de 1 a 5 teria descoberto a salvação no programa Show da fé comandado pelo missionário.

Durante a fala dos fiéis, as intervenções feitas pelo narrador conduzem o discurso, provocam silenciamento e também interdições, definindo o que pode ser dito. “Como parte da política do silêncio nós temos, ao lado do silêncio constitutivo, o silêncio local, que é a manifestação mais visível dessa política: a da interdição do dizer” (ORLANDI, 1997, p. 74). Enquanto no silêncio constitutivo o sujeito diz uma coisa para não dizer outra, quer dizer, produz um enunciado e silencia outros sentidos, no silêncio local ocorre uma censura, um tipo de proibição do sujeito de fazer parte de determinadas formações discursivas naquele momento.

Orlandi (1989) mostra que o silenciamento acontece a partir da denominação de sujeitos e definição de enunciados. Essas ações são realizadas por quem tem o poder e, por isso, o sujeito, a partir da posição de missionário, ao denominar, e através de um discurso argumentativo, privilegia alguns sentidos, com isso ocorre o silenciamento de outros sentidos possíveis, mas que não são bem-vindos em determinada FD.

Podemos observar algo que silencia e ao mesmo tempo ressoa com destaque no exemplo de “ED” no momento em que procurou ajuda médica, teve o afastamento do trabalho para fazer cirurgia e vários outros problemas surgiram. Isso demonstra uma crítica indireta à medicina. A ênfase na salvação por intermédio do programa Show da fé, mais propriamente do ritual de R. R. Soares, não diz, mas denuncia o que se está aí a silenciar: a cura pela medicina. Esse silenciamento local é fruto de uma interdição e representa, ao mesmo tempo, um modo significativo de dizer. Tal processo tem como base o efeito da ideologia dominante, neste caso, a religiosa.

Althusser, ao refletir sobre ideologia, parte do princípio do materialismo histórico, em que toda sociedade existe porque consome e só há consumo onde há produção, que, por sua vez, só acontece através dos aparelhos ideológicos de Estado (AIE). A Igreja é um exemplo de AIE e por se tratar de uma instituição distinta, respeitada e com propósitos específicos, determina o que pode ser dito e o que deve ser silenciado ou interdito. Nesse caso, o que deve ser silenciado é o reconhecimento da medicina em detrimento dos efeitos da fé, ou seja, os milagres da cura.

Ela é a interdição manifesta da circulação do sujeito, pela decisão de um poder de palavra fortemente regulado. No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito (ORLANDI, 1997, p. 81).

Contudo, esse processo ocorre de forma natural e como se houvesse uma neutralidade imposta pelo próprio discurso autoritário, levando em conta também a posição-sujeito do líder religioso.

O apelo ao emocional, aliado à fé dos seguidores da Igreja, e a busca incansável pela felicidade, “restauração” e “retorno para Cristo”, são algumas das promessas da IIGD, ao mesmo tempo transformam-se em questões integradas na construção de um discurso específico que leva em consideração essencialmente as necessidades de seus interlocutores (público) e, por isso, leva a que o missionário antecipe seu discurso, fornecendo as respostas esperadas e que, por consequência, garanta o sucesso com a palavra, possibilitando a expansão religiosa.

O representante da voz de Deus, apesar de falar em nome dele, não é ele. R. R. Soares, ao levar a palavra sagrada, fazer crer que está concedendo ensinamentos e orientações.

Assumir a posição de porta-voz da Igreja ao utilizar-se da mídia, contraditoriamente coloca-se a serviço da ideologia do mercado. É dessa forma que a Igreja Internacional da Graça ganha visibilidade e é reconhecida oficialmente pela opinião pública. Sobre a atuação de porta-voz, veja o que postula Bourdieu (1996, p. 89):

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador.

Indursky (2000, p. 20), ao abordar a questão da liderança na perspectiva discursiva, afirma que o sujeito “no lugar de um líder único, ao tomar a palavra, não o faz em seu próprio nome, mas em nome da coletividade, ou seja, o faz na qualidade de *sujeitos políticos* [...]”.

Em nossa pesquisa observamos que o missionário R. R. Soares fala em nome de sua Igreja e produz a ilusão de estar também falando em nome de seu público crescente de fiéis, ou seja, da coletividade. Contudo, se considerarmos que o programa televisivo se torna um importante instrumento para que a IIGD tenha um espaço de visibilidade e, por consequência, reconhecimento, esse “fazer político”, como postula Indursky, não ocorre, pois o discurso religioso, atravessado também pela ideologia capitalista na figura do apresentador, produz a ilusão de colocar diante do público a presença do missionário, do líder da igreja, ou seja, de um porta-voz.

Observamos que nas SDs em questão o sujeito enunciador recupera no interdiscurso enunciados já proferidos e significados anteriormente: para obter a salvação será preciso reconhecer a culpa. Nesse sentido destacamos as seguintes passagens: “*fui muito fundo*” (SD1), “*Não existia assim um relacionamento bom*” (SD2), “*brigas constantes*” (SD3), “*eu chegar a tomar 3 litros de vodka por dia, isso não é comum*” (SD4), “*Não via uma família diante de mim*” (SD5), “*o meu problema era espiritual*” (SD6), “*Eu era um derrotado*” (SD9), “*tinha viciado na maconha*” (SD10). Ainda que os problemas sejam diferentes para cada sujeito das SDs, a salvação efetiva somente acontece mediante a confissão, ao assumir da culpa, ou seja, pela submissão à Igreja.

Trata-se de um ritual que “fixa” a eficácia das palavras, os efeitos sobre aqueles que o missionário se dirige, as suas formas de coerção. No desespero e na ânsia de recuperar o sujeito, os familiares e amigos procuram a Igreja. A ideia de que somente a Igreja salva o

homem de seus males reforça a cultura da submissão. No entanto, é uma cultura com papéis preestabelecidos, em que o homem deve curvar-se diante de Deus.

Com o intuito de desenvolver e apresentar um pouco mais a nossa reflexão, trazemos sequências discursivas em que no discurso se procura enfatizar o ingresso na instituição religiosa, que tem o papel fundamental na recuperação do sujeito. Vejamos as SDs:

SD11: *A minha esposa assistia, né, hoje a gente sabe que ela assistia o missionário e o missionário sempre fazia a oração da unção na água. Dá pra uma pessoa que está no vício que o Senhor vai operar um milagre aí. E ela fez isso pela fé, pegou aquela água, colocou na garrafinha de costume que eu costumava pegar, do ladinho da cama.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD12: *Foi aonde o Senhor começou a tocar no meu coração. Mesmo sem eu saber do que ela tinha feito.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD13: [...] *Eu morava próxima ao centro, num bairro chamado Ilha da Conceição, eu vim andando e quando me dei conta estava aqui na frente da Igreja da Graça. Daquele dia então não saí mais da igreja, pelo contrário, virei como dizem por aí uma ratinha de igreja.* (FL, terça-feira, 22 jan. 2013 - grifo nosso)

SD14: *Eu assistindo em casa eu ouvi o chamado, sabe, os testemunhos e eu vi que aquilo era bom pra mim.* (HBN, quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

SD15: *E vim assistindo o Programa Show da Fé, uns dois anos seguidos, até que em agosto, eu tinha saído do último trabalho para vir pra cá, eu tive um período de ficar em casa umas duas semanas e tive como prestar melhor atenção no que o Missionário tava revelando. Chegou o momento que ele fez o convite para ser patrocinador e aquilo tocou o meu coração.* (VJ, quinta-feira, 24 jan. 2013 - grifo nosso)

SD16: *Vai na igreja mas tá no mundo. Mesmo indo numa igreja ainda as vezes ia nos bailão da vida aí pra falar a verdade. Então o devorador vivia me atormentando, acha que montava em cima de mim. Missionário sempre dando a palavra e mostrando pra gente o que tava errado na vida, a gente tá andando assim. Digo meu Deus acho que eu tô perdido mesmo. Daí que eu comecei a pensar né, oh meu Senhor, me dá uma bênção.* (DC, sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso)

SD17: *Andando pelas ruas ARS avista a Igreja Internacional da Graça de Deus e entra.* (narrador, sábado, 26 jan. 2013 - grifo nosso)

SD18: *Aí eu fui orar e Deus me deu a palavra do vale de ossos secos e Deus falou: “Profetiza sobre esse vale de ossos secos, hoje ele não tem vida, mas eu vou dar vida, eu que vou dar o sopro do espírito”. E aí eu comecei a sempre orar em cima disso, falei ah, se o Senhor me deu essa palavra, não é em vão.* (ARS, sábado, 26 jan. 2013 - grifo nosso)

De acordo com os relatos observados, percebe-se que após a situação inicial da maioria dos fiéis que se encontravam em situações de dificuldade, a Igreja Internacional da Graça e o programa Show da fé se apresentam como a alternativa de salvação.

Nesse contexto, algo que parece receber um importante destaque e que se torna um dos atrativos para o ingresso na IIGD é o ritual de cura exposto pelo missionário R. R. Soares. Num dos casos, conforme o relato da SD11, a esposa colocava a garrafinha de água, “*abençoada pelo missionário*”, ao lado da cama. SD12 “*Foi aonde o Senhor começou a tocar no meu coração. Mesmo sem eu saber do que ela tinha feito*”.

Nesse contexto, chama-nos atenção as diferentes marcas de temporalidade que funcionam no sentido de mudança, de transformação. Marcas como “*hoje*” e “*sempre*” (SD11), embora sejam usadas tradicionalmente para referir o tempo, aqui congregam a ideia de espaço da inscrição do sujeito na Igreja, mais especificamente, o lugar de pertencimento e, conseqüentemente, de transformação de suas vidas. Na expressão “*Foi aonde o Senhor começou...*” (SD12), em vez de lugar, soa como tempo, refere o momento em que a mudança acontece na vida do sujeito. Contudo, observa-se a importância do toque (pela mão divina) no corpo do sujeito, mais especificamente na parte (coração) em que costumamos referir a região dos sentimentos. Expressões como “*quando me dei conta...*” e “*Daquele dia*” (SD13) não só mencionam o momento das mudanças, como também mostram que tudo ocorre de maneira muito tranquila, pacífica, produzindo uma espécie de silenciamento dos conflitos (SD14). A prodigalidade está para construir algo oposto ao transgressivo, ao pecado, ou seja, esforça-se para encobrir a velha tradição moralista da igreja. Os verbos no gerúndio, como “*assistindo*”, “*revelando*” e “*andando*” (SDs 14, 15 e 17, respectivamente), carregam a ideia de temporalidade e também produzem efeitos de continuidade. Igualmente, quando o sujeito diz “*Daí que eu comecei a pensar né*” (SD16), observamos que à temporalidade está subjacente a ideia de transformação e de salvação.

Cabe registrar que algo que parece receber um importante destaque e que se torna um dos atrativos para o ingresso na IIGD é o ritual de cura pela oração da “*unção na água*” realizada pelo missionário. Sabemos que, biblicamente, “*ungir*” significa uma prática da fé em que se configura sentido simbólico e espiritual. Tradicionalmente, a unção é realizada com óleo (consagrado) aplicado sobre a parte enferma. É a capacitação dada por Deus a alguma pessoa, credenciando-a para cumprir uma missão específica, especial, dentro de propósitos divinos. No caso do programa Show da fé, este poder é conferido ao missionário que, em um dos quadros do programa, abençoa a água, e esta poderá ser consumida por fiéis em seus lares, operando milagres, conforme o relato na SD11, em que a esposa colocava a garrafinha de água, “*abençoada pelo missionário*”, ao lado da cama.

Na SD12 “*Foi aonde o Senhor começou a tocar no meu coração. Mesmo sem eu saber do que ela tinha feito*”, observamos a exposição de um ritual de cura que se fortalece na posição-sujeito ocupada pelo missionário. O imbricamento da posição-sujeito do sujeito da FD religiosa com o lugar social, ora assumido pelo líder religioso, ora pelo apresentador do programa, faz transparecer um ser dotado de poderes e que seria capaz de atuar como intermediário entre Deus e os fiéis.

O poder identificado no missionário alia-se à transcendência da fé, uma vez que a crença na instituição religiosa remete aos dons especiais capazes de interferir no processo da cura e na conquista de várias bênçãos. Como vimos, a imagem do missionário recebe destaque no programa televisivo; a figura de um ser que deve ser respeitada é reforçada nos milhares de templos da Igreja Internacional da Graça espalhados pelo Brasil. Na SD13 observamos a busca pela Igreja, em seguida a afirmação de que valeu a iniciativa e que houve uma mudança de vida: “*eu vim andando e quando me dei conta estava aqui na frente da Igreja da Graça. Daquele dia então não saí mais da igreja*”.

Nesse processo de conquista de fiéis, quais seriam os fatores preponderantes para aproximar uma pessoa da Igreja? Inicialmente, ao destacar o programa (SD14 e SD15), dá-se ênfase à cultura do espetáculo, à espetacularização da Igreja e da fé. Quando o sujeito diz “*vim assistindo o Programa Show da Fé, uns dois anos seguidos, até que...*”, observamos o revestimento do discurso religioso, em cujos relatos é reforçada a imagem do “bom sujeito”, daquele que conquista o êxito por meio de bons exemplos dados no programa, ou seja, a transformação do sujeito ocorre via programas televisivos. Como diz Debord, “o espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente” (1997, p. 18). Em outras palavras, criam-se realidades diferentes. Isso porque a mídia tornou-se um lugar de estabilização de sentidos sobre a realidade convocada nos relatos.

Ainda em relação à SD15, no que se refere ao enunciado “*eu tinha saído do último trabalho para vir pra cá [...]e tive como prestar melhor atenção no que o Missionário tava revelando*”, observamos uma determinação histórica na constituição dos sentidos. O sujeito discursivo, institucional, que se posiciona e enuncia, está ideologicamente ligado às práticas da Igreja. Vejamos que o missionário não fala, mas “revela” o que faz parte do programa, do ritual da Igreja. O sujeito sofre o efeito de subjetivação, uma vez que acredita na figura do enviado de “Deus”, por isso, o missionário não é para ele apenas um homem comum, mas um

enviado, um porta-voz de Deus. Trata-se daquilo que Althusser (em AIE) define como um efeito de interpelação ideológica.

Dessa forma, a interpelação ideológica não ocorre somente com o sujeito da religião. O modo de interpelação do sujeito capitalista, pela ideologia, se dá concomitantemente no espaço religioso e midiático. “*Chegou o momento que ele fez o convite para ser patrocinador e aquilo tocou o meu coração*” traz o modo como se constitui a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber da FD capitalista. Logo, “*ser patrocinador*” e “*aquilo que tocou o meu coração*” legitimam, pela relação língua-história, “os diferentes desdobramentos dos sujeitos em diferentes modos de subjetivação, de acordo com os lugares sociais que ocupam nas relações de produção” (SCHONS, 2006, p. 63). Assim, o proferido no discurso religioso, conforme analisado nas SDs em questão, funciona ora como uma promessa futura, ora como algo postergado e desejado, uma vez que a projeção de um mundo melhor também fica atrelada a “patrocínios” e ao que “toca o coração”.

Por isso, há de se ressaltar que a mídia produz efeitos sobre o discurso religioso. Contudo, tais efeitos não representam uma intervenção política, mas uma espécie de aprisionamento, alienação, que ao mesmo tempo asseguram o fortalecimento da ideologia. Isso tudo levando em conta, inicialmente, o discurso midiático inscrito em uma sociedade capitalista que acompanha a expansão religiosa neopentecostal. Com isso, é possível notar o consumo como fator essencial nesse processo em que a fé se torna uma espécie de mercadoria.

Há também a convocação do divino nos enunciados: “*Senhor vai operar um milagre*” (SD11), “*Mesmo sem eu saber do que ela tinha feito*” (SD12), “*oh meu Senhor, me dá uma bênção*” (SD16), “*Aí eu fui orar e Deus me deu a palavra do vale de ossos secos e Deus falou: ‘Profetiza sobre esse vale de ossos secos, hoje ele não tem vida, mas eu vou dar vida, eu que vou dar o sopro do espírito’*” (SD18). A encarnação de um “Deus-homem” na figura do missionário é simultaneamente divina e temporal. O espetáculo televisivo – o Show da fé – é um oportuno lembrete de que nas sociedades modernas buscam-se soluções fáceis, imediatistas, por meio de milagres, bênçãos, surpresas e magia, ou seja, dá-se uma espécie de premiação ao sujeito filiado à igreja, ou a um telespectador assíduo do programa.

Entendemos, neste estudo, que o enunciador, representado na voz de Deus durante o ritual, traz uma certeza já dada anteriormente: “Deus dá a quem pede! Deus derrama suas bênçãos aos homens de fé.” Mas também porque, sendo o homem a imagem e semelhança de

Deus, não pode/não deve ser/ter comportamento transgressivo. Tal determinação do que pode e deve fazer é observada na SD16: “*Vai na igreja **mas tá no mundo**”, “**Mesmo indo numa igreja ainda as vezes ia nos bailão da vida**”, “**Então o devorador vivia me atormentando, acha que montava em cima de mim**”. “Missionário [...] mostrando pra gente o que tava errado na vida”, “**acho que eu tô perdido mesmo**”.*

Do mesmo modo, cabe registrar que há expressões que direcionam a ação, tais como “andando” (SD13), “assistindo” (SD14), “comecei a pensar” (SD16), “andando, avista, entra” (SD17), “falou” (SD18), o que indica um “fazer” por parte desses sujeitos e conduz à que a responsável por permitir e contribuir nesse processo é a Igreja, e que tudo isso foi possível por se tratar do Show da fé.

Levando em conta esse imaginário construído no programa sobre a Igreja e sobre a pessoa do missionário, que, contraditoriamente, figuram nas práticas de sujeitos da transgressão, consideremos agora as SDs recortadas do quadro “Novela da vida real” em resposta à entrada na Igreja, mudanças e transformações:

SD19: *Na minha boca não entra mais bebida de álcool a partir de hoje, né, e foi exatamente o que Jesus fez.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD20: *Deus me deu as condições de reconstruir minha casa, o projeto de 20 anos que nós tínhamos aqui e estamos aí quase acabando, para honra e glória do Senhor.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD21: *Deus restaurou completamente a nossa vida, o nosso lar, reconstituiu a nossa família, sabe, o nosso casamento, hoje tá uma bênção. Hoje nós estamos firmes na rocha.* (ED, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD22: *Eu falei, isso não vai dá certo. Ela “para de palhaçada, ueh, não é você que acredita tanto em Deus, tá achando que é brincadeira” Aí ela chamou minha atenção, aí eu fiquei olhando pra ela e falei: você tá certa, se tiver que ser de Deus, vai ser. **O resultado sairia no dia seguinte. Eu não comprei o jornal. Ela comprou. Ela tava acreditando mais em mim do que eu mesma. Me ligou: “Você não vai acreditar, passamo”.*** (FL, terça-feira, 22 jan. 2013 - grifo nosso)

SD23: *No que eu dava cada passo eu pedi pro Senhor e fui andando, fui andando, no final da semana tava andando super bem. E hoje em dia eu limpo o quintal, limpo a minha casa, eu tenho uma vida normal, eu dirijo.* (HBN, quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

SD24: *A gente se conheceu no trabalho e daí no começo nosso casamento começou ir bem mas chegou uma época que a gente começou brigar, discutir muito, qualquer coisa a gente discutia, brigava. Daí um dia eu cheguei pra ele e falei a gente tem que começar a ter um compromisso com Deus porque senão a gente vai acabar se separando de volta.* (A, sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso)

SD25: Já oficializamos e aí Deus só foi prosperando. (AM, sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso)

As SDs em questão relatam as mudanças na vida dos fiéis a partir do ingresso na Igreja Internacional da Graça. Em diferentes situações, relatos sobre “cura” de vícios e outros problemas de saúde, melhorias e conquistas financeiras, sucesso profissional e felicidade na união matrimonial intensificam a força da confiança, da fé na Igreja e no missionário. Os fiéis consagram as conquistas e transformações em seus depoimentos. “*Na minha boca não entra mais bebida de álcool a partir de hoje, né, e foi exatamente o que Jesus fez*”, (SD19), “*Deus me deu as condições...*” (SD20), “*Deus restaurou completamente a nossa vida... reconstituiu a nossa família*” (SD21), “*se tiver que ser de Deus, vai ser*” (SD22), “*eu pedi pro Senhor e fui andando ... tava andando superbem*” (SD23), “*a gente tem que começar a ter um compromisso com Deus porque senão a gente vai acabar se separando de volta*” (SD24). Entendemos estar diante da formação discursiva em que se inscreve o discurso religioso (FD da Igreja Internacional da Graça), na qual convivem diferentes posições-sujeito, ainda que contraditórias.

É possível observar essa movimentação da posição-sujeito oscilar entre a identificação à FDR e à FDC. Em relatos sobre cura de vícios, problemas físicos e sobre problemas de relacionamentos, percebemos que há uma maior identificação com os saberes da FDR. No caso de nossa análise, isso pode ser comprovado nos enunciados: “*Na minha boca não entra mais bebida de álcool a partir de hoje*” (SD19), “*No que eu dava cada passo eu pedi pro Senhor e fui andando, fui andando, no final da semana tava andando super bem*” (SD23), “*A gente se conheceu no trabalho e daí no começo nosso casamento começou ir bem mas chegou uma época que a gente começou brigar, discutir muito, qualquer coisa a gente discutia, brigava. Daí um dia eu cheguei pra ele e falei a gente tem que começar a ter um compromisso com Deus porque senão a gente vai acabar se separando de volta*” (SD24). Contudo, observa-se que mesmo tratando-se de relações humanas são convocados saberes da FDC, a religião numa visão mercantilista, ou seja, a serviço da ideologia do mercado. Podemos observar isso, por exemplo, em “*Deus me deu as condições de reconstruir minha casa*” (SD20), “*Deus restaurou completamente a nossa vida, o nosso lar, reconstituiu a nossa família*” (SD21), “*O resultado sairia no dia seguinte. Eu não comprei o jornal. Ela comprou. Ela tava acreditando mais em mim do que eu mesma. Me ligou: ‘Você não vai acreditar, passamo’*” (SD22), “*Já oficializamos e aí Deus só foi prosperando*” (SD25).

Esse nosso entendimento se deve ao fato de que a posição-sujeito do enunciador da voz da Igreja Internacional da Graça mostra-se identificado com a forma-sujeito, ao passo que a posição-sujeito em que se inscrevem os fiéis, embora venham reforçar o esperado que se diga no quadro do programa, observamos que convivem também na contradição. É possível perceber nas SDs 22 e 24 dúvida quanto às ações de Deus: “*Eu falei, isso não vai dá certo. Ela ‘para de palhaçada, ueh, não é você que acredita tanto em Deus’* (SD22), ‘*Daí um dia eu cheguei pra ele e falei a gente tem que começar a ter um compromisso com Deus*” (SD24). Na SD22 o sujeito responsável pela enunciação convoca o dizer do outro para trazer suas dúvidas, ao passo que na SD24 o sujeito fala de si para referir que a dúvida não é dele, e sim de seu companheiro. Embora as posições-sujeito convivam no interior da mesma FD e haja uma identidade ideológica, os posicionamentos não o são, uma vez que apresentam alguns sinais de dúvida em relação aos milagres.

Ao mesmo tempo, é como se bastassem algumas expressões estruturadas num discurso religioso específico para que a cura fosse percebida pelos fiéis. Nesse contexto podemos depreender que a crença vem relacionada a milagres. Na SD23, por exemplo, “*eu pedi pro Senhor e fui andando, fui andando, no final da semana tava andando super bem*”, observamos que o destaque refere-se sempre ao tempo, com o intuito de mostrar que a cura, ou outros benefícios, foi obtida de forma rápida. Esse fator também é frequente nas SD21: “*hoje tá uma bênção. Hoje nós estamos firmes*” e SD22 “*O resultado sairia no dia seguinte*”.

Por meio de formações imaginárias, a ideologia é capaz de assegurar crenças, demonstrar sentidos específicos e, por si só, provocar a dominação de alguns sistemas sobre os indivíduos, mas não, necessariamente, garantir uma única identidade, já que há a confirmação da “obra do Senhor”, fica também uma reserva de dúvida. Isso funciona com a Igreja, porque mantém sua história e suas particularidades, normas e costumes moldados na ideologia dominante.

Neste trabalho podemos observar que o missionário e a Igreja buscam se representar por meio de práticas de sujeitos da transgressão. Se transgredir significa a ação humana de, por exemplo, ultrapassar, esse ato rompe com algo do mundo estabelecido e se vincula à promessa de algo novo. Tal força exercida pela Igreja é capaz de promover a fé e a ideia de cura e salvação como se isso fosse uma característica específica da Igreja Internacional da Graça e do Show da fé. Pelo imaginário reproduz-se a ideia de que isso tudo é possível porque se trata de determinada instituição religiosa.

Para exemplificar, temos a SD25 em que um casal leva em conta o que R. R. Soares falou sobre a necessidade de oficializar a união matrimonial e segue a orientação como algo fundamental e incontrariável. “Já oficializamos e aí Deus só foi **prosperando**”. Prosperar significa “melhorar de condição, crescer, desenvolver-se, enriquecer”. No caso de “prosperando”, a ideia de crescimento contínuo se mantém na própria estrutura do significante, é marca da aparência da FD capitalista no contexto religioso. De um lado, a ideia é que, seguindo as normas da Igreja, Deus irá possibilitar várias conquistas e riquezas. Por outro, a questão financeira está presente na maioria das falas. É como se fosse possível pagar para alcançar benefícios.

Realizadas as análises de mais um bloco de sequências discursivas, observamos a presença de regularidades, como “sabe”, “né”, “aí”, “daí”, “hoje”, “sempre”, “agora”, “prosperando”, “patrocinar”, “quando me dei conta”, “então”, “até que”, “daí que eu comecei a pensar”, “a partir de hoje”, “Jesus fez”. Embora a maioria dessas sejam marcas específicas de narrativas, sinalizam o momento de mudanças, demonstrando que tudo ocorreu de maneira pacífica, caracterizando um silenciamento de conflitos e remetendo à ligação dos saberes pertencentes à FDR e à FDC, intensificando a ideia de que, para alcançar as graças, é preciso doar uma quantia em dinheiro para a igreja.

Sobre os aspectos voltados às doações, vamos conferir na sequência um conjunto de SDs, recortadas ainda do quadro “Novela da vida real” (Anexo 1):

SD26: *E, além de trabalhar eu queria voltar a ser dizimista, porque eu era dizimista antes de conhecer, antes de eu me casar, eu era dizimista. **Queria patrocinar a obra do Senhor** e não tinha como, eu não queria tirar do dele, eu queria ter do meu pra fazer as coisas pra Deus.* (FL, terça-feira, 22 jan. 2013 - grifo nosso)

SD27: *Eu não acreditei, achei aquilo, surpreendente. **Deus me surpreendeu de uma forma tão tremenda.** Senhor, muito obrigado porque **agora eu vou poder patrocinar sua obra, dizimar sua casa com o meu dinheiro.*** (FL, terça-feira, 22 jan. 2013 - grifo nosso)

SD28: *HBN assiste ao programa Show da fé e resolve ser patrocinadora.* (narrador, quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

SD29: *E o patrocínio no começo foi pela minha fiança né, porque eu era assim uma pessoa que gastava muito, sabe, eu ia comprar um negócio, tinha que comprar três. E não é assim né, então eu comecei a pedir pra Deus que tirasse isso de mim né, que eu gastasse o suficiente que tinha que gastar. Daí eu já vi que eu tava curada desse compulsivo de tá gastando, eu comecei a continuar o patrocínio daí pela minha saúde. Aqui nessa rua mesmo onde eu tô. Eu comecei a clamar o Senhor, eu disse Senhor, eu já passei por uma cirurgia, eu sei que o Senhor está à frente e eu não vou ficar assim sem caminhar.* (HBN, quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

SD30: *Ah, eu vou começar a patrocinar, pra começar a ajudar a igreja, por que tudo que eu já tava, eu era um derrotado, sabe, gastava 10 vezes mais numa noitada sabe, com bagunça, folias e bebida e falar a verdade, mulherada né, porque naquele tempo era bagunça. Eu peguei e comecei a patrocinar dali em diante né.* (DC, sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso)

SD31: *Exatamente foi nessa época que ela pegou, ela começou a assistir o programa do R. R. Soares, ela começou a comentar comigo, a gente conversava sobre isso e tal. **Aí ela foi, fez o patrocínio dela, ela falou comigo olha, tô fazendo o patrocínio e tal e assim as coisas mudaram mesmo**, não foi só na questão, foi um todo, sabe, a vida dela deu um salto assim, **quântico enorme.*** (KJS, quinta-feira, 24 jan. 2013 - grifo nosso)

SD32: *Com isso a **minha vida ela também foi melhorando**, ela foi prosperando, eu antes ficava sentada no meu sofá lá na frente, esperando um cliente chegar e hoje eu não tenho mais horário, horário preenchido de manhã até a noite. Então, graças a Deus **eu tô num momento de bênção e gostaria que todo mundo pudesse participar do que eu tô participando**, viver o que tô vivendo.* (VJ, quinta-feira, 24 jan. 2013 - grifo nosso)

SD33: *Começou a ser patrocinador né, do programa e a gente começou adquirindo as coisas assim **automaticamente.** Daí surgiu da gente comprar o terreno aqui em Colombo, a gente comprou o terreno, daí fomos construindo aos poucos e hoje a gente tem a nossa casa, graças a Deus. Vivendo a mudança sabe. Daí eu até lembro uma vez que, todo final de semana a gente, até a gente vai na casa da minha cunhada e lá eles bebem muito sabe. Mas um dia a gente chegou lá, a gente foi almoçar, a gente chegou lá, ofereceram cerveja pra ele e ele falou: “Não, não quero, a partir de hoje não vou beber mais. Eu acredito que foi o Espírito Santo que foi tocando no coração dele né.”* (AM, sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso)

As SDs representam uma série de narrativas lineares em que as situações de conflito e os problemas são minimizados, enquanto são ressaltadas as tomadas de iniciativa, seguindo a igreja e seus ensinamentos.

A IIGD prevê que, além de demonstrar a fé por meio das orações, leituras bíblicas e presença no culto, é preciso contribuir financeiramente, realizando o que eles chamam de “doações”, seguindo a ideia de que, assim, é possível conquistar inúmeras bênçãos.

Este imaginário é construído a partir da denominada “teologia da prosperidade”, uma filosofia religiosa em que o sagrado se apresenta a partir da obtenção de melhorias nas condições materiais, econômicas, e que se baseia no princípio de que, se os fiéis se tornarem patrocinadores da “casa do Senhor”, as graças serão alcançadas.

Marcas linguísticas como “dizimista”, “dizimar”, “patrocinar”, “patrocinadora”, “patrocínio”, “finança” compõem a regularidade de saberes da FDC. Acionam uma memória social/coletiva a partir dos pré-construídos estabelecidos no imaginário, no interdiscurso. Esses saberes estratificados interferem na materialidade linguística. É nesse momento que o gesto de interpretação tem a tarefa de relacionar o sentido com sua exterioridade da língua. Como diz Orlandi (2005, p. 36), “todo dizer se faz na tensão entre o mesmo e o diferente, toda

vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas”, isto é, renova-se na atualização discursiva um pré-construído de outro lugar. Assim, a movimentação nos sintagmas “dizimista” e “patrocinador” têm um funcionamento que perpassa seu histórico semântico na ideologia religiosa e do mercado, respectivamente. Contudo, em nosso estudo, “dizimista”, “dizimar” passam a funcionar numa outra ordem: a mercantilista.

Quando beneficiados, os fiéis sentem a necessidade de um compromisso - SD31: “*eu vou começar a patrocinar, pra começar a ajudar a igreja*”. Esse discurso está ancorado na formação discursiva capitalista que pressupõe a ligação direta entre mercado, dinheiro e bens materiais com a felicidade plena do homem. Ao mesmo tempo, ao realizar a ação de patrocinar, os fiéis se sentem ainda mais inseridos no grupo e contribuindo para o crescimento da instituição religiosa.

As sequências discursivas deste recorte nos confirmam a representação social do dinheiro nas práticas da Igreja Internacional da Graça. O cenário se configura geralmente em realidades semelhantes, que abordam a história de fiéis que enfrentavam situações difíceis e que ao acreditarem no missionário e começarem a patrocinar, pagar o dízimo ou fazer outro tipo de investimento na Igreja, foram “surpreendidos” com graças (SD 32): “*Aí ela foi, fez o patrocínio dela, ela falou comigo olha, tô fazendo o patrocínio e tal e assim as coisas mudaram mesmo*”.

Essa prática parece ser aceita com muita naturalidade pelos fiéis que, por estarem inseridos a uma sociedade capitalista, investem e acreditam que a Igreja é capaz de ser uma mediadora nesse processo de conquistas, cura e salvação. O dinheiro se torna algo sagrado para os fiéis, acreditando que através desse é possível obter recompensas divinas. SD34: “*Começou a ser patrocinador né, do programa e a gente começou adquirindo as coisas assim automaticamente*”.

Tal processo pode ser explicado em Pêcheux (1988, p. 163) quando reitera que a interpelação do sujeito em sujeito ideológico, ou sujeito do discurso: “se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora de unidade (imaginária) do sujeito apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso [...], são re-inscritos no discurso do próprio sujeito”.

Confira a seguir como se exemplificam os processos de identificação e interdição de sentidos.

SDs	Inserção do discurso-outro (discurso autoritário)	Reflexo da mudança/motivações
SD26	<i>... eu queria voltar a ser dizimista</i>	<i>porque eu era dizimista antes de conhecer, antes de eu me casar, eu era dizimista.</i>
SD27	<i>Deus me surpreendeu de uma forma tão tremenda. Senhor, muito obrigado</i>	<i>porque agora eu vou poder patrocinar sua obra, dizimar sua casa com o meu dinheiro</i>
SD28	<i>[...] assiste ao Programa Show da Fé</i>	<i>e resolve ser patrocinadora</i>
SD29	<i>E o patrocínio no começo foi pela minha finança né</i>	<i>porque eu era assim uma pessoa que gastava muito, sabe, eu ia comprar um negócio, tinha que comprar três</i>
SD30	<i>Ah, eu vou começar a patrocinar, pra começar a ajudar a igreja</i>	<i>por que tudo que eu já tava, eu era um derrotado, sabe, gastava 10 vezes mais numa noitada sabe, com bagunça, folias e bebida e falar a verdade, mulherada né, porque naquele tempo era bagunça.</i>
SD31	<i>Exatamente foi nessa época que ela pegou, ela começou a assistir o programa do R. R. Soares, ela começou a comentar comigo, a gente conversava sobre isso e tal.</i>	<i>Aí ela foi, fez o patrocínio dela, ela falou comigo olha, tô fazendo o patrocínio e tal e assim as coisas mudaram mesmo, não foi só na questão, foi um todo, sabe, a vida dela deu um salto assim, quântico enorme.</i>
SD33	<i>Começou a ser patrocinador né, do programa</i>	<i>e a gente começou adquirindo as coisas assim automaticamente... Daí surgiu da gente comprar o terreno aqui em Colombo, a gente comprou o terreno, daí fomos construindo aos poucos e hoje a gente tem a nossa casa, graças a Deus. ... “Não, não quero, a partir de hoje não vou beber mais. Eu acredito que foi o Espírito Santo que foi tocando no coração dele né.</i>

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro-síntese 3: Processos de identificação e interdição de sentidos

Nas sequências dispostas no Quadro 3, percebemos que os fiéis se identificam plenamente com a formação discursiva religiosa, reforçam as pregações e a própria ideologia. Isso levando em conta o funcionamento do discurso outro, no qual o missionário, ao ocupar o lugar de representante de Deus na terra, produz efeito de verdade por meio de um discurso

autoritário. Tal autoridade é responsável pela ilusão de reversibilidade entre locutor e ouvinte. No entanto, há forte atravessamento da formação discursiva capitalista.

Em relação à presença do discurso-outro nos depoimentos, Orlandi, em *Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* (2006), define três tipos de discurso: o *lúdico*, o *polêmico* e o *autoritário*. O primeiro se caracteriza por uma expansão da polissemia e seu referente é mais transparente, “solto” aos interlocutores. O tipo polêmico supõe um controle da polissemia, sendo que os interlocutores procuram determinar a direção do referente. Já no discurso autoritário, a polissemia tende a ser contida e o enunciador possui a ilusão de estar garantindo um único sentido. Podemos dizer que esse tipo de discurso é marcado essencialmente pela dominação. Visualizamos isso na própria fala dos fiéis, levando em conta que o determinante é o discurso da Igreja, aquilo que ela decide e “ordena”, é o que deve ser dito. O que foge do determinado deve ser interdito, rejeitado, anulado. Nesse sentido, conforme SD26, em que se observa o desejo de o fiel voltar a ser dizimista vem acompanhado da sensação de culpa, em que considera que o casamento, a dependência financeira do marido a impediu de continuar na “missão com a igreja”. Quando se diz: “eu queria voltar a ser dizimista”, “antes de conhecer, antes de eu me casar, eu era dizimista”, “Queria patrocinar a obra do Senhor”, “eu queria ter do meu pra fazer as coisas pra Deus”, temos uma retomada do dizer que ressoa no interdiscurso e que aponta para o lugar da resistência. Por outro lado, a remissão de um antes (“queria”, “antes de conhecer”, “era”) e o agora torna possível observar um sujeito dividido, em conflito entre aquilo que quer/gostaria e não pode e não deve fazer.

Seguindo a mesma linha e as reflexões em relação à questão financeira, a SD27 também destaca o momento da “conquista da independência” e considera que Deus “a surpreendeu”, por isso sente-se no compromisso de retribuir a ajuda por meio do patrocínio à Igreja. Diante dessa contradição, como se fosse uma “troca de favores” entre fiéis e Deus, percebemos mais uma vez a aliança da formação discursiva religiosa com a formação discursiva capitalista. Sendo assim, observamos o imaginário construído pela Igreja, a qual tenta mostrar a seus seguidores a ligação entre a fé (religiosidade, espiritualidade) e o dinheiro (sociedade capitalista, lucro) com o propósito de alcançar benefícios divinos.

Na SD28 é ressaltada pelo narrador, integrante da produção do programa, a importância da ação de assistir ao Show da fé, em seguida tomar a decisão de ser patrocinadora. Nesse caso, o narrador assume a posição de mediador do discurso na tentativa de aproximar os fiéis da instituição religiosa e convencê-los, destacando as vantagens de ser

membro da Igreja Internacional da Graça e acompanhar o Show da fé. Contudo, há de se considerar que essa aparente homogeneização do discurso pode ser compreendida como uma forma de se submeter à cultura do espetáculo.

As sequências 29 e 30 tratam da questão mercadológica, do consumismo exacerbado e da mudança provocada pela doação à Igreja. Em todo esse processo, o que fica evidente é o discurso que, ao invés de gastar o dinheiro com bens, nem sempre necessários, investe-se o valor na Igreja e, como retorno, é beneficiado com várias graças e a salvação. Esse é um dos princípios que move a formação discursiva religiosa neopentecostal e exaltada a todo o momento por sua liderança, o missionário.

O retorno financeiro recebe destaque nas SDs 31 e 33, que mostram o retorno positivo aos fiéis que começaram a acompanhar o programa televisivo e resolveram se tornar patrocinadores.

Em todo esse contexto, salientamos os saberes da FD capitalista, os quais provocam outro tipo de interdição, considerando questões como lucros, investimentos financeiros e bens materiais. Se ligados à religiosidade e em benefício da Igreja, deixam o caráter de “pecado” e são ressignificados a ponto de serem apontados como positivos e necessários à vivência.

4.3.2 Recorte 2 – O discurso da cura pela religião

A presente seção irá analisar depoimentos concedidos ao vivo por fiéis durante o programa Show da fé. Cabe registrar que do material analisado observou-se que durante o culto-programa, R. R. Soares solicita ao público de fiéis presente no auditório que conceda seus testemunhos de fé e libertação. Esses testemunhos¹¹ são realizados em momentos alternados do programa e os relatos tratam essencialmente de situações de cura de doenças físicas e doenças da alma.

Por isso, entre os aspectos que são levados em conta estão questões ligadas ao corpo¹² e é nesse corpo que perpassa o imaginário social de modo que sobre ele recaem várias questões que dizem respeito ao funcionamento dos sujeitos em uma sociedade, constituição de

¹¹ Conforme o *Dicionário Michaelis*, testemunhar é “vtd 1 atestar, confirmar, declarar ter visto ou conhecido: Testemunhar a fé evangélica. vti 2 Fazer declaração como testemunha: Testemunhou a favor de (ou contra) alguém. vint 3 Dar testemunho vtd 4 Presenciar, ver, verificar; vtidi 5 Manifestar, mostrar, revelar”.

¹² Sobre esse assunto trataremos no item 4.4.

subjetividade de sujeito e responsável também pelos efeitos de sentidos, já que aspectos como religiosidade, melhoria de vida ou a cura de doenças físicas são frequentes na fala dos fiéis.

Conforme vimos no decorrer deste trabalho, o funcionamento da língua está carregado de memória, de condições históricas que determinam as formações discursivas. Vimos também nas análises do recorte 1 que o gênero testemunhal possibilita a descrição de situações ideológicas dos depoimentos dos fiéis durante o programa Show da fé, os quais nos possibilitaram observar aspectos relacionados à moralidade e às situações em que os sujeitos são interpelados.

Neste trabalho observamos que são as experiências dos fiéis que nutrem certezas, e o testemunho estabelece conexão entre passado e presente, traz ao espectador um mundo ausente, sustentando, assim, um mundo real; o privado (impartilhável) torna-se público, ou seja, objeto de especulação. A impostação do narrador, a ênfase gestual, a recorrência da anterioridade, os lapsos são tanto denúncias de traços subjetivos quanto de acontecimentos históricos, já que forjam “verdades” da Igreja. Assim, o depoente produz um ato simbólico ao se responsabilizar por uma memória coletiva.

Identificado em vários domínios discursivos, o testemunho é utilizado no discurso jurídico, publicitário, jornalístico, na literatura e também no discurso religioso. Neste último, o testemunho é considerado um importante recurso para comprovação, afirmação e, portanto, convencimento sobre uma verdade. A partir disso, nota-se que o objetivo do uso de tal gênero vai além do aspecto religioso, abrange fins mercadológicos, levando em conta que os fiéis são vistos como clientes.

Se até algum tempo o discurso estruturado do padre ou pastor era a base suficiente para atingir os objetivos das instituições religiosas, aos poucos essa visão foi sendo transformada. Principalmente com o advento da midiaticização religiosa, as igrejas perceberam que a fala dos fiéis durante o culto-programa poderia agregar um valor de destaque, principalmente ao reafirmar o discurso do líder e, conseqüentemente, a formação discursiva, até mesmo a ideológica.

No caso do *corpus* de nossa pesquisa, ao falar sobre os benefícios a partir do momento que conheceram a IIGD e o Show da fé, os fiéis estão depondo a favor do missionário, das pregações do missionário, conseqüentemente reafirmando a ideologia da FDR. Desse modo, considerando que a linguagem “bate” no real e cria realidades, as discursividades dos fiéis

constroem/reproduzem imaginários sobre o papel do missionário na igreja, ou seja, ele passa a ser considerado/descrito como um ser dotado de sabedoria e de poderes para curar e salvar.

Com vistas a enfatizar o funcionamento do discurso religioso na cultura do espetáculo, trazemos o grupo de sequência discursiva do recorte 2, o qual é constituído por testemunho concedido ao vivo no programa por familiares de fiéis “recrutados” pela igreja e que contam sua história no quadro “Novela da vida real”.¹³ Ao encerrar o quadro, o missionário conversa com a família que também está presente no palco. Veja a seguir algumas sequências discursivas em que são apresentados os testemunhos no auditório:

SD34: Missionário: Oh glória a Deus, que bonito. Meu irmão, parece até que eu já sabia o seu testemunho, que a mensagem é exatamente essa, você tava arruinado, envergonhado que deixou a terra que Deus tinha dado para você.

SD35: ED: *Verdade missionário.* Como todos viram aí, esse mundo de ilusão, só tem a destruir. Muitos pensam que isso aí vai levar a algum lugar, leva sim a destruição, vocês viram que foi por vinte anos, tempos perdidos, e em um ano o Senhor me restituiu tudo. (segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso).

SD36: Missionário: Quer dizer, vamos ver se funciona mesmo, porque bateu no coração. Você não praticava esse tipo de fé. Você não praticava a fé do evangelho?

SD37: IBS (esposa de ED): Não, não praticava, na verdade eu até criticava. Eu não gostava nem de assistir. Fui assistir pelo desespero mesmo.

SD38: Missionário: Pra senhora ir, quer dizer, a senhora foi de coração ou foi meio assim?

SD39: IBS (esposa de ED): A primeira vez eu fui e assim, acho que eu não tenho nada a perder, vou lá ver o que vai acontecer. *E aí realmente aconteceu, o encontro com Jesus.* (segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

SD40: IBS (esposa de ED): O homem começou a mudar, logo três dias depois, foi uma bênção mesmo. Três dias depois ele **já passou na porta da igreja, já entrou**, assistiu o culto. Daí na semana que vem **já foi** a família inteira.

SD41: Missionário: Que dias tem reunião nessa comunidade, nesse grupo dos vencedores?

Na análise de discurso, partimos do princípio de que os sentidos não são fixos e o sujeito da AD não é observado de maneira individualizada, mas leva em conta o espaço coletivo onde vive. Sendo assim, trata de um sujeito social sob os efeitos de uma ideologia, identificado numa determinada formação ideológica. Ainda em relação ao sujeito do discurso religioso, mais especificamente do missionário, percebe-se o quanto seu discurso é movido pelo espaço e condições de liderança. Na busca do convencimento desejado, o missionário

¹³ Conforme transcrição no Anexo 1.

lança mão de palavras de incentivo, como “*que bonito ... parece até que eu já sabia o seu testemunho, que a mensagem é exatamente essa*” (SD34). Por outro lado, emerge um discurso-outro fortemente atravessado pela ideologia capitalista “*você tava arruinado, envergonhado que deixou a terra que Deus tinha dado para você*” (SD34); “*Você não praticava esse tipo de fé. Você não praticava a fé do evangelho?*” (SD36).

Aqui cabe retomar que no estudo da noção de formação discursiva leva-se em consideração a formação ideológica. Toda FD apresenta em seu interior a existência de diferentes discursos, como postula Pêcheux, outras formações discursivas exteriores, o que constitui o pré-construído. Com isso, o sujeito discursivo se torna assujeitado pela formação discursiva com a qual se identifica.

Em relação às análises do recorte 2, mais especificamente em relação às enunciações do missionário em que se observam o seu modo de falar e agir, mas também de articular diferentes vozes durante o Show da fé, podemos aferir uma certa tendência em controlar a fala dos fiéis. Após transmitir a história do quadro “Novela da vida real”, o apresentador (missionário) concede espaço para a família relatar sobre os dramas enfrentados com parentes acometidos por alguma doença, envolvidos em vícios e/ou outros problemas. Numa espécie de entrevista “ping-pong”, no ritmo de pergunta e resposta, o missionário já direciona a resposta do depoente. Da forma que não podemos considerar o funcionamento da língua numa esfera de neutralidade, não podemos esquecer a opacidade do sujeito, o qual é atravessado pelas condições de produção e sofre efeitos da ideologia. No nosso entendimento, simular uma espécie de entrevista, o missionário, no lugar de apresentador e de líder religioso, busca alianças com seus fiéis, uma vez que a fala deles podem confirmar o que a própria Igreja espera que seja dito, antecipando os resultados de seus argumentos no interlocutor.

Essa questão está inserida no âmbito da *memória discursiva*, também tratada por Pêcheux como interdiscurso: um saber que possibilita que os dizeres e as imagens façam sentido. Esse processo diz respeito a algo que já foi falado anteriormente, em outro lugar, uma espécie de “já dito”. Os efeitos, por sua vez, são produzidos através da ideologia e do inconsciente entrelaçados no complexo de formações ideológicas.

Com base na AD, argumentar significa “incutir, no interlocutor, uma determinada formação discursiva ou, então, reforçá-la caso esse interlocutor já compartilhe dessa mesma FD” (LIMA, 2002, p. 61). Ainda conforme a autora, a argumentação se origina na interdiscursividade e, para conquistar a adesão do interlocutor, o sujeito discursivo faz uso de

argumentos convincentes que envolvem processos do consciente (que integram os saberes da própria FD do sujeito) e do inconsciente. Dessa forma observa-se como ocorre a indução e até mesmo a manipulação de um grupo por meio da argumentação.

Na SD34 R. R. Soares demonstra a alegria em assistir a mais uma história de superação. Ao mesmo tempo incita o seu “poder” quando diz que parecia já conhecer o testemunho de “ED”. O missionário segue sua fala interagindo com a esposa “IBS”, com o objetivo de destacar a importância do ritual da água, que, segundo a história relatada, foi de grande importância para a mudança de comportamento (salvação) de “ED”.

Nesse momento, R. R. Soares questiona “IBS” sobre a prática da fé do evangelho (SD 37), em cuja resposta o depoente relata o motivo: *“Não, não praticava, na verdade eu até criticava. Eu não gostava nem de assistir. Fui assistir pelo desespero mesmo”*. A partir dessa fala, é possível depreender sentidos como, por exemplo, recuperação física, moral e financeira do sujeito – *“o senhor me **restituiu tudo**”* (SD35) e *“fui assistir pelo **desespero mesmo**”* (SD37); transformação – *“O homem começou a **mudar**”* (SD40), *“nesse grupo de **vencedores**”* (SD41). Contudo, é possível observar certo mascaramento de objetivos mercadológicos, os quais fazem parte da formação discursiva capitalista e remetem a atenção especial à crença como responsável pelas transformações, conforme pode ser constatado nas SDs: *“você estava arruinado”* (SD34), *“o Senhor me **restituiu tudo**”* (SD35). Observe-se que o relatado na SD35 confirma o questionado na SD34. Como se isso não bastasse, marcas temporais que apontam para o imediatismo, a pressa, característica da contemporaneidade, sobretudo da cultura do espetáculo. Isso pode ser constatado nos enunciados: *“você viram que foi por vinte anos, tempos perdidos, e **em um ano** o Senhor me **restituiu tudo**”* (SD35), *“O homem começou a mudar, **logo em três dias** [...]. **Três dias depois ele já passou da porta da igreja, já entrou, assistiu o culto. Daí na semana que vem já foi a família inteira**”*.

Retomando a questão da cura pela água abençoada, percebemos novamente a transmissão de poder elevado ao líder religioso e, por consequência, de sua Igreja. SD40 *“O homem começou a mudar [...] foi uma bênção mesmo. Três dias depois ele já passou na porta da igreja, já entrou, assistiu o culto”*. Essa manifestação de “IBS” caracteriza o mérito de uma bênção concedida pela Igreja por intermédio do missionário. Neste caso, a instituição recebe um grau de importância que aparenta ser superior ao próprio poder divino.

O desfecho da conversa se dá com o *marketing* da Igreja Internacional da Graça que o casal frequenta. O missionário busca intencionalmente divulgar os templos espalhados por

todo o Brasil. De uma forma sutil, ele pergunta: SD41 “*Que dias tem reunião nessa comunidade, nesse grupo dos vencedores?*” e chama a atenção de todos, referindo-se à comunidade, assim como a todos os templos da IIGD, como um lugar especial, onde as vitórias acontecem.

A seguir serão apresentadas outras SDs inseridas no mesmo quadro de testemunhos no palco. Como se trata de testemunhos ao vivo, as pessoas levantam voluntariamente da plateia e respondem ao solicitado pelo missionário. Por uma questão metodológica, por se tratar de sujeitos anônimos, identificaremos por F (de fiel, e numerando-os pela ordem que falam, respondem às perguntas do missionário). A SD42 trata da dor física e a SD43 da dor na alma. Vejamos:

SD42: Missionário: *Olha pra mim agora, não sinta não que Deus vai curar. Quem não podia levantar os braços, levante ambos agora em nome de Jesus, quem não podia fazer isso, pode fazer. Quem não podia mexer com joelho, procure agora. Quem não podia jogar pra trás, pra frente, pro lado, faz o que você não podia fazer agora, em nome do Sr. Jesus. Missionário, tá livre a minha mão, sumiu aquela dor, eu quero quatro pessoas só, obreiro, só quatro, que foram curadas de dor física agora, coisa séria. Levanta a mão aí que eu quero ouvir, quatro pessoas, corram lá em nome de Jesus. Você foi o que minha irmã?*

F1: *Dor no braço, eu não conseguia movimentar um semana e agora passou.*

F2: *Dois meses missionário, com dor nesse braço aqui oh. Sumiu agora.*

F3: *Coluna, muito doída, agora sarou, graças a Deus.* (quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

SD43: Missionário: *Agora dor na alma, eu quero seis pessoas.*

F4: *Missionário eu tava oprimido, fechado e tô alegre.*

F5: *Dor na alma, dor na alma, no corpo todo, no coração.*

F6: *Irmão eu cheguei aqui, as irmã aqui me acudiram, eu suado, tremendo e Jesus agora me libertou, a minha alma estava sobre o inimigo.*

F7: *Eu estava angustiada demais né, até a hora que cheguei na porta tava com vontade de ir embora, mas graças a Deus, em nome de Jesus, agora tô livre.*

F8: *Angustia e a dor no braço que eu tava já fazia uns quatro dias.*

F9: *Eu tava com uma magoa e até na palavra assim já Deus alegrou meu coração.*

F10: *Uma tristeza no meu coração, muito grande, desde ontem e agora já foi embora, em nome de Jesus.*

F11: *Era uma tristeza, missionário, por causa do meu filho que mandou mensagem pra mim dizendo que ele queria se matar e eu tava muito triste, mas graças a Deus agora eu tô bem.*

F12: *Eu tava deprimida demais, não tava querendo vim mais na igreja pastor e agora melhorou bastante, graças a Deus.* (quarta-feira, 23 jan. 2013 - grifo nosso)

As SDs 42 e 43, retiradas do momento em que R. R. Soares conclama a participação do público ao vivo, foram exibidas no dia 23 de janeiro de 2013 e configuram uma discussão interessante sobre o funcionamento da injunção. O que chama atenção na SD42 é o efeito de saturação, tanto pelo uso do imperativo – que, no nosso entendimento, carrega certo grau de autoritarismo – quanto pelo insistente emprego da temporalidade, indicativa de crescente transformação. De acordo com o recorte, tal “força” é acentuada pela atualidade “*agora*”, momento em que a atividade cotidiana do sujeito do espetáculo dá visibilidade a movimentos do corpo, conforme podemos observar nas sequências: “[...] *Quem não podia fazer isso, pode fazer*”, “*Quem não podia mexer com joelho, procure agora*”, “*Quem não podia jogar pra trás, pra frente, pro lado, faz o que você não podia fazer agora*”. A cura da dor física é atestada no testemunho de F1 “*agora passou*”, de F2 “*sumiu agora*” e F3 “*agora sarou*”. É o “milagre da fé” acontecendo “ao vivo e a cores”. Os doentes estão livres das doenças, com seus corpos curados!

Assim, o emprego da forma imperativa “*olha pra mim*”, “*não senta não*”, “*levante ambos agora*”, “*Levanta a mão aí que eu quero ouvir*”, “*corram lá em nome de Jesus*” é muito mais que um pedido, remete ordens sobre o que deve ser dito/feito, adquirindo um tom prescritivo sobre o que pode/deve ser realizado durante o Show da fé.

Desse modo verificamos a força da relação religião-sujeito que possui como alicerce a instituição, historicamente reconhecida pelo seu poder. Tal característica possibilita a interdição que, conforme Foucault (1996), produz a exclusão. Afinal, num discurso não podemos dizer tudo, ao contrário, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Conforme já afirmamos, o dispositivo teórico que viabiliza cada análise exige que se construa um dispositivo analítico também diferenciado para dar conta dos questionamentos e das investigações que se buscam realizar sobre um dado objeto discursivo. Em relação ao *corpus* de nossa pesquisa, embora tenhamos analisado o funcionamento das marcas temporais, a questão da transformação e o funcionamento do discurso autoritário, observamos que nas SDs 42 e 43 a “espetacularização” da fé vem regulada pelos aparelhos ideológicos da religião.

Sendo assim, sob os efeitos da ideologia religiosa, corpos e sujeitos passam a ser interditados. Como é possível observar de acordo com Pêcheux (1990), “uma realidade física”

é instituída pelas “formações imaginárias” e, dessa forma, os deslizamentos de sentido operados nos gestos de interpretação são inevitáveis: “*passar*” (F1), “*sumir*” (F2), “*sarar*” (F3), “*ficar alegre*” (F4), “*libertar*” (F6), “*estar livre*” (F7), “*alegrar o coração*” (F9), “*estar bem*” (F11), “*melhorou bastante*” (F12), paradoxalmente, apontam para a coletividade/individualidade de sujeitos representados nesses corpos, em suas doenças físicas e psíquicas, ou seja, molda-se o comportamento de seus fiéis. No Show da Fé, os fiéis, inseridos naquele espaço, devem seguir os preceitos da instituição a qual integram. Ao mesmo tempo, o missionário e toda a equipe de produção é quem comanda esse processo e determina o que deve ser mostrado durante o programa e o que deve ser interdito.

Nesse sentido, Schons (2008, p. 189) reitera que “a interdição é reconhecida como um processo que seleciona o que pode ou não ser escutado, ao mesmo tempo, em que alguns temas aparecem encobertos, assim como se manifesta a recorrência a determinados saberes, apontando para a não transparência do que será exposto”.

Sendo assim, a Igreja, enquanto instituição social, organizada conforme regras e poderes, regida por determinada formação ideológica, atua de forma a definir o que pode ou não ser dito. Dessa forma, interdita o sujeito ao induzi-lo a seguir determinadas ideias e não outras. Ao dizer “*Olha pra mim agora, não senta não que Deus vai curar*”, temos exemplo de discurso autoritário, o qual, inscrito na formação discursiva religiosa, passa a ser dominante.

Conforme Orlandi (1996, p. 240), todos os tipos de discursos possuem como parâmetro a noção de reversibilidade. “Em se tratando do discurso autoritário, gostaríamos de observar que, embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão da reversibilidade que sustenta esse discurso”. A autora prossegue sua reflexão salientando que o discurso religioso não possui nenhum tipo de autonomia. Isso se deve aos dois tipos de esquecimentos, conforme Pêcheux (1997): o primeiro diz respeito à ilusão do sujeito de ser a origem do seu dizer, quando, na verdade, retoma sentidos já existentes; o segundo diz respeito ao esquecimento, fator que leva o sujeito a pensar que é dono de seu dizer. “Ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2007, p. 35). Podemos chamar esse processo de uma ilusão referencial que leva o sujeito a acreditar que existe uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo.

A ilusão de que a imagem do missionário pode significar a seus fiéis a presença, a “voz de Deus”, ou seja, os “representantes de Deus na terra” são como interlocutores-interpelados, como enfatiza Orlandi:

Locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetados por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens (1996, p. 243).

O recurso da pergunta, empregada pelo enunciador do discurso religioso: “*Quer dizer, vamos ver se funciona mesmo, porque bateu no coração. Você não praticava esse tipo de fé. Você não praticava a fé do evangelho?*” (SD36), “*Pra senhora ir, quer dizer, a senhora foi de coração ou foi meio assim?*” (SD38), observamos ainda o emprego da linguagem imperativa: “*Olha pra mim agora, não senta, não, que Deus vai curar. Quem não podia levantar os braços, levante ambos agora em nome de Jesus [...]. Levanta a mão aí que eu quero ouvir, quatro pessoas corram lá em nome de Jesus. Você foi o que minha irmã?*” (SD 42). Saberes da formação discursiva dominante ressoam e interferem na produção dos sentidos.

No caso deste trabalho, as referidas marcas linguísticas mostram uma maior identificação da posição-sujeito com a forma-sujeito da formação discursiva religiosa (FDR), representando um “bom sujeito”, característica identificada no público de fiéis seguidores da Igreja Internacional da Graça e de R. R. Soares. No entanto, há também de se considerar a formação ideológica da mídia, que é capaz de promover uma série de interpretações sobre o mesmo aspecto e, ao mesmo tempo, pode afastar o telespectador de sua realidade, criando uma espécie de ilusão. Tudo isso é possível levando em conta o papel desempenhado pela mídia como instrumento da formação de opinião, mas também de mascaramento do consumo e tudo o que diz respeito ao aspecto mercadológico.

Assim, a “comprovação” da cura dos fiéis que fazem parte do auditório do Show da fé se torna uma forte aliada da expansão religiosa. Como forma de reiterar a melhoria de vida após o ingresso na Igreja, alguns fiéis tratam a questão da “purificação”, como no caso de F6: “*Jesus agora me libertou, a minha alma estava sobre o inimigo*”.

É também nas SD 42 e 43 que observamos o efeito da negação, um recurso utilizado na FDR com o propósito de enfatizar a ação da Igreja. “[...] *Quem não podia fazer isso...*”; “*faz o que você não podia fazer agora*” (SD42). Nas SDs podemos observar que o “*não*”

expressa os saberes que, segundo a formação discursiva religiosa, demonstram a fase difícil, até mesmo “ruim” dos fiéis que estavam afastados ou ainda não pertenciam à Igreja, gerando, como denominou Indursky (1997, p. 216), uma negação externa que “incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva adversa”. Ainda, conforme Indursky, é neste caso que se apresentam as marcas de negação explícitas, tais como o “não” que, ao transformar uma afirmação em negação, permite que um dizer antes interditado na FD seja possível de ser dito.

Ao dizer, “*Quem não podia... faz agora*”, o sujeito retoma nos saberes do interdiscurso um pré-construído que representa a nova etapa de vida de seus seguidores após o ingresso na instituição religiosa, fato que reafirma a missão da Igreja.

No mesmo sentido, segundo Orlandi (1987, p. 257), a negação faz parte do discurso religioso, porque o homem acumula o valor negativo de ter nascido com o pecado original. Sendo assim, “o pecado é o *não* a Deus”. Portanto, para a FDR, ao superar o “não”, como no exemplo, “*não* podia” e as limitações que são correspondentes o sujeito torna-se realmente fiel, temente a Deus.

Courtine ([1981], 2009), ao analisar o discurso comunista endereçado aos cristãos, trabalhou a noção de enunciado dividido. Ao negar, o sujeito aciona a memória discursiva e, por sua vez, as afirmações que pertencem ao discurso-outro e fazem parte do mesmo domínio, neste caso, o religioso.

Os fiéis prosseguem relatando as novidades que sentiram em relação às dores físicas e às dores na alma.

SD44: Missionário: “*Agora não senta não, olha pra mim, você que tinha junta nas mãos, nos braços, não podia levantar os braços, não podia mexer com a perna, levantar o joelho, mexer com o corpo, mexa agora e veja se a sua alma recebeu a bênção. Deus tá terminando a obra agora. Eu quero quatro pessoas que foram curadas no corpo agora, sumiu dor física, levanta a mão em nome de Jesus, bem rápido obreiros, para a glória de Deus.*”

F13: “*Missionário eu tava com uma dor aqui, ela andava pelo corpo. Uma dor aqui nos ombro e andava pelo corpo. Saiu em nome de Jesus*”.

F14: “*Era muita dor no meu coração missionário, o corpo assim muito pesado, graças a Deus estou livre, glória a Deus*”.

F15: “*Eu caí do ônibus faz 16 anos e procurei a medicina lá, fiz tomografia, depois eu fiz raio x, e depois constatarem artrite, artrose e má circulação na perna direita. E agora, com a campanha que tô fazendo aqui na igreja, agora eu tô curado, em nome de Jesus Cristo. Jesus operou um grande milagre*”. (sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso)

SD45: Missionário – “*Quem é que o mal acabou de sumir agora, levanta a mão em nome de Jesus, eu quero quatro pessoas pra me contar o que que Deus fez. O que fez da senhora:”*

F16: “*Dor no peito e nas costas Missionário, aí o coração ficava acelerando. E passou, graças a Deus”.*

F17: “*Eu sofro no braço e no pé, na junta do pé, saiu agora em nome de Jesus, agora eu ergo o braço. Faz quatro mês que eu caí e quebrei o braço. Aí não tava adiantando, tratamento fiz muito, mas agora oh”.*

F18: “*Tem uns sete meses que eu estava com uma dor no joelho, cheguei aqui com o joelho queimando, pegando fogo e agora melhorou”.*

F19: “*Eu tinha, tava com uma dor na minha perna esquerda já há muitos, já há mais de ano, né, que eu tenho, eu vinha mancando pra igreja e graças a Deus agora eu não tô sentindo nenhuma dor”.* (sábado, 26 jan. 2013 - grifo nosso)

SD46: Missionário - “*Olha que bonito. Meu irmão, cada obreiro só vai pegar uma pessoa porque eu não tenho mais tempo. Ela quer falar comigo, fala rapidinho:”*

F20: “*Eu não dobrava o joelho, missionário, cheguei aqui com muita dor. Graças a Deus saiu”.*

F21: “*Ah, isso já os médicos queriam operar, colocar já prótese e eu fui prolongando, esperando no Senhor e hoje eu creio no Senhor que estou curada”.* “[...] *Oxa, não dobrava, agora está dobrando”.* (sábado, 26 jan. 2013 - grifo nosso)

Nas SDs 44, 45 e 46, de modo geral, repetem-se os mesmos temas, conflitos e tipos de problemas de saúde. Já nas questões analisadas anteriormente, nas SDs 42 e 43, foi feita uma distinção entre duas categorias: as doenças físicas e as denominadas “doenças da alma”, enfatizando o funcionamento da injunção, sendo que vários discursos produzidos pelos sujeitos são construídos sócio-historicamente a partir de suas práticas. O uso do imperativo complementa esse funcionamento, sendo que por meio de técnicas de poder cria-se a ilusão de um discurso verdadeiro.

A constante relação entre o que não podia ser feito no passado, em razão das limitações físicas, e o presente, que autoriza, permite, a compreensão sobre o que pode ser dito e as condições físicas que o sujeito possui. “*Eu quero quatro pessoas que foram curadas no corpo agora, sumiu dor física, levanta a mão em nome de Jesus, bem rápido obreiros, para a glória de Deus”* (SD44).

Nessa sequência é destacado o processo da cura no corpo, englobando as dores físicas. Embora os aspectos que se referem à relação corpo e religião serão aprofundados no item 4.4 deste trabalho, podemos adiantar que a religião leva em conta os dramas e angústias que perpassam o corpo e, com isso, possibilita uma espécie de aprisionamento. No momento em que os saberes da FDR impõem que a cura e outras melhorias de saúde, tanto física quanto mental, são garantidas por meio da Igreja, os fiéis sentem-se compromissados em exaltar tal

poder e milagres. Então, é por meio do corpo que a religião reitera a aproximação de seu público e exerce a dominação.

Na mesma SD podemos observar novamente a marca temporal da pressa: “*bem rápido obreiros*”. Integra os saberes pertencentes à FD da Igreja neopentecostal como a agilidade no processo da cura, representando o poder e os diferenciais que do mesmo modo se tornam um instrumento essencial na técnica do show, inserida na cultura do espetáculo, ou seja, é preciso criar atrativos para conquistar a atenção do público, contagiar, interagir por meio dos recursos midiáticos.

Quando se trata de cura de doenças, muitas vezes é feito um contraponto com a medicina e seus resultados. Em vários casos, a fé recebe um destaque superior à ciência, como podemos observar no relato de **F15**: “[...] *procurei a medicina lá, fiz tomografia, depois eu fiz raio x, e depois constataram artrite, artrose e má circulação na perna direita. E agora, com a campanha que tô fazendo aqui na igreja, agora eu tô curado[...]. Jesus operou um grande milagre*”. As expressões demonstram que nesse caso os saberes da ciência, mais especificamente da medicina, não foram suficientes para sanar os problemas. O que teria trazido a solução para F15 foi o milagre da fé. O mesmo pode ser observado em F21: “*os médicos queriam operar [...] fui prolongando, esperando no Senhor e hoje eu creio no Senhor que estou curada*”.

Ao se referir à medicina, o sujeito a trata com determinados sinais de distanciamento. Isso pode ser constatado no emprego de “*procurei a medicina lá*” (F15), que demonstra a ação tradicional por parte da maioria das pessoas, buscar ajuda médica. Ao mesmo tempo, o discurso do fiel não apresenta entusiasmo, mas, sim, falta de credibilidade na ciência. No mesmo sentido, as marcações “*constataram artrite*” (F15) e “*queriam operar*” (F21) não identificam o(s) sujeito(s) que pretendia(m) realizar a ação, mas ainda se referem, com desconfiança, à medicina.

Ciência e religião são campos historicamente opostos, pelo menos na cultura ocidental. Esse apego por um pensamento linear (causalista e simplificador) e seu encantamento pelos avanços tecnológicos e sua crença numa filosofia empirista – em síntese – a adição ocidental ao positivismo estrito – configuram um conjunto de condições que, provavelmente, proporcionaram o isolamento e estimularam os conflitos entre religiosidade e pensamento científico. Na atualidade, afirmar que a religiosidade de uma pessoa afeta seu corpo, sua mente, sua interação com as outras pessoas, além de seu espírito, soa com menos

estranhamento, embora ainda seja, em muitos círculos, motivo para desconfiança e inquietação. A relação mente-corpo admite a influência das percepções, emoções, atitudes e pensamentos sobre o corpo humano. A mente está localizada no cérebro e tem a capacidade de influenciar o próprio corpo. No discurso estudado neste trabalho, observamos na análise das SDs que se busca mostrar nos quadros do programa Show da fé as crenças espirituais e religiosas, que têm um efeito positivo na saúde dos pacientes.

Expressões do tipo “*Uma dor aqui nos ombro e andava pelo corpo. Saiu em nome de Jesus*” (F13), “*o corpo assim muito pesado, graças a Deus estou livre, glória a Deus*” (F14), “*Jesus operou um grande milagre*” (F15), “*E passou, graças a Deus*” (F16), “*saiu agora em nome de Jesus, agora eu ergo o braço*” (F17), “*e agora melhorou*” (F18), “*graças a Deus agora eu não tô sentindo nenhuma dor*” (F19), “*Graças a Deus saiu*” (F20) permitem observar o modo como o sujeito se identifica com os saberes da formação discursiva religiosa. Essa identificação produz o imaginário de que a ciência não funciona do mesmo modo que a religião, a qual pode promover a cura, operar milagres e provocar transformações na vida dos fiéis.

Entretanto, observamos também que não é uma relação ingênua, uma vez que há uma tendência para os fiéis acreditarem que a religião não só substitui, mas é superior à medicina. No caso, a farmacologia, a cirurgia e outros procedimentos médicos e o cuidado consigo mesmo, dentro deste contexto, são inferiores ao exercício, ao descanso, à nutrição e suas crenças. A fé e a divindade pessoal ao estilo do Deus dos cristãos não se tratam, necessariamente, de espiritualidade. Observamos a Igreja, os dogmas e sua ideologia superior ao controle do sujeito.

Há apenas em F21 “*hoje eu creio no Senhor que estou curada*” um deslize que nos permite observar que o sujeito da enunciação está menos identificado com a ideologia da FDR, ou seja, confirma o que Pêcheux defende de que não há ritual sem falhas. Mesmo que haja a busca pelo estancamento dos sentidos, há algo que desliza, como o ocorrido em F21 “*hoje eu creio no Senhor que estou curada*”, não significa total convencimento do sujeito sobre o poder da religião ou da Igreja, e isso só se comprovou após o sujeito obter mais sinais que para ele comprovaram a cura. Isso quer dizer que o sujeito do discurso pode não se identificar plenamente com os saberes da FD dominante e se identificar com outra FD.

Essa sequência discursiva se refere ao testemunho concedido ao vivo no programa pela família de “CTS”, que contou a sua história no quadro “Novela da vida real”:

SD47: Missionário: “*CTS quanto tempo você ficou na maconha?*”

F22: “*Eu comecei com 17, 18 anos*”.

Missionário: “*Você tá com quanto hoje?*”

F22: “*Hoje eu tô com 54*”.

Missionário: “*E aos 50 que você parou. Tem quatro anos?*”

F22: “*As droga eu já tinha parado já fazia uns 6 anos. Aí a bebida eu bebia pra fortalecer porque eu não tinha droga. Aí usava a bebida, até que um dia [...]*”

Missionário: “*Deixa eu falar com a esposa. A vida toda o marido usando drogas, não era um marido, era um valentão em casa*”.

F23: MRS (esposa) – “*É, e ele era bem valente mesmo, porque a gente não podia falar um “a” pra ele que ele já vinha batendo na gente e tudo. Ele foi muito difícil*”.

Missionário: “*A ARS disse que, você disse que a vida toda viu o seu pai bater na mãe tudo, brigando e em você também, quer dizer*”.

F24: A.R.S. (filha) – “*É, desde pequena*”.

Missionário: “*Aí Deus entrou em cena porque eu sei que ela louva a Deus a promessa e mudou completamente?*”

Missionário: “*Que bonito. Palmas pra Jesus. Olha esse Deus é lindo, mas deixa eu falar um pouquinho ainda*”. (sábado, 26 jan. 2013)

Embora já tenhamos trabalhado com as SDs recortadas do quadro “Novela da vida real”, a finalidade de analisar a SD47 é explorar o funcionamento da interrogação. Os relatos sobre problemas não conduzem à ilusão da mesma naturalidade de uma novela. De forma distinta das outras SDs analisadas e que fazem parte deste quadro, a SD47 assume um perfil mais próximo do formato da entrevista, com um tom inquisitório que se aproxima da possibilidade de reversibilidade dos sentidos em um discurso, na qual não há espaço para o polissêmico, ou seja, destacam-se outros sentidos. Isso pode ser explicado pela estrutura pergunta e resposta.

Na busca constante por atrair a atenção do público, observamos na SD47 que R. R. Soares conversa com os membros de uma família cuja história de superação foi relatada no quadro “Novela da vida real”. Em sua fala, o missionário resgata um dos principais fatos da história, no caso as agressões de um dependente químico, e enfatiza a fé da esposa na IIGD como fundamental na mudança de vida da família.

Prosseguindo a análise, na SD47 observamos as marcas de interlocução no discurso do apresentador, tais como: “*quanto tempo você ficou na maconha?*”, “*Você tá com quanto hoje?*”, “*E aos 50 que você parou. Tem quatro anos?*”, “*Deixa eu falar com a esposa*”; “*A vida toda o marido usando drogas, não era um marido, era um valentão em casa*”, “*A ARS disse que você disse que a vida toda viu o seu pai bater na mãe tudo, brigando e em você também, quer dizer*”. As expressões determinam a interação entre os sujeitos através da comunicação, sendo que a posição exercida por R. R. Soares busca enfatizar os traços que apontam para as noções de tempo, durabilidade, mantendo o foco dos saberes da FD religiosa

neopentecostal e conduzindo para o tipo de narrativa na qual o sujeito irá descrever os acontecimentos, considerando o ponto de vista que reforça os saberes da formação discursiva dominante.

Outra característica que chama a atenção é o emprego da expressão “você”, a qual produz uma ideia de aproximação com o entrevistado, causando a impressão de que estão seguindo as mesmas ideias, permitindo maior confiabilidade e tranquilidade. Isso permite a fácil indução às respostas almejadas e intensificadas no discurso religioso.

No enunciado “*A vida toda o marido usando drogas, não era um marido, era um valentão em casa*”?, a posição sujeito exercida pelo missionário que manifesta a negação de que “não era um marido” reafirma o que ressoa no discurso religioso neopentecostal, os já ditos sobre o comportamento agressivo, o que representa distanciamento da fé e dominação por forças do mal.

Mais uma vez, em tom de pergunta, o líder religioso já conduz a resposta do fiel, direcionando o que “pode ser falado”, de acordo com a respectiva FD religiosa: “*Aí Deus entrou em cena porque eu sei que ela louva a Deus a promessa e mudou completamente?*”, “*Olha, esse Deus é lindo, mas deixa eu falar um pouquinho ainda*”.

Ao realizar essa espécie de entrevista no palco, logo após a transmissão do quadro “Novela da vida real”, R. R. Soares delimita e fundamenta o seu discurso com o propósito de reforçar os saberes que já foram expostos anteriormente na narração. O quadro aponta tradicionalmente que os conflitos foram resolvidos na medida em que foram demonstradas as ações da Igreja. Na tentativa de enfatizar as melhorias/ transformações na vida daquela família, os fiéis marcam presença ao vivo no programa e complementam os fatos. Essa é mais uma estratégia do processo de espetacularização da fé, assim como a posição do missionário exaltando a fé e o poder divino: “*Que bonito. Palmas pra Jesus*”. É nesse movimento, entre testemunhos, imagens e dramatização, que o espetáculo religioso se constitui. É o encantamento que provoca a legitimação do que é transmitido. Conforme Debord (1997, p. 14), o espetáculo está se tornando uma espécie de mercadoria que leva a que o espectador crie vínculos com seu cotidiano. Ainda segundo o autor, a vida das sociedades modernas torna-se uma acumulação de espetáculos.

Diante disso, as características da forma-sujeito do missionário R. R. Soares materializam o espetáculo que explora exatamente as dificuldades da vida individual dos fiéis e após exaltam as conquistas.

A ação cria a ideia de um reconhecimento e atenção maior à família, oportunizando que participe do programa, logo, apareça na mídia e ao mesmo tempo sirva como exemplo de superação. O comportamento dos fiéis, por sua vez, reforça a FD da Igreja e ao mesmo tempo a posição-sujeito exercida pelo missionário, fortalecendo os princípios de salvação, ritual de cura e recompensa divina, característicos da IIGD.

4.3.3 Recorte 3 – Milagre no Show da fé

Nesta seção apresentaremos outro quadro de depoimentos gravados, sendo que este possui um caráter diferenciado por trazer de forma implícita o gênero entrevista na divulgação da “Nossa TV brasileira”, a TV por assinatura do Show da fé.

Acompanhamos a cada momento, nas mais diferentes formas, inclusive nos suportes midiáticos, a força exercida pela entrevista. Somos entrevistados quando participamos de um processo seletivo de emprego na escola, no banco, entre outros. Contudo, mesmo parecendo haver uma estrutura fixa para as entrevistas no estilo pergunta-resposta também podem ser identificadas outras formas com propósitos específicos. Para Marcuschi (2000, p. 22),

[...] há eventos que parecem entrevistas por sua estrutura geral de pergunta e resposta, mas distinguem-se muito disso. É o caso da “tomada de depoimento” na Justiça ou do Inquérito policial. Ou então um “exame oral” em que o professor pergunta e o aluno responde. Todos esses eventos distinguem-se em alguns pontos (em especial quanto aos objetivos e a natureza dos atos praticados) e assemelham-se em outros (grifo do autor).

A estrutura pergunta e resposta na tomada de depoimentos de fiéis observados no quadro “Novela da vida real”, conforme análise da SD47, nos permitiu observar que a entrevista pode assumir diferentes formas, inclusive tom inquisitório e não apenas confirmação, comprovação de fatos. Em relação ao *corpus* de nossa pesquisa, quando alguém afirma ter desenvolvido o desejo de mudar por ter assistido na TV que a vida de muitos mudou, não significa que encontraremos uma noção neutra. Pelo contrário, os sentidos que o sujeito produz são determinados pela ideologia, levando em conta a maneira que ele se inscreve na língua, considerando o funcionamento da história.

Neste caso percebemos em nossas análises que muito além de um depoimento de um indivíduo elogiando o canal do Show da Fé, por exemplo, está o discurso pregado pela Igreja. Assim, demonstra-se como a Igreja “fala” por meio dos fiéis, os quais, em sua maioria,

julgam o discurso como sendo próprio e independente, quando, na verdade, é conduzido pelo dizer religioso.

No caso deste trabalho, percebemos o gênero *entrevista* como espaço de silenciamento de alguns sentidos, como a necessidade de cumprir algumas exigências que a Igreja impõe e, segundo a FDR, garante os benefícios almejados pelos fiéis, sendo a principal dessas, a “contribuição” do dízimo e outros investimentos financeiros, tais como a aquisição de materiais da Igreja (livros, CDs) e a própria TV por assinatura.

No quadro “Momento nossa TV brasileira”, aparece um seguidor do Show da fé relatando a experiência de melhoria de vida após assinar a TV da IIGD. Para transparecer originalidade e como se não houvesse controle sobre as respostas dos fiéis, a edição do Show da fé exclui a pergunta do entrevistador e reproduz apenas o discurso de seus seguidores.

SD48: “[...] *Eu caí num degrau da minha casa, inchava muito, doía, era muita dor. Aí um dia eu tava assistindo o Show da Fé né, na Nossa TV e o Missionário bem na hora disse: ‘Oh você aí que sofreu um acidente, tu tá aí com dor no tornozelo, pé direito’, aí eu me aproximei mais da TV e coloquei a mão, fiz tudo que ele mandou e quando eu me levantei no outro dia, botei o pé no chão assim e eu disse mas, não tô sentindo mais a dor no meu pé. Ah, foi curada ontem no Programa Show da Fé na TV [...]’*. (IOR, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso)

A primeira expressão demonstra a existência de uma pergunta implícita, como se antes alguém tivesse perguntado: “Dê um exemplo de como a Nossa TV é importante na sua vida?” A partir daí, o fiel relata uma das experiências vivenciadas após assinar o canal do Show da fé. Não por acaso o depoimento é sobre um resultado surpreendente de cura que traz à tona a ideia de magia e milagre.

Schons (2008, p. 192) aborda essa questão da organização discursiva pergunta-resposta, que simula um diálogo e pressupõe uma aproximação entre os envolvidos. No caso deste estudo, observamos que o objetivo da IIGD, através do quadro, é atrair a atenção dos fiéis e levar a que todos os telespectadores se sintam inseridos no processo, membros da Igreja, mais próximos uns dos outros e favorecidos com um bem comum, sem fazer distinções. Vale ressaltar ainda esse assujeitamento por parte dos fiéis interpelados pela ideologia religiosa dominante. “Assim, o livremente assujeitar-se nada mais é do que uma ilusão de estar livre (o efeito do inconsciente), quando, na verdade, se está preso a uma ideologia, que inconscientemente, está encravada nesse sujeito” (SCHONS, 2008, p. 196).

Com o objetivo de ser algo espontâneo, as pessoas relatam suas histórias e algumas expressões marcam o controle sobre o que está sendo exposto. Em alguns casos as palavras aparecem na tela para destacar a fala que virá na sequência, fato que deixa clara a existência de um entrevistador que irá coordenar o rumo da fala de seu interlocutor e controlar o sentido do discurso.

Por trás desse processo há um propósito que se refere aos fatores mercadológicos. Muito além do propósito de melhorar a vida das pessoas, ampliar a fé e a esperança no Senhor, o que transparece é o cruzamento da formação discursiva religiosa (FDR) com a formação discursiva capitalista (FDC), que remete à ilusão de que o público deve “investir”, ter uma TV por assinatura e garantir diversos benefícios, inclusive a libertação de males e a conquista da salvação.

Na SD48, é essencial a questão do tempo, a agilidade em resolver os problemas. Ao expressar: “bem na hora”, “no outro dia [...] não tô sentindo mais a dor no meu pé”, “fui curada ontem”, o discurso produz a ilusão de que nessa Igreja a cura e a conquista de milagres ocorrem de maneira rápida. Nesse caso, milagre, magia e rapidez passam a funcionar na mesma instância discursiva. Fica, porém, uma questão: afinal, para esses fiéis, quem é responsável pela cura? Deus, o missionário ou o programa?

Nesse contexto, a mídia se torna uma importante ferramenta para difundir práticas, ampliar poder e reconhecimento da ideologia dominante. No entanto, na espetacularização da fé, o interesse vai muito além do compromisso com a Igreja, mas se refere às ações que podem oferecer lucratividade e outros benefícios ligados ao âmbito financeiro.

SD49: *“Depois que surgiu a RIT aí compramos uma TV nova e instalou a Nossa TV né [...] Eu comecei uma vida nova né [...]. Quando eu não podia vim pra igreja eu assistia pela televisão [...]”*. (LS, terça-feira, 22 jan. 2013 - grifo nosso)

SD50: *“Aquilo é uma verdadeira transformação dentro dessa casa. [...] Então devo tudo isso à palavra do Missionário no Show da Fé. Se nós não tivéssemos a TV nós não teríamos aprendido tantas coisas que poderíamos ter aprendido antes”*. (CR, quinta-feira, 24 jan. 2013 - grifo nosso)

SD51: *“Eu tenho a Nossa TV na minha casa e coloquei no meu comércio e então ali pra mim é uma bênção de Deus, [...] eu chego a vender 150 lancha, hot dog na noite sabe, de duas horas até meia noite. Então ali tem amor de Deus naquele negócio. [...] chega um cliente pra comprar e eu convido pra poder assistir a palavra de Deus”*. (CA, sábado, 26 jan. 2013 - grifo nosso)

Na SD49 podemos identificar de forma explícita a valoração do consumismo diante do comportamento do fiel em adquirir um novo aparelho de televisão ao saber da existência do canal televisivo Show da fé. Ao mesmo tempo, ele compara que junto com a nova TV iniciou uma nova vida e que o programa se tornou uma alternativa de não precisar sair de casa para acompanhar o culto da Igreja Internacional da Graça. O caso demonstra o fortalecimento e a aliança entre a FD capitalista e a FD religiosa. Se, por um lado, há um discurso estruturado com base na fé, salvação e melhoria de vida por meio da Igreja, por outro, os propósitos se entrelaçam no meio mercadológico, baseados no lucro e sucesso financeiro, um conceito antes condenado pela Igreja e que aos poucos recebe uma importância referencial. Muito além do espaço religioso, a fé se torna uma espécie de negócio rentável. Esse trabalho, no entanto, é mascarado pela instituição religiosa que desvia essa intenção do foco de seus fiéis, reiterando apenas o empenho da Igreja em fazer o bem e melhorar a vida de toda a sociedade.

Essa “transformação” de vida pode ser observada na SD50, por meio de mais um depoimento em que o indivíduo revela a melhoria de vida a partir do momento que começou a assinar o canal do Show da fé: “*devo tudo isso à palavra do Missionário no Show da fé. Se nós não tivéssemos a TV nós não teríamos aprendido tantas coisas*”. Há forte identificação à FDC, que, neste caso, vem fortemente aliada à FD religiosa.

Na mesma linha de reflexão, para demonstrar as conquistas na área profissional, a SD51 traz o relato de um comerciante que instalou o canal RIT em seu estabelecimento comercial e percebeu a evolução nos negócios. “*Então ali pra mim é uma bênção de Deus [...] ali tem amor de Deus naquele negócio*”. Eis mais um exemplo de como o fator mercadológico da formação discursiva capitalista se mescla com a base e os preceitos da formação discursiva religiosa da Igreja Neopentecostal. Contudo, o que se evidencia para os fiéis seguidores é a FDR.

Assim, observamos que, de um lado, as transformações pela entrada da TV estão ligadas ao aprendizado, mudança de atitudes, amor pelo trabalho, como, por exemplo, “*vida nova*” (SD49), “*transformação dentro de casa*”, “*nós não teríamos aprendido tantas coisas*” (SD50), “*ali tem amor de Deus naquele negócio*” (SD51); de outro, as consequências da entrada da TV, mais especificamente no programa Show da fé, apontam para o material, para o econômico: “*devo tudo isso*” (SD50), “*coloquei no meu comércio*”, “*eu chego a vender 150 lanche...*”, “*ali tem amor de Deus naquele negócio*” (SD51). Neste caso, os sentidos que

circulam no intervalo desses discursos (midiático e religioso) são preenchidos pelos silêncios, pelas relações imaginárias e simbólicas que passam a funcionar no jogo de forças.

O efeito de sentido denominado milagre se manifesta no compasso da instantaneidade da televisão, demonstrando o impacto provocado pela mídia que pode se tornar um meio de formação de identidades sociais e influenciar o comportamento do indivíduo nos grupos a que pertence, entre os quais a família, os amigos, a religião, a política, a sexualidade, entre outros.

No mesmo contexto, os saberes pertencentes à FD religiosa aparecem como arraigados ao aspecto financeiro, confundindo-se com o que é previsto na FD capitalista. Com isso, o sagrado e o lucrativo se tornam aspectos aliados entre si, uma espécie de comercialização da fé, características que tentam ser silenciadas pela FD dominante.

4.3.4 Recorte 4 – O apelo ao epistolar: crenças em jogo

Nesta última sessão, analisaremos as sequências discursivas extraídas de cartas lidas durante o programa Show da fé, mais especificamente no quadro “Abrindo o coração”. O título apresenta e representa tópicos e trechos de cartas que o constituem enquanto tomo crítico da situação contemporânea, como crises na fé, fragilidade humana e vícios, ou seja, a situação catastrófica do homem moderno continua sendo a luta entre o bem e o mal.

O “gênero textual que pode conter mais de um tipo de texto, como uma sequência narrativa, uma argumentação ou uma descrição” (MARCUSCHI, 2003, p. 25). Segundo o autor, a alternativa de utilizar a carta já é antiga e registrou fundamental importância ao longo da história. Na religião também encontramos o termo “epístola”, palavra latina que significa “carta”. Exemplos: cartas de Paulo e as chamadas “epístolas católicas”.

As cartas aos Tessalonicenses, por exemplo, são consideradas pelos estudiosos como as primeiras cartas de São Paulo e também as primeiras do Novo Testamento. Foram escritas em Corinto entre os anos 50 e 52. Nesse contexto religioso, as cartas não tinham apenas um destinatário. Ao contrário, eram escritas, em sua maioria, com o intuito de circularem de mão em mão, transmitindo mensagens diversas.

Na atualidade, a tradição da carta é mantida. Neste trabalho, embora com propósitos diferentes, chamou-nos a atenção o fato de cartas de alguns fiéis endereçadas ao missionário sendo lidas durante o Show da fé, no quadro “Abrindo o coração”. Nesse caso, a mensagem funciona como um depoimento, a fim de produzir efeitos de verdade, confirmação do trabalho do missionário dentro da Igreja. O sistema, por um lado, possibilita uma abertura, uma

alternativa para a exposição de problemas e angústias de fiéis (anônimos) por meio da escrita; por outro, o conteúdo é exposto a todo o público ao ser lido durante o programa por um membro da equipe de produção do Show da fé.

O quadro gravado, chamado “Abrindo o coração”, apresenta as correspondências enviadas por fiéis que enfrentam momentos muito difíceis em suas vidas. Geralmente com um conteúdo apelativo, envolvendo situações de profundo desespero e luta contra forças demoníacas, as cartas são narradas enquanto aparece a imagem do líder religioso em seu momento de leitura. Nesse instante, outro destaque à concentração e aparente envolvimento e preocupação por parte do missionário. Confira a seguir exemplos de relatos das cartas:

SD52: “[...] *não consigo viver o que Cristo declara nas escrituras. [...] devo ter sido vítima de obra de feitiçaria. Missionário, assisto sempre o programa e vejo o senhor orar pelas pessoas, então, por favor, ore por mim e me oriente missionário*”. (narrador, segunda-feira, 21 jan. 2013 - grifo nosso).

SD53: “[...] *Dia e noite ele chega alcoolizado [...]. Vejo que Satanás está furioso com as minhas orações. Preciso de armas espirituais, Missionário [...]*”. (narrador, terça-feira, 22 jan. 2013 - grifo nosso).

SD54: “[...] *apesar de andarmos com Cristo, o inimigo está rindo às nossas custas [...]*”. (narrador, sexta-feira, 25 jan. 2013 - grifo nosso).

SD55: “*Missionário, por não agir com sabedoria, tive muitas perdas na vida, a pior delas é na área sentimental. [...] Vejo a mesma situação na vida dos meus irmãos. Será que vivemos embaixo de uma maldição hereditária? [...]*” (narrador, sábado, 26 jan. 2013 - grifo nosso)

Em relação às SDs anteriores, cabe registrar que o que nos chama a atenção não é a tipologia textual, mas a relação moral estabelecida entre o bem e o mal, sendo, portanto, o “mau sujeito” resultado das forças de maus espíritos. Assim, em sequências, como, por exemplo, “vítima de obra de **feitiçaria**” (SD52), “**Satanás está furioso**” (SD 53), “**o inimigo está rindo às nossas custas**” (SD54), “**embaixo de uma maldição hereditária?**” (SD55) é possível depreender que o “outro” torna-se culpado pela descrença em Deus, pelos vícios e problemas sentimentais. Resta, dessa maneira, ao missionário resolver tais problemas.

Designações como “feitiçaria”, “satanás”, “inimigo” e “maldição” assumem a dimensão de tragédia, uma vez que estes convocam construções imaginárias sobre figuras alegóricas convocadas no discurso religioso para demonstrar a absoluta certeza sobre o que se afirma acerca do divino. Contudo, cabe indagar se não estaria o “bom sujeito” deixando que

outras pessoas ou as circunstâncias venham decidir por ele? Se for assim, não estaria o “mau sujeito” resistindo às formas de aprisionamento causadas pela religião?

O observado é que as manifestações dos fiéis por meio das cartas geralmente possuem um caráter apelativo e de profundo desespero, ao passo que se percebem também os remetentes confiando no poder de R. R. Soares e atribuindo a ele a missão de orientá-los quanto aos problemas. Contudo, o dilema do sujeito, além de dever escolher entre o bem e o mal, entre uma e outra crença, está em convencer-se sobre o que a religião busca convencê-lo. Quando o sujeito diz “*não consigo viver o que Cristo declara nas escrituras*”, “*Preciso de armas espirituais, Missionário*” (SD53), “*apesar de andarmos com Cristo*” (SD54), encontramos uma oscilação da posição-sujeito entre duas FDs, a religiosa (FDR) e a capitalista (FDC).

Nesse sentido, o sujeito simula uma maior identificação com os saberes da FDR, mas ainda está preso à outra formação discursiva. Com isso, observamos uma contraidentificação que provoca um estranhamento por meio da divergência de saberes da FD que o afeta. A contraidentificação ocorre quando o sujeito não mais se identifica plenamente com os saberes que a forma-sujeito representa e inicia um processo de resistência.

Por outro lado, é por meio do conjunto de saberes formado pelo interdiscurso que se organiza o processo de assujeitamento, o qual possibilita a plena identificação do sujeito com a FD dominante. Por isso, é nesse espaço que circulam os saberes que foram esquecidos e retomam em forma de novidade, tais como a posição exercida pelo líder R.R. Soares e a missão/compromisso da Igreja.

Isso porque os pré-construídos retomam através da memória, os conhecimentos que foram constituídos ao longo da história. Para Orlandi (2001, p. 31), o já-dito “está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Segundo os pré-construídos da FDR neopentecostal, Deus salva, mas para isso é preciso ter fé e contribuir financeiramente, principalmente por meio do dízimo. Assim, a salvação e a melhoria de vida, serão constantes.

Nos relatos também podemos perceber a questão da “vitimização”, por meio da qual o sujeito se coloca na posição de alguém que sofre em função do mal causado por outras pessoas e ao mesmo tempo se submete a essas ideias. Ao se sentir “impotente” diante das forças do mal, recorre à Igreja como uma alternativa de libertação. Nesse caso, a FI da instituição religiosa é novamente fortalecida.

Podemos observar a recorrência de algumas expressões que marcam a predominância da luta contra as forças demoníacas, tais como, feitiçaria, satanás, inimigo, maldição. Isso porque a crença do demônio é reproduzida e intensificada pelo neopentecostalismo, como nos explica Mariz (1997, p. 231):

Tanto é o diabo que causa as doenças, conflitos, desempregos, alcoolismo, leva ao roubo ou a qualquer crime, como é Jesus e o Espírito Santo que cura, acalma, dá saúde, dá prosperidade material e liberta do vício e do pecado. Nesta visão se nega assim por um lado a ação de outros seres espirituais como se nega a responsabilidade humana e conseqüentemente as origens históricas do mal e do bem.

A autora pontua ainda que essa “satanização” reforçada pelas igrejas neopentecostais pode ser uma fórmula de amenizar a ameaça por práticas de outras religiões, especialmente as afro-brasileiras e nova era, ampliando a abrangência na disputa por fiéis, com o intuito de não fazer distinções (MARIZ, 1997, p. 237). Sendo assim, a Igreja Internacional da Graça reforça essa prática que se amplia através do programa Show da fé.

No item que segue serão enfocadas as questões que tratam sobre o corpo e sua relação e implicações no campo religioso.

4.4 Do corpo da religião ao corpo do sujeito

“E Jesus disse a Tomé: ‘Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia’. Disse-lhe Tomé: ‘Senhor meu e Deus meu!’”.

Fazer ver para crer, remissão a se fazer a passagem bíblica em que o incrédulo “toca” o corpo Jesus, a nosso ver, faz emergir a questão que ressoa em nosso estudo: o corpo da religião, o corpo do sujeito; o corpo como um lugar de significações. E é desse pensamento que partimos para pensar ainda uma vez mais no modo como os fiéis textualizam seu corpo, ou seja, colocam em evidência a relação do sujeito consigo próprio, com o outro e com a religião, já que o corpo está “atado ao corpo social” (ORLANDI, 2012, p. 86).

Como vimos no decorrer de nossa análise, as atitudes humanas podem manifestar-se de diferentes formas, seja no próprio corpo, na moralidade, seja na manifestação de “espíritos”. Os vícios, o desespero, o medo, a angústia mostram que o corpo está preso

pela maneira mesma como neles os sujeitos estão significados, e se deslocam na sociedade e na história: corpos segregados, corpos legítimos, corpos tatuados. Corpos integrados. Corpos fora de lugar. O comum, o normatizado, o hegemônico. O corpo do rico, o corpo do pobre [...] as distintas formas como o corpo significa, se textualiza, circula pela existência de significantes distintos [...] (ORLANDI, 2012, p. 87).

No entanto, a relação sujeito e religião mostra que o corpo seria a ilustração mais espetacular do funcionamento ideológico, uma vez que a sua interdição sobre o sujeito passa pelo corpo. Como postula Orlandi (2012, p. 85), “não podemos pensar o sujeito sem a ideologia, e a ideologia sem a materialidade, a história e os processos da vida social e política”.

Ao longo do tempo, o cuidado com a saúde se tornou cada vez mais frequente. Foucault (1979) afirma que na passagem do século XVIII para o XIX observamos a medicina ocupando o lugar da religião.

Aos poucos, a rivalidade, por assim dizer, foi se tornando ainda mais forte. Mesmo diante dos avanços na trajetória da medicina, o campo do sagrado se manteve firme, com seus propósitos e atuando muitas vezes como aliado e adversário da ciência.

De acordo com Ribeiro (1997), a medicina sempre esteve subordinada a influências cósmicas, assim como outros campos. A natureza pode fornecer elementos e recursos medicinais e, com isso, as pessoas procuram “abrandar seus males através dos mais amplos recursos” (1997, p. 70).

No universo da representação social encontram-se as figuras do médico, dos pacientes, dos líderes religiosos, dos fiéis. Por outro lado, a maioria das pessoas, desde que nasce é orientada a acreditar em algo que transcende o próprio ser e, ao mesmo tempo, sem uma definição concreta. Ser membro de uma religião ou pertencer à determinada igreja, por exemplo, é algo que acaba sendo imposto pela família desde muito cedo.

Fazendo uma retrospectiva histórica, sabemos que as questões voltadas à saúde, bem-estar sempre estiveram ligadas a crenças e rituais. O elemento religioso possui grande relevância desde o homem primitivo, que já considerava a doença como um castigo dos deuses em função de algum tipo de má conduta ou ofensa.

Por isso, pensar a questão religiosa e suas influências sobre o sujeito nos leva à dicotomia corpo/espírito. É de esperar, portanto, a repressão efetiva sobre a moral. Engana-se quem considera que a religião se restringe às paredes dos templos. Conforme vimos no decorrer deste trabalho, a religião permeia todos os campos sociais e dessa decorrem várias posturas humanas. São impregnações relacionadas ao corpo que refletem a formação dos sujeitos e que podem suscitar novas formas de saber e de poder. O estudo aqui mostra que a religião age sobre a moral (espírito) e também sobre o corpo (quer seja em relação a enfermidades, quer seja em relação ao modo de organização social). Se o corpo reveste o humano, o que estaria garantindo o revestimento da alma?

Diante disso, devemos levar em conta que, para pensar o funcionamento do corpo e sua constituição, é preciso considerar o espaço onde esse corpo se manifesta, atua, se movimenta (FERREIRA, 2013, p. 99).

Neste estudo, procuramos trabalhar com a noção de corpo enquanto materialidade inscrita no campo discursivo, conforme propõe Ferreira (2013, p. 78):

Ao pensarmos a noção de corpo, enquanto corpo discursivo, não empírico, não biológico, não orgânico, o estamos propondo como um objeto discursivo, como materialidade que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à falha [...]. O corpo entraria no dispositivo como constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito.

Partindo do princípio de que “a inscrição do sujeito no mundo se faz através do corpo” (FERREIRA, 2013, p. 100), percebe-se também que o corpo discursivo é aquele que fala e é constituído pela falta. Ao simbolizar, é interpelado pela ideologia e pelo inconsciente. Para Lacan (1992), o corpo é um efeito da linguagem ou, ainda, de discurso.

Rabello (1994, p. 47) cita Lévi-Strauss (1967) e aborda que a visão e a interpretação religiosa vão além de remeter uma causa objetiva aos diferentes estados, mas organiza-os num todo coerente. A autora também considera Taussig (1980) e relata que, se, de um lado, o tratamento médico despersonaliza o doente, o tratamento religioso procura agir sobre o indivíduo como um todo, inserindo-o num novo contexto de relacionamentos.

Muito além de uma terapia religiosa, o ritual por apresentar forte emoção é capaz de provocar transformações no comportamento dos fiéis. Em busca da compreensão de como acontece esse processo transformativo dos indivíduos, citamos Rabello (1994, p. 48), que aponta a explicação de Kapferer (1979a) em relação ao modo de fazer a análise de um ritual, tratando inicialmente de examinar de que forma significados, símbolos e metáforas são

manipulados num contexto de ação por pessoas situadas diferencialmente em determinado espaço físico, fazendo uso ou, até mesmo, sendo expostas a diferentes meios de comunicação.

Tal exposição é recorrente em programas religiosos que por muitas vezes se valem do espaço midiático como um campo de representações e exposição desses rituais. A Igreja recebe mais visibilidade e os fiéis, por sua vez, estão inseridos nesse processo, agindo como personagens essenciais e exemplos da veracidade dos rituais.

Ainda conforme Rabello (1994, p. 48-49), durante o ritual os indivíduos podem passar da condição de espectadores a participantes diretos do processo de encenação da fé. Identificamos isso no Show da fé, pois o público de fiéis que está no auditório interage com o apresentador (missionário) e se integra ao espetáculo do culto-programa.

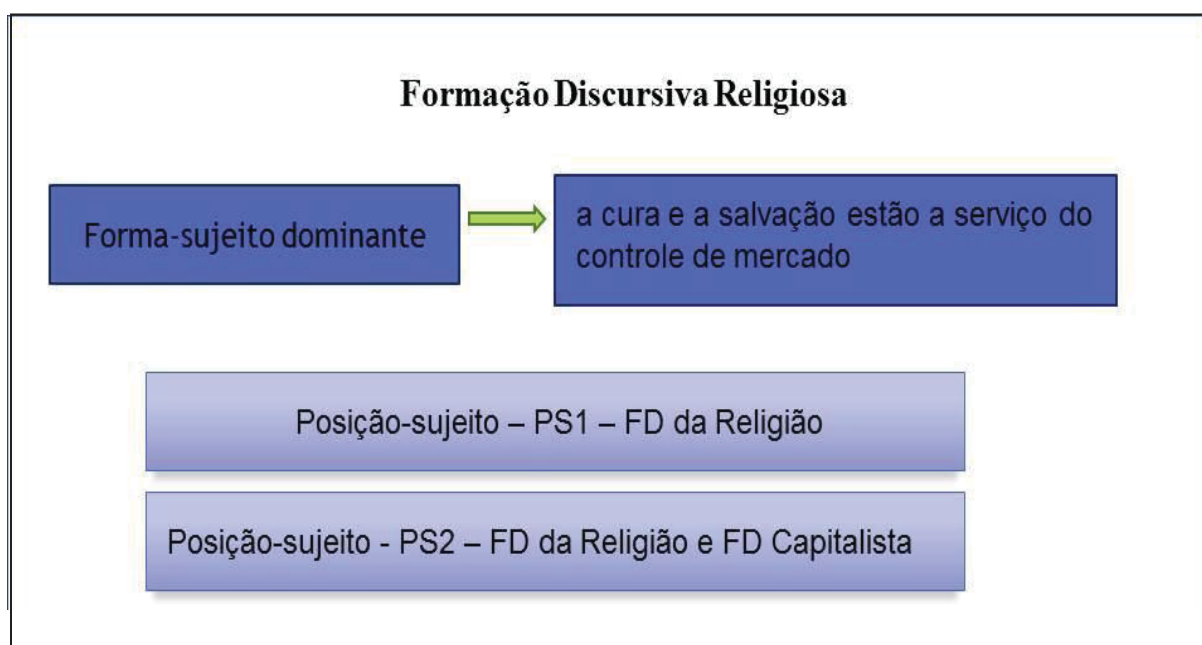
Nos diferentes momentos e quadros que estruturam o Show da fé, podem ser observadas manifestações de fiéis sobre diferentes tipos de problemas, principalmente envolvendo a saúde. R. R. Soares cita como doenças físicas e doenças da alma, como já vimos anteriormente. Nesse processo, percebemos o quanto são relevantes as questões que envolvem o corpo. Um conceito construído historicamente e que Foucault (1979, p. 80) apresenta:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.

O corpo, observado e inserido no contexto capitalista, nos permite várias reflexões que apontam para um domínio de poder. Foucault (2004, p. 26) faz essa relação entre o corpo e o poder, salientando que a ligação acaba impondo limitações, proibições e, até mesmo, obrigações para os indivíduos. Segundo ele, o poder se manifesta na ordem do discurso, o que pode representar uma forma de exercer o controle sobre o sujeito, tanto no que se refere à mente como ao corpo.

Observando essa questão no campo religioso, percebemos o quanto a fé e os fatores mercadológicos podem intervir nessas relações, levando em conta a posição-sujeito dos fiéis da IIGD e do missionário, assim como a formação discursiva religiosa dominante.

Confira o quadro a seguir:



Fonte: Elaboração da autora.

Quadro-síntese 4 (QS04): Formação Discursiva Religiosa

A ilustração acima sintetiza a noção de que, o presente estudo traz a formação discursiva religiosa a qual possui a forma-sujeito dominante que leva em conta os aspectos de cura e salvação. Estes, por sua vez, funcionam interligados com a formação discursiva capitalista pela necessidade de conquistar um espaço cada vez mais significativo e se manter no mercado. Partindo do pressuposto de que, conforme a formação ideológica da igreja é necessário contribuir financeiramente, colaborar com o dízimo, para alcançar benefícios e ter as graças alcançadas, observamos em funcionamento, primeiramente a posição sujeito mais identificada com os saberes da formação discursiva religiosa, prevalecendo a fé em uma força superior que é intermediada pela igreja: “*Ele restaura, ele cura, liberta*, foi isso que ele fez na minha vida e **creio** que fará na vida de qualquer um que esteja aí num mundo de perdição, nesse mundo de ilusão. **Volta para Cristo** vai que ele resolve”, (Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013, anexo1). As expressões em destaque, em especial, “restaura”, “cura”, “liberta”, são evidenciadas frequentemente durante o programa religioso e, por meio do funcionamento da memória, são reapresentadas através da posição-sujeito exercida pelos fiéis.

Entretanto, outra marca é a posição sujeito 2, identificada com os dois saberes, tanto da formação discursiva da religião como da formação discursiva do capitalismo: “[...] Ah, **fui curada ontem no Programa Show da Fé na TV**. Quando eu não tô trabalhando, que eu tô

em casa, eu assisto a programação e às vezes assim eu tenho que pensar pra escolher qual é o programa que eu vou olhar, porque é **um programa melhor que o outro**. E depois que eu coloquei a **Nossa TV** na minha casa assim, **as coisa mudaram**” (segunda-feira, 21 de janeiro de 2013, anexo 3). Já neste caso, percebe-se o quanto a fé está aliada à questão do consumismo, característica essencial da sociedade capitalista. O exemplo citado mostra que os aspectos como a cura e a mudança de vida estão entrelaçados com a necessidade de investir em um canal de TV por assinatura, que, conforme rege a formação discursiva da religião, é capaz de contribuir e provocar mudanças na rotina de quem o acompanha.

Conforme o imaginário religioso, o fiel pode ser considerado um cliente, o qual usufrui dos serviços oferecidos pela “empresa” – instituição religiosa. Numa sociedade capitalista, o objetivo central comumente não pode diferir do lucro.

Para a análise do discurso, o corpo relaciona-se às formas de assujeitamento, por isso leva em conta a noção de ideologia.

Mais do que objeto teórico o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível (FERREIRA, 2013, p. 78).

Nesse princípio, no *corpus* de nossa pesquisa, observamos o quanto a noção de corpo se torna uma aliada às práticas religiosas. É pelo modo como se trata o corpo que é possível observar algumas formas de controle sobre seus seguidores. Seguindo a reflexão de Ferreira, o próprio corpo, que observa, permite o olhar do outro e concede espaço à própria manipulação, que, através da formação discursiva religiosa, torna inevitável o assujeitamento.

Ernest (2007, p. 141) diz, mesmo que em outro contexto, que o funcionamento da regulação do corpo e do discurso sobre o corpo inscreve marcas de identidade e diferenciação, as quais indicam o que é ou não permite em determinado contexto. “Trata-se obviamente dos ‘tabus linguísticos’ caracterizados pelo fato de que palavras ou expressões, embora existindo, não podem ser usadas. Torna-se proibido nomear a coisa ou nomeá-la de uma determinada forma”.

Assim, retomamos a discussão em que foi apontada a interligação da formação discursiva religiosa e da formação discursiva capitalista em funcionamento concomitante. Levando em conta a dominação através do corpo, os saberes que fazem parte da FDC acabam sendo silenciados diante dos saberes da FDR, que são predominantes. Em outras palavras, os

benefícios, entre os quais a cura e a salvação, se tornam o reflexo da contribuição financeira concedida à Igreja. Por isso, a questão mercadológica é anulada pelos adeptos da FD religiosa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de uma síntese final e na tentativa de arrematar os fios que aqui se teceram, gostaríamos de assinalar o que continua a nos inquietar: o desfecho para os sentidos do corpo, do sujeito e da fé. Parece-nos que os distintos posicionamentos de fiéis derivam de sua relação com a religião. Nossa análise permite dizer que o discurso religioso na mídia constrói efeito imaginário em torno dos fiéis, cuja complexidade desse imaginário se esconde na recriação da Igreja na mídia.

Nesse sentido, fazer “ver milagres” não só sustenta o poder da mídia de tornar familiar o estranho, mas também de “endossar” a espetacularização da fé. Não é à toa que, nesse processo, emerge uma visão mercadológica bastante latente no Show da fé. Do nosso ponto de vista da aproximação entre as tecnologias e a religião, resulta “o espetáculo da cura”, a “comercialização da religião”. Portanto, ajudar pode receber sentidos diversos, pode não ser necessariamente solidário, mas fazer investimento financeiro, ou seja, olhar para o discurso da religião sobre a vida num contexto mais amplo, a partir de um percurso histórico, de uma trajetória dos sentidos, significa olhar também para o que vem revestido, fabricado e vendido na cultura do espetáculo.

Assim, a relação religião e ciência, na Igreja Internacional da Graça de Deus, mesmo com suas especificidades e oposições, pode se confundir em alguns momentos, e a fé acaba recebendo um espaço de destaque, tornando-se até mesmo superior aos conhecimentos científicos. De um lado, o sujeito capaz de dirigir um espetáculo de fé; de outro, o sujeito que em busca de respostas, considera a igreja a principal fonte para a transformação de suas vidas.

Contudo, não cabe apontar qual o melhor caminho a seguir, mas o problema está nos exageros, entre os quais podemos citar os casos em que pessoas enfrentam doenças graves, abandonam o tratamento a partir da impressão de que é transmitida pelo show.

A formação discursiva religiosa apresenta-se na maioria das vezes em nossa pesquisa um contraponto com a formação discursiva da ciência, precisamente a medicina, levando em conta ainda a formação discursiva capitalista, a qual se torna um fator preponderante e, ao mesmo tempo, silenciado no desenvolvimento do trabalho da instituição religiosa.

Aos que creem no poder da Igreja e que estão em busca da cura, bem-estar e qualidade de vida, cria-se o contraponto entre o que diz respeito ao missionário e às ações desenvolvidas pela Igreja *versus* o que é confiado ao conhecimento da ciência, neste caso, a medicina.

Contudo, através de rituais, promessas e demonstrações de cura, o que se sobressai é a fé em detrimento da ciência, na maioria dos casos.

As reflexões, mesmo inacabadas, como em qualquer gesto interpretativo, nos possibilitaram algumas considerações, que julgamos, portanto, não finais, mas constitutivas e que possam integrar pesquisas futuras. Em nosso trabalho, o discurso religioso na mídia foi o nosso ponto de partida pelo viés da análise do discurso, cujos dispositivos teórico-metodológicos nos deram suporte para o trabalho analítico na busca de investigar a relação que há entre a noção de sujeito e a de sentido, materializada na linguagem.

O *corpus* discursivo estruturado em quatro recortes, compostos por várias sequências discursivas que abrangem os diferentes quadros do programa, aponta-nos várias reflexões que conduzem ao mesmo ponto-chave: os depoimentos dos fiéis reforçando a formação ideológica religiosa neopentecostal. Na análise observamos que cada quadro que compõe o Show da fé (testemunhos concedidos ao vivo no programa; Novela da vida real; Momento nossa TV brasileira; Abrindo o coração) possui suas particularidades; no entanto, os objetivos centrais são comuns: a conquista de fiéis através da mídia, a visualização e reconhecimento das ações realizadas pela instituição religiosa IIGD, que funciona como uma empresa, sendo que a fé se torna alvo de comercialização, e a expansão dos templos. Desse modo, esperamos ter respondido à pergunta inicial de nosso trabalho: “Quais os fatores que permitem e impulsionam o atravessamento da FD religiosa pela FD capitalista?”.

A mídia se torna o suporte essencial para alavancar essa prática. Na posição de enunciador, o líder R. R. Soares explora a questão do sujeito, valendo-se do que está interligado com o corpo e também com a alma. Diante disso, acontece a interdição dos fiéis, que em sua maioria relatam ter vivenciado situações de cura, tanto de doenças físicas como de doenças da alma, assim denominadas pelo próprio missionário. No entanto, a ideologia dominante da IIGD gera a concepção de que a cura não é poder dos homens, mas obra divina.

Nesse percurso observamos também o entrelaçamento de duas formações discursivas que permeiam os discursos analisados: a religiosa e a capitalista, que por muitas vezes compartilham espaços muito próximos, sendo que a primeira era tratada de maneira explícita pela formação ideológica religiosa, já os saberes que permeiam a segunda foram mascarados.

Com isso, verificamos que a valorização do dinheiro e do lucro é silenciada pela Igreja como se estivesse aliada a uma categoria de pecado. Se esses mesmos valores financeiros estiverem a serviço da própria instituição religiosa, podem ser ressignificados e servirem de

meio para alcançar a salvação. A partir disso, podemos perceber que a formação discursiva religiosa, que está constantemente em evidência, divide, sim, um espaço com a formação discursiva capitalista.

Isso pode ser comprovado numa das principais campanhas realizadas pela Igreja Internacional da Graça, o “Projeto de vida”. O *corpus* deste trabalho foi selecionado levando em conta que no período de 21 a 26 de janeiro de 2013 o missionário conclamava os fiéis a participarem da última semana da campanha. Por meio de uma ficha, os fiéis inseriam os pedidos, anseios e desejos para o ano, os quais seriam reforçados na oração do missionário e de todos os fiéis.

Tal campanha está inclusa nas formas de manifestação e estratégias que fazem parte da cultura do espetáculo. Já o discurso no show religioso está inserido no domínio midiático, o qual contribui e dá suporte para a espetacularização. Os fiéis se tornam, além de membros da Igreja, integrantes do espetáculo religioso, consumidores, e, por meio de um processo que vai além do sagrado, as relações mercadológicas se consolidam. Sendo assim, não basta ter fé, é preciso estar inserido nesse processo.

É invocada a importância de “ajudar a casa de Deus”, como também são perceptíveis as marcas dos saberes do discurso religioso, tais como “quem faz a doação, recebe as bênçãos divinas”, afinal, é preciso atrair, conquistar, convencer e dominar. Além do que, características que aliam a contribuição financeira a benefícios divinos estão firmadas na memória social.

Esta foi a reflexão que culminou o presente estudo. A religião reitera o compromisso de libertação, mas o que se manifesta é uma espécie de aprisionamento, no qual os fiéis mantêm um compromisso com a Igreja que, por sua vez, os interdita por meio do corpo e dos males associados a ele.

Com isso, reúne-se o espetáculo de rituais que estruturado em um jogo que inclui o sagrado em aliança com o mercadológico, constituindo um panorama onde os valores da fé são ressignificados e, ao mesmo tempo, combinados, seguindo os saberes individuais das formações discursivas, religiosa e capitalista, que em forma de contradição se tornam cooperativos em prol de interesses específicos e que vão muito além da preocupação com os problemas da humanidade, mas também visam ao lucro, associado à expansão religiosa.

Os dizeres se aliam e resultam no fortalecimento de uma fé que atua, muitas vezes em detrimento da ciência.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.
- AMARAL, M. Virgínia Borges. *O avesso do discurso: análise de práticas discursivas no campo do trabalho*. Alagoas: Edufal, 2007.
- ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis. Vozes, 1986.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi*. Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. v. 1.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. Marxismo e Filosofia da Linguagem. *Língua, fala e enunciação*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981
- BARROS, Mônica do Nascimento. *A batalha do Armagedon: uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação. (Mestrado) - UFMG, Belo Horizonte, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo:, Edusp, 1996.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1986.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. DE Ingrid Müller Xavier. Belo horizonte: Autêntica, 2009.
- COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EduFSCar, 2009.
- _____. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Contraponto. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf. Acesso em: 15 mar. 2014.
- ERNST, Aracy. Corpo, Discurso e subjetividade. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limite*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da AD no Brasil. In: INDURSKY, F.;

FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Michel Pêcheux e a AD: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

_____. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Michel Pêcheux e a AD: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 213-218.

_____. O corpo enquanto objeto discursivo. In: PETRI, V.; DIAS, C. (Org.). *Análise de discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

_____. O corpo como materialidade discursiva. *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, Vitória da Conquista: Edições Uesb, v. 2, n. 1, jan./jun. 2013.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Os corpos dóceis*. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29. ed. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

GRIGOLETTO, Evandra. *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento repetição e das relações divino/temporal no discurso da renovação carismática católica*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

_____. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda (Org.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 123-134. Disponível em: <http://www.presbiteros.com.br>

HARRIS, Z. S. *Discourse analysis*. Language. New York, 1952. v. 28.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

_____. *A fala dos quartéis e outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira (1964-1984)*. Tese (doutorado em Letras) – Unicamp, Campinas, 1992.

_____. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

_____. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

_____. Argumentação na mídia: do fio do discurso ao processo discursivo – um contraponto. *Espaço de Circulação da Linguagem - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, n. 27, p. 55-66, jul./dez. 2003.

_____. A função enunciativa do porta-voz no discurso sobre o MST. *Estudos Neolatinos - Revista semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas*, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, –, n. 2, p. 17-25, set. 2000.

_____. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONA, Roberto Leiser (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João, 2007.

JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.

KAPFERER, B. Introduction: ritual process and the transformation of context. *Social Analysis*, n. 7, p. 3-19, 1979a.

_____. Entertaining demons. *Social Analysis*, n. 1, p. 108-152, 1979b.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. *Se formos fiéis a Ele, Ele certamente será fiel a nós: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *Milagres da fé: messianismo e repressão política no Brasil dos anos 70*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 1999.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. São Paulo: Global, 2000.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 52, p. 121-138, 2004.

MARIZ, Cecília. Reflexões sobre a reação afro-brasileira à Guerra Santa. *Debates do NER*, n. 1, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 2. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. Trad. de Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

MICHAELIS. *Dicionário*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 2 dez. 2013.

ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, S.P.: Pontes, 1996.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996b.

_____. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. In: RODRIGUES, Suzy Lagazzi; ORLANDI, Eni P. (Org.). Campinas/SP: Pontes, 2010.

_____. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Silêncio e implícito (produzindo a monofonia). In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. *As formas do silêncio*. No movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

_____. *Palavra, fé, poder*. Campinas, SP.: Pontes, 1987.

ORO, Ari; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. *Dicionário de língua inglesa*. Nova York, 1999.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. [1975]. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Jonas de A. Romualdo. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

_____. Análise automática do discurso. Trad. de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990a [1969]. p. 61-161.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Trad. de Betânia S. C. Mariani. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. Ler o arquivo hoje. Trad. de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 55-64.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1983; 1999.

_____. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Trad. e introd. de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 48-57.

RABELLO, Miriam Cristina M. Saúde e doença: um olhar antropológico. In: ALVES, Paulo Cesar; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Religião, ritual e cura*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

RAMOS, Luis Carlos. A práxis homilética e a espetacularização do discurso religioso contemporâneo. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (Org.). *Mídia e religião na sociedade do espetáculo*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

RIBEIRO, M. M. A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHONS, Carme Regina. O imaginário sobre trabalhador em saberes educacionais no Governo Vargas. In: MITTMAN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

_____. “Adoráveis” revolucionários: produção e circulação de práticas político-discursivas no Brasil da Primeira República. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

_____. O nome da língua: processos de institucionalização da língua brasileira e memória. Revista *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 23-42, jan./jun. 2013.

SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

TAUSSIG, M. Reification and the consciousness of the patient. *Social Science and Medicine*, 14B, p. 3-13, 1980.

ANEXOS

Anexo 1

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013.

SD8 - ED - “Entrei na bebida, fui muito fundo sabe nesse negócio aí de ilusão”.

SD9 - IBS (esposa de ED) - “Era uma pessoa muito difícil de conviver com ele”

SD10 - ED - “Não existia assim um relacionamento bom, porque, a minha casa era o bar”.

SD11 - VDM (amigo) - “Oito hora da manhã, chegava ali e ele já tava ali. Tinha vezes que eu saia era cinco hora da tarde, eu ia pra casa e ele ficava lá ainda”

SD12 - IBS (esposa) - “Vivia praticamente só eu e meus filhos”

SD13 - VDM (amigo) - “Como um amigo do bar era ótimo, um cara que compartilhava com tudo. Pode deixa que eu pago tudo, com ele era assim”

SD14 - ED - “Brigas constantes, na rua e em casa”.

SD15 - IBS (esposa) - “A gente morava no mesmo teto mas pouco se falava”

SD16 - Narrador - “ED faz uma cirurgia e se afasta do trabalho”

SD17 - ED - “Nesse período que eu me aprofundei muito na bebida, né, pra você ter uma ideia, eu chegar a tomar 3 litros de vodka por dia, isso não é comum”.

SD18 - IBS (esposa) - “Foi piorando cada vez mais, a ponto de haver muitas agressões físicas, agressões verbais, isso passou a ser rotina”.

SD19 - ED - “Não via uma família diante de mim, na verdade eu queria viver no mundo”.

SD20 - IBS (esposa) - “A saída que eu imaginava seria deixar”.

SD21 - ED - “A minha esposa assistia, né, hoje a gente sabe que ela assistia o missionário e o missionário sempre fazia a oração da unção na água. Dá pra uma pessoa que está no vício que o Senhor vai operar um milagre aí. E ela fez isso pela fé, pegou aquela água, colocou na garrafinha de costume que eu costumava pegar, do ladinho da cama”.

SD22 - IBS (esposa) - “Se isso for verdade com certeza ele vai se libertar. Ele acordou e tomou”.

SD23 - ED - “Foi aonde o Senhor começou a tocar no meu coração. Mesmo sem eu saber do que ela tinha feito”.

SD24 - IBS (esposa) - “Já chegou falando que tinha entrado numa igreja lá, que tinha assistido um culto, que foi uma bênção”.

SD25 - ED - “E foi ali irmão que eu tomei a decisão, de voltar para Cristo, aonde a partir daí ele começou a operar milagres e maravilhas na minha vida”.

SD26 - IBS (esposa) - “Começamos a frequentar a igreja, daí já veio os atos de fé que a gente praticou dentro da igreja”.

SD 27 - ED - “Na minha boca não entra mais bebida de álcool a partir de hoje, né, e foi exatamente o que Jesus fez”.

SD28 - Narrador - “Uma pregação do missionário R.R. Soares toca o coração de ED”.

SD 29 - ED - “Fornicadores é você que está aí junto mas não estão casados. Nós estamos na igreja mas não estamos salvos, vamos casar”.

SD30 - IBS (esposa) - “Já oficializamos e aí Deus só foi prosperando”.

SD31 - ED - “Deus me deu as condições de reconstruir minha casa, o projeto de 20 anos que nós tínhamos aqui e estamos aí quase acabando, para honra e glória do Senhor”.

SD32 - IBS (esposa) - “Pessoas chegaram a falar para a gente: “Ah, vocês vai viver no fundo do poço mesmo, ED está cavando a sepultura com as próprias mãos”. “Aí eu falei, oh Senhor obrigado, realmente o ED cavou a sepultura com as próprias mãos e sepultou aquele velho homem. Hoje ele é nova criatura”.

SD33 - ED - “Deus restaurou completamente a nossa vida, o nosso lar, reconstituiu a nossa família, sabe, o nosso casamento, hoje tá uma bênção. Hoje nós estamos firmes na rocha”.

SD34 - VDM (amigo) - “Só Deus sabe transformar como transformou ED”.

SD35 - IBS (esposa) - “Deus o transformou e fez realmente mais do que pedimos ou peçamos”.

SD36 - ED - “Ele restaura, ele cura, liberta, foi isso que ele fez na minha vida e creio que fará na vida de qualquer um que esteja aí num mundo de perdição, nesse mundo de ilusão. Volta para Cristo, vai, que ele resolve”.

Terça-feira, 22 de janeiro de 2013.

SD37 - F.L. – “Eu tive uma depressão muito forte aonde eu tentei o suicídio por duas vezes e a psicóloga que me tratou numa época ela me falou pra mim que meu problema não era mental, não era nada, o meu problema era espiritual. Achei muito engraçado um profissional da área te falar uma coisa dessa. Um dia eu em casa, muito desesperada, chorando muito, eu abri a porta, saí sem destino. Eu morava próxima ao centro, num bairro chamado Ilha da Conceição, eu vim andando e quando me dei conta estava aqui na frente da Igreja da Graça. Daquele dia então não saí mais da igreja, pelo contrário, virei como dizem por aí uma ratinha de igreja”.

SD38 - Narrador – “Curada da depressão, F.L. consegue se formar em enfermagem e deseja voltar a trabalhar”.

SD39 - F.L. – “E, além de trabalhar eu queria voltar a ser dizimista, porque eu era dizimista antes de conhecer, antes de eu me casar, eu era dizimista. Queria patrocinar a obra do Senhor e não tinha como, eu não queria tirar do dele, eu queria ter do meu pra fazer as coisas pra Deus”.

SD40 - D.F.S – “Ela casou né, eu vi que ela tava meio triste, só sendo dona de casa. Um dia eu cheguei no meu trabalho e vi na internet um concurso da Prefeitura. Como era 6 horas de trabalho, não trabalhava final de semana, então eu achei que o T. também não ia se importar porque não ia coincidir com a vida dela de dona de casa”.

SD41 - F.L. – “Um belo dia ela me liga: “F. você não vai acreditar!” Falei, o que que aconteceu?” “Abriu inscrição pra Prefeitura”. Tinha uma notinha no Fluminense falando que ia abrir inscrição pra a Prefeitura, mas, eu achei aquilo estranho, falei, ah, quer saber, não custa nada ir pra lá e ver qual é”.

SD42 - D.F.S – “No dia que a gente marcou pra ir ela me encontrou, nós fomos fazer a inscrição no dia seguinte, aí quando chegamos lá, encontramos uma fila e ela falou: “Tá vendo, não falei pra você, que era com hora marcada, não sei o que a gente tá fazendo aqui” e eu falei vamos fazer depois a gente vê”.

SD43 - F.L. – “Eu falei, isso não vai dá certo. Ela “para de palhaçada, ueh, não é você que acredita tanto em Deus, tá achando que é brincadeira” Aí ela chamou minha atenção, aí eu fiquei olhando pra ela e falei: você tá certa, se tiver que ser de Deus, vai ser. O resultado sairia no dia seguinte. Eu não comprei o jornal. Ela comprou. Ela tava acreditando mais em mim do que eu mesma. Me ligou: “Você não vai acreditar, passamos”.

SD44 - D.F.S – “A gente tinha conseguido passa. Ela em 6º lugar e eu em 16º”.

SD45 - F.L. – “Eu não acreditei, achei aquilo, surpreendente. Deus me surpreendeu de uma forma tão tremenda. Senhor, muito obrigado porque agora eu vou poder patrocinar sua obra, dizimar sua casa com o meu dinheiro”.

SD46 - D.F.S – “Aí fomos no dia pra assinar o contrato e ela tá lá até hoje. Tá feliz, tá conseguindo conciliar a casa com o trabalho”.

SD47 - F.L. – “Deus mostrou que pra Ele nada é impossível, entendeu, hoje eu trabalho, trabalho na Prefeitura de Niterói, na Secretaria de Assistência Social, uma casa de cidadania, onde a gente aprende ser humano todos os dias e saber que a gente deve amar Deus cada dia. É uma conquista. Você poder fazer a obra de Deus com o que é seu, não tem o que discutir, não tem o que falar. Eu acho que todo mundo deveria ser patrocinador da obra de Deus. Aquelas pessoas que sentem no coração e não tem como ser, deveriam botar isso em evidência com Deus, que quer, deseja ser patrocinador da obra dele, porque Ele vai abrir as portas”.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 2013.

SD48 - H.B.N – “Eu trabalhava em posto de saúde, hoje eu sou aposentada e eu fazia um serviço repetitivo e aí começou com umas dores no braço, depois eu fui afastada do serviço, né, por, o médico me afastou, já devido a eu não estar podendo mexer mais os meus braços. Daí em casa eu comecei a ter dor nas pernas.

SD49 - Narrador – “Os exames mostram que H.B.N tem o tipo de artrose que causa uma série de alterações na coluna lombar, afetando os ossos e os ligamentos. Além disso, o diagnóstico acusa hérnia de disco e escoliose cada vez pior”.

SD50 - H.B.N – “Daí eu operei e foi colocado 11 parafusos sabe, na minha coluna e aí o médico disse que eu ia ter uma vida bem sedentária. Eu não ia mais poder dirigir, eu não ia mais poder fazer nada. A minha vida seria bem sedentária sabe, sempre com ajuda de alguém junto né, porque devido a cirurgia que ele amarrou, depois arrancou e pôs uma cinta, pôs parafuso, tenho 4 aqui, 4 aqui, três aqui, então, devido a isso, até pra fazer exercícios, assim, andar, aquele andar de leve, tudo, essas coisas né”.

SD51 - M.C (amiga de H.B.N) – “Era um bebê completo sabe. Até as vezes no banho ela não conseguia se movimentar pra se secar, eu tinha que tá sempre junto, era 24 hora, eu tinha que carregar ela, dirigir o carro dela, levar ela no mercado, levar fazer massagem na coluna, porque ela não conseguia andar, travava as perna”.

SD52 - H.B.N – “Tinha dias assim que eu levantava travada assim, de arrastar a perna assim, não andava sabe, travava tudinho essa parte de baixo assim, a minha amiga pegava eu aqui assim e ia me carregando pra igreja”.

SD53 - J.A.S.S (obreira da IIGD) – “Mesmo muitas vezes carregada pela amiga ela entrava, ela ia lá, ficava junto com a gente com a oração”.

SD54 - Narrador – “H.B.N assiste ao Programa Show da Fé e resolve ser patrocinadora”.

SD55 - H.B.N – “Eu assistindo em casa eu ouvi o chamado, sabe, os testemunho e eu vi que aquilo era bom pra mim. E o patrocínio no começo foi pela minha finança né, porque eu era assim uma pessoa que gastava muito,

sabe, eu ia comprar um negócio, tinha que comprar três. E não é assim né, então eu comecei a pedir pra Deus que tirasse isso de mim né, que eu gastasse o suficiente que tinha que gastar. Daí eu já vi que eu tava curada desse compulsivo de tá gastando, eu comecei a continuar o patrocínio daí pela minha saúde. Aqui nessa rua mesmo onde eu tô. Eu comecei a clamar o Senhor, eu disse Senhor, eu já passei por uma cirurgia, eu sei que o Senhor está à frente e eu não vou ficar assim sem caminhar”.

SD56 - M.C (amiga de H.B.N) – “Ela foi orando e determinando e foi amolecendo parece a perna, parece que alguém pegava a perna assim e ajuda ela a mudar”.

SD57 - H.B.N – “No que eu dava cada passo eu pedir pro Senhor e fui andando, fui andando, no final da semana tava andando super bem. E hoje em dia eu limpo o quintal, limpo a minha casa, eu tenho uma vida normal, eu dirijo”.

SD58 - J.A.S.S (obreira da IIGD) – “Tá ótima, ela vai pra igreja, ela é uma das nossas melhores irmãs, que vive pulando na hora das canções animadas, super feliz e bem”.

SD59 - M.C (amiga de H.B.N) – “Hoje ela só precisa de mim pra conversar, pra contar, pra gente orar junto, lê a palavra, mas graças a Deus assim, pras necessidade pessoal, nunca mais”.

SD60 - H.B.N – “Não tenho aquela vida limitada que o médico disse que eu ia ter. Deus me provou realmente o que eu venho pedindo nos patrocínio, Deus me honrou muito, vale a pena fazer o patrocínio, vale a pena ajudar a levar a palavra ao mundo inteiro né. Minha vida hoje está maravilhosa, posso andar, posso mexer os braços, posso me abaixar, posso caminhar, tá maravilhoso. Tchau”.

Quinta-feira, 24 de janeiro de 2013.

“Novela da Vida Real”

SD61 - V.J. – “Eu sou profissional autônoma e como profissional na área de estética, eh, a gente lida muito com a dificuldade de manter uma agenda produtiva, certa, nos horários todos preenchidos”

SD62 - K.J.S. (amiga e cliente) – “Fui a um salão pra cima da minha residência requisitar o serviço de uma esteticista e aí eu a conheci, entendeu e aí assim, eu comecei a frequentar o salão. Depois de um tempo começou a vir os problemas, ela começou a não ter mais clientes, a agenda dela começou a ficar muito defasada. Era mais fácil conseguir marcar horário com ela, eu percebi que alguma coisa tava acontecendo e a gente acabou se tornando amiga, então ela conversava muito sobre isso comigo, falando sobre essa questão que tava difícil, entendeu, que ela tava sem cliente, ela tava insatisfeita”.

SD63 - V.J. – “E vim assistindo o Programa Show da Fé, uns dois anos seguidos, até que em agosto, eu tinha saído do último trabalho para vir pra cá, eu tive um período de ficar em casa umas duas semanas e tive como prestar melhor atenção no que o Missionário tava revelando. Chegou o momento que ele fez o convite para ser patrocinador e aquilo tocou o meu coração”.

SD64 - K.J.S. (amiga e cliente) – “Exatamente foi nessa época que ela pegou, ela começou a assistir o programa do R.R. Soares, ela começou a comentar comigo, a gente conversava sobre isso e tal. Aí ela foi, fez o patrocínio dela, ela falou comigo olha, tô fazendo o patrocínio e tal e assim as coisas mudaram mesmo, não foi só na questão, foi um todo, sabe, a vida dela deu um salto assim, quântico enorme”.

SD65 - V.J. – “A minha vida começou mudar, eu me converti, eu me batizei e as palavras do R.R. Soares foram tocando de uma forma mais profunda em mim, aquilo foi me abrindo, fui entendendo melhor a responsabilidade da palavra, da Bíblia, desse livro vivo”.

SD66 - R.G. (empregadora) – “Deus mandou ela pra mim de uma maneira muito especial, ela falou R.G., realmente estou numa busca, eu conheci o programa do R.R. Soares e Deus já me falou que ele vai ser uma bênção. Então meu amor, nós estamos juntas nessa batalha”.

SD67 - V.J. – “Com isso a minha vida ela também foi melhorando, ela foi prosperando, eu antes ficava sentada no meu sofá lá na frente, esperando um cliente chegar e hoje eu não tenho mais horário, horário preenchido de manhã até a noite. Então, graças a Deus eu tô num momento de bênção e gostaria que todo mundo pudesse participar do que eu tô participando, viver o que tô vivendo”.

SD68 - R.G. (empregadora) – “Dá o melhor para os clientes e as vezes os clientes entram na cabine dela com problemas pessoais, não tem nada a ver com a expectativa de trabalho, mas que Deus usa ela pra a pessoa sair daqui transformada. Na verdade a V.J. está sendo um instrumento de Deus para transformar vidas e ela se põe na presença de Deus a cada atendimento, então, é por isso que a agenda dela tá lotada”.

SD69 - K.J.S. (amiga e cliente) – “E como eu passo a acompanhar as outras áreas da vida dela também, eu vejo que isso é uma coisa que Deus, ele simplesmente tomou a vida dela na mão dele, entendeu, e transformou mesmo, uma transformação assim, que é visível, é palpável”.

SD70 - V.J. – “Eu antes era uma buscadora, eu já fui de tudo um pouco, hoje eu não sou mais uma buscadora”.

Sexta-feira, 25 de janeiro

SD71 - D.C. – “Eu era um derrotado e não sabia. Minha vida era bailão, sabe, falando a verdade até candomblé, essas coisa eu andava, frequentei. Não tinha um carro, não tinha uma casa pra morar, não tinha nada. Vivia em atrito até com os meus próprios chefes né, eu trabalho em repartição pública, então, me aguentavam porque tinham que me aguentar, mas se eu tivesse numa empresa privada tinham me mandado embora. Era muito briguento”.

SD72 - Narrador – “Jeito esquentado de D.C. faz com que o casamento dele termine e por duas vezes. Até que ele encontra uma terceira chance de ser feliz”.

SD73 - A.M. (esposa) – “A gente se conheceu no trabalho e daí no começo nosso casamento começou ir bem mas chegou uma época que a gente começou brigar, discutir muito, qualquer coisa a gente discutia, brigava. Daí um dia eu cheguei pra ele e falei a gente tem que começar a ter um compromisso com Deus porque senão a gente vai acabar se separando de volta”.

SD74 - D.C. – “A Igreja da Graça pra falar a verdade eu conheci pelo nosso Missionário R.R. Soares, né, pela televisão. Daí gostei”.

SD75 - Narrador – “D.C. vai à igreja, mas, por seis anos ele não abandona os velhos costumes”.

SD76 - D.C. – “Vai na igreja mas tá no mundo. Mesmo indo numa igreja ainda as vezes ia nos bailão da vida aí pra falar a verdade. Então o devorador vivia me atormentando, acha que montava em cima de mim. Missionário sempre dando a palavra e mostrando pra gente o que tava errado na vida, a gente tá andando assim. Digo meu Deus acho que eu tô perdido mesmo. Daí que eu comecei a pensar né, oh meu Senhor, me dá uma bênção. Ah, eu vou começar a patrocinar, pra começar a ajudar a igreja, por que tudo que eu já tava, eu era um derrotado, sabe, gastava 10 vezes mais numa noitada sabe, com bagunça, folias e bebida e falar a verdade, mulherada né, porque naquele tempo era bagunça. Eu peguei e comecei a patrocinar dali em diante né”.

SD77 - A.M. (esposa) – “Começou a ser patrocinador né, do programa e a gente começou adquirindo as coisas assim automaticamente. Daí surgiu da gente comprar o terreno aqui em Colombo, a gente comprou o terreno, daí fomos construindo aos poucos e hoje a gente tem a nossa casa, graças a Deus. Vivendo a mudança sabe. Daí eu até lembro uma vez que, todo final de semana a gente, até a gente vai na casa da minha cunhada e lá eles bebem muito sabe. Mas um dia a gente chegou lá, a gente foi almoçar, a gente chegou lá, ofereceram cerveja pra ele e ele falou: “Não, não quero, a partir de hoje não vou beber mais. Eu acredito que foi o Espírito Santo que foi tocando no coração dele né”.

SD78 - D.C. – “Bebida e cigarro nunca mais. Tenho nojo até de pessoal que fuma perto de mim”.

SD79 - A.M. (esposa) – “Hoje o D.C. é uma pessoa completamente transformada né, é mais calmo, mais paciente”.

SD80 - D.C. – “As vezes eu tô orando, até chego a chorar, eu não tinha nada, nada, nada no mundo, era só eu. E eu achava que eu era o próprio sabe, que eu podia tudo, fazia tudo e nada ia me ofender né. Mas tava sendo um derrotado e não sabia. Tudo o que eu tenho, dou graças a Deus, foi ele que me abençoou”.

Sábado, 26 de janeiro de 2013.

SD81 - C.T.S. – “Tinha viciado na maconha, só na maconha, mas depois com muito tempo, depois pra frente aí eu me envolvi na cocaína. Depois disso aí também já não tava mais fazendo mais efeito, aí eu comecei, aí foi onde me afundei, aí entrei no crack. Aí o crack eu comecei conhecer e comecei a usar o crack, aí enquanto não acabava, eu sempre usava, uma, duas vez, três vez, acabava saía que nem doido atrás querendo”.

SD82 - M.R.S. (esposa) – “Foi muito difícil, ele chegava em casa, ele usava droga dentro de casa”.

SD83 - A.R.S. (filha) – “Desde pequena eu sempre vi meu pai bater na minha mãe né, nunca vi paz na minha casa”.

SD84 - M.R.S. (esposa) – “Apanhei muito, a minha filha também e a gente saia pela rua, chamava a polícia pra vim em casa pra ver se parava, eu fugia com a minha filha”.

SD85 - Narrador – “Andando pelas ruas A.R.S. avista a Igreja Internacional da Graça de Deus e entra”.

SD86 - A.R.S. (filha) – “Aí comecei ir, não parei mais de ir pra igreja, fiquei firme, ia direto, aí comecei a participar dos jovens”.

SD87 - Narrador – “Aproveita e também chama a mãe”.

SD88 - A.R.S. (filha) – “Aí ela aceitou Jesus, se batizou, só que continuou as lutas, só que daí já era diferente porque a gente conhecia a palavra”.

SD89 - M.R.S. (esposa) – “E a gente orava muito, pedia muito pra Deus né, pra libertar e ele ficava brabo da gente ir pra igreja”.

SD90 - C.T.S. – “Até que um belo dia, foi 12 de agosto de 2008, foi, eu bebi, bebi muito, aí eu sei que quando eu cheguei em casa era por volta de umas 5 hora da manhã. A minha esposa e a minha filha tava saindo pra trabalhar foi quando houve uma discussão”.

SD91 - M.R.S. (esposa) – “Aí ele pegou, bateu muito na minha filha, chegou a tirar sangue dela, veio polícia, aí a A.R.S. falou: “mãe, vamo embora, não aguento mais”.

SD92 - C.T.S. – “Aí elas pego e foram embora”.

SD93 - Narrador – “Mesmo distante, A.R.S. continua buscando pelo pai”.

SD94 - A.R.S. (filha) – “Aí eu fui orar e Deus me deu a palavra do vale de ossos secos e Deus falou: “Profetiza sobre esse vale de ossos secos, hoje ele não tem vida, mas eu vou dar vida, eu que vou dar o sopro do espírito”. E aí eu comecei a sempre orar em cima disso, falei ah, se o Senhor me deu essa palavra, não é em vão”.

SD95 - Narrador – “Com o poder das orações, C.T.S. sente no coração de ir para a Igreja Internacional da Graça de Deus”.

SD96 - C.T.S. – “Comecei ir pra igreja e já desviava dos bares. Da droga da bebida me libertei e o cigarro não conseguia libertar. Eu continuei clamando a Deus, pensei: Como é que o Senhor quer, como eu posso servir o Senhor? Se eu não consigo me libertar do cigarro como eu posso falar pra alguém que não deve fazer isso, que isso não é bom, isso não é certo, que o nosso corpo tem que tá limpo, como eu vou ser um exemplo pro Senhor se eu mesmo não tô conseguindo. Aí num dia fumei 1, no outro dia fumei 2, o outro dia 1, no outro dia não fumei nenhum e graças a Deus não sinto mais vontade e fui liberto do cigarro”.

SD97 - Narrador – “Esse ano Celso irá completar quatro anos na presença de Deus”.

SD98 - A.R.S. (filha) – “Hoje meu pai ele é mais firme que eu na igreja. Hoje ele é o meu exemplo. Hoje eu tenho orgulho de falar do pai que eu tenho”.

SD99 - C.T.S. – “Estou contente com a família que eu tenho”.

SD100 - M.R.S. (esposa) – “Vou fazer 30 anos de casada, praticamente foi o que uns dois, três anos de felicidade, o resto foi só sofrimento. Mas agora, graças a Deus, eu tô liberta de todos esses mal, de todas essas maldições, que o demônio pôs na minha vida, que ele caiu por terra, em nome do Senhor Jesus Cristo”.

Anexo 2

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013.

SD101 - Missionário: “Oh, glória Deus, que bonito. Meu irmão, parece até que eu já sabia o seu testemunho, que a mensagem é exatamente essa, você tava arruinado, envergonhado, que deixou a terra que Deus tinha dado para você”.

SD102 - ED – “Verdade missionário. Como todos viram aí, esse mundo de ilusão, só tem a destruir. Muitos pensam que isso aí vai levar a algum lugar, leva sim a destruição, vocês viram que foi por 20 anos, tempos perdidos, e em 1 ano o Senhor me restituiu tudo”.

SD103 - Missionário: “Deixa eu falar com a esposa aqui. Você sentiu de pôr água?”

SD104 - IBS (esposa de ED) – “Senti sim”.

SD105 - Missionário: “Quer dizer, vamos ver se funciona mesmo, porque bateu no coração. Você não praticava esse tipo de fé. Você não praticava a fé do evangelho?”

SD106 - IBS (esposa de ED) – “Não, não praticava, na verdade eu até criticava. Eu não gostava nem de assistir. Fui assistir pelo desespero mesmo”.

SD107 - Missionário - “Aí você deu a água e o homem começou a mudar”.

SD108 - IBS (esposa de ED) – “O homem começou a mudar, logo três dias depois, foi uma bênção mesmo. Três dias depois ele já passou na porta da igreja, já entrou, assistiu o culto. Daí na semana que vem já foi a família inteira”.

SD109 - Missionário - “Pra senhora ir, quer dizer, a senhora foi de coração ou foi meio assim?”

SD110 - IBS (esposa de ED) – “A primeira vez eu fui e assim, acho que eu não tenho nada a perder, vou lá ver o que vai acontecer. E aí realmente aconteceu o encontro com Jesus”.

SD111 - Missionário – “(risos). Deus gosta até das Marias Thomés”. ED, hoje como que tá o amigo?”

SD112 - ED – “Hoje é uma bênção, glória a Deus, firme na rocha”

SD113 - Missionário - “Vocês têm quantos filhos?”

SD114 - ED - “Nós temos dois filhos. Tão aqui, os amigos ali do lado”

SD115 - Missionário – “E hoje vocês frequentam que igreja?”

SD116 - ED – “Hoje a gente frequenta a Igreja da Graça na... não é Igreja é uma comunidade no Jardim Caçula, lá em Ribeirão Pires, na Rua Álvares de Azevedo, nº 286”.

SD117 - Missionário – “Que dias tem reunião nessa comunidade, nesse grupo dos vencedores?”

SD118 - ED – “Terça-feira, quinta-feira e domingo. Quinta-feira né, um dia bom, libertação. Lá o Senhor prega”.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 2013.

SD119 - Missionário: “Olha pra mim agora, não senta não que Deus vai curar. Quem não podia levantar os braços, levante ambos agora em nome de Jesus, quem não podia fazer isso, pode fazer. Quem não podia mexer com joelho, procure agora. Quem não podia jogar pra trás, pra frente, pro lado, faz o que você não podia fazer agora, em nome do Sr. Jesus. Missionário, tá livre a minha mão, sumiu aquela dor, eu quero quatro pessoas só, obreiro, só quatro, que foram curadas de dor física agora, coisa séria. Levanta a mão aí que eu quero ouvir, quatro pessoas, corram lá em nome de Jesus. Você foi o que minha irmã?”

SD120 – “Dor no braço, eu não conseguia movimentar um semana e agora passou”.

SD121 - “Dois meses Missionário, com dor nesse braço aqui oh. Sumiu agora”.

SD122 - “Coluna, muito doída, agora sarou, graças a Deus”.

SD123 - Missionário: “Agora dor na alma, eu quero seis pessoas, Missionário eu tava oprimido, fechado e tô alegre. Rapidinho, conta pra mim aí rapidinho em nome de Jesus. Você foi o que irmã?”

SD124 – “Dor na alma, dor na alma, no corpo todo, no coração”.

SD125 - “Irmão eu cheguei aqui, as irmã aqui me acudiram, eu suado, tremendo e Jesus agora me libertou, a minha alma estava sobre o inimigo”.

SD126 - “Eu estava angustiada demais né, até a hora que cheguei na porta tava com vontade de ir embora, mas graças a Deus, em nome de Jesus, agora tô livre”.

SD127 - “Dor na perna. Cheguei arrastando a perna”.

SD128 - “Angústia e a dor no braço que eu tava já fazia uns quatro dias”.

SD129 - “Eu tava com uma magoa e até na palavra assim já Deus alegrou meu coração”.

SD130 – “Uma tristeza no meu coração, muito grande, desde ontem e agora já foi embora, em nome de Jesus”.

SD131 – “Era uma tristeza Missionário, por causa do meu filho que mandou mensagem pra mim dizendo que ele queria se matar e eu tava muito triste mas graças a Deus agora eu tô bem”.

SD132 – “Eu tava deprimida demais, não tava querendo vim mais na igreja pastor e agora melhorou bastante, graças a Deus”.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013.

SD133 - Missionário: “Agora não senta não, olha pra mim, você que tinha junta nas mãos, nos braços, não podia levantar os braços, não podia mexer com a perna, levantar o joelho, mexer com o corpo, mexa agora e veja se a sua alma recebeu a bênção. Deus tá terminando a obra agora. Eu quero quatro pessoas que foram curadas no corpo agora, sumiu dor física, levanta a mão em nome de Jesus, bem rápido obreiros, para a glória de Deus.”

SD134 - “Missionário eu tava com uma dor aqui, ela andava pelo corpo. Uma dor aqui nos ombro e andava pelo corpo. Saiu em nome de Jesus”.

SD135 - Missionário: “Amém, primeira pessoa. Segunda pessoa:”

SD136 - “Era muita dor no meu coração Missionário, o corpo assim muito pesado, graças a Deus estou livre, glória a Deus”.

SD137 - Missionário: “Você:”

SD138 - “Dor na alma”

SD139 - Missionário: “Glória a Deus! Eu quero agora mais dois no corpo e depois quatro na alma. Você irmã:”

SD140 - “Eu estava com o nervo ciático inflamado e agora passou a dor”.

SD141 - Missionário: “Você amigo:”

SD142 - “Eu caí do ônibus faz 16 anos e procurei a medicina lá, fiz tomografia, depois eu fiz raio x, e depois constatarem artrite, artrose e má circulação na perna direita. E agora, com a campanha que tô fazendo aqui na igreja, agora eu tô curado, em nome de Jesus Cristo. Jesus operou um grande milagre”.

SD143 - Missionário: “Agora na alma, você senhora:”

SD144 - “Dor na minha alma”

SD145 - Missionário: “Ficou boa, mais três pessoas na alma aí. Você amigo:”

SD146 - “Na alma”

SD147 - Missionário: “Na alma também. E quem mais agora na alma, em nome de Jesus. Vamo lá pra galeria. Diga amiga:”

SD148 – “Tristeza na alma”.

Sábado, 26 de janeiro de 2013.

SD149 - Missionário – “Quem é que o mal acabou de sumir agora, levanta a mão em nome de Jesus, eu quero quatro pessoas pra me contar o que que Deus fez. O que fez da senhora:”

SD150 – “Dor no peito e nas costas Missionário, aí o coração ficava acelerando. E passou, graças a Deus”.

SD151 - Missionário: “Parou agora, glória a Deus. Você irmã:”

SD152 – “Eu sofro no braço e no pé, na junta do pé, saiu agora em nome de Jesus, agora eu ergo o braço. Faz quatro mês que eu caí e quebrei o braço. Aí não tava adiantando, tratamento fiz muito, mas agora oh”.

SD153 - Missionário – “Até que altura a senhora erguia antes da oração?”

SD154 – “Ah, mais ou menos assim né, e estender roupa ficava assim”.

SD155 - Missionário – “E agora?”

SD156 – “E agora eu levanto em nome de Jesus”.

SD157 - Missionário - “É Deus senhora, não tem outro. É o Senhor, obrigado Jesus. Bandeira verde”.

SD158 – “Tem uns sete meses que eu estava com uma dor no joelho, cheguei aqui com o joelho queimando, pegando fogo e agora melhorou”.

SD159 - Missionário – “Oh glória a Deus, que bonito. Bandeira vermelha:”

SD160 – “Uma dor na perna tinha dois anos e passou agora, graças a Deus”.

SD161 - Missionário - “Irmão, é tão lindo, tem mais alguém aí, se tiver pega rápido aí, mas tem que ser muito rápido. Essa irmã:”

SD162 – “Eu tinha, tava com uma dor na minha perna esquerda já há muitos, já há mais de ano, né, que eu tenho, eu vinha mancando pra igreja e graças a Deus agora eu não tô sentindo nenhuma dor”.

SD163 - Missionário - “Mas o mancando foi só hoje ou ultimamente vivia mancando?”

SD164 – “Não, eu sempre venho mancando, porque dói, não sei se é o tendão, não sei”.

SD165 - Missionário - “Fica no corredor, deixa eu ver como é que é esse negócio aqui. A senhora vai mostrar pra mim, espera um pouquinho. A perna esquerda, como é que a senhora mancava com ela? Mostra”.

SD166 – “Eu andava assim né, devagarzinho. Não aguentava firmar o pé. Mais, muito mais pastor”.

SD167 - Missionário - “Então anda normal agora em nome de Jesus”.

SD168 - “Graças a Deus eu estou andando”.

SD169 - Missionário - “Olha que bonito. Meu irmão, cada obreiro só vai pegar uma pessoa porque eu não tenho mais tempo. Ela quer falar comigo, fala rapidinho.”

SD170 - “Eu não dobrava o joelho, Missionário, cheguei aqui com muita dor. Graças a Deus saiu”.

SD171 - Missionário - “Não dobrava a quanto tempo?”

SD172 - “Ah, isso já os médicos queriam operar, colocar já prótese e eu fui prolongando, esperando no Senhor e hoje eu creio no Senhor que estou curada”.

SD173 - Missionário - “Mas pode mexer o joelho?”

SD174 - “Oxa, não dobrava, agora está dobrando”.

SD175 - Missionário - “Glória a Deus. A senhora.”

SD176 - “Eu estava com uma dor, cheguei aqui com uma dorzinha aqui no pescoço, aqui do lado do pescoço e aqui no ombro, agora depois da oração tô bem, graças a Deus”.

SD177 - Missionário - “Foi embora. Quem foi curado, levanta a mão assim chegou o momento de você agradecer a vida. Diga assim: Senhor Deus, muito obrigado. Vamos aplaudir Jesus!”

Sábado, 26 de janeiro de 2013.

Esta Sequência Discursiva se refere ao testemunho concedido ao vivo no Programa pela família de “CTS” que contou a sua história no quadro “Novela da Vida Real” - SD ____.

SD178 Missionário - “C.T.S. quanto tempo você ficou na maconha?”

SD179 - C.T.S. - “Eu comecei com 17, 18 anos”

SD180 - Missionário - “Você tá com quanto hoje?”

SD181 - C.T.S. - “Hoje eu tô com 54”.

SD182 - Missionário - “E aos 50 que você parou. Tem quatro anos?”

SD183 - C.T.S. - “As droga eu já tinha parado já fazia uns 6 anos. Aí a bebida eu bebia pra fortalecer porque eu não tinha droga. Aí usava a bebida, até que um dia”

SD184 - Missionário - “E você tá casado há 30?”

SD185 - C.T.S. - “30 anos”.

SD186 - Missionário - “Deixa eu falar com a esposa. A vida toda o marido usando drogas, não era um marido, era um valentão em casa”.

SD187 - M.R.S. (esposa) - “É, e ele era bem valente mesmo, porque a gente não podia falar um “a” pra ele que ele já vinha batendo na gente e tudo. Ele foi muito difícil”.

SD188 - Missionário - “A A.R.S. disse que, você disse que a vida toda viu o seu pai bater na mãe tudo, brigando e em você também, quer dizer”.

SD189 - A.R.S. (filha) - “É, desde pequena”.

SD190 - Missionário - “Aí Deus entrou em cena porque eu sei que ela louva a Deus a promessa e mudou completamente?”

SD191 - A.R.S. (filha) - “Mudou completamente, da água pro vinho”.

SD192 - Missionário - “Tem quatro anos que vocês tem paz, são uma família”

SD193 - A.R.S. (filha) - “Agora sim, somos família”.

SD194 - Missionário - “E ele é carinhoso A.R.S.?”

SD195 - A.R.S. (filha) - “Bastante”.

SD196 - Missionário - “Que bonito. Palmas pra Jesus. Olha esse Deus é lindo, mas deixa eu falar um pouquinho ainda com o C.T.S. Qual a igreja que você frequenta?”

SD197 - C.T.S. - “É, Internacional da Graça de Deus lá na Santa Eduardo no Embu das Artes”

SD198 - Missionário - “Deixa eu falar com a A.R.S. equipe, como que é o endereço lá A.R.S.?”

SD199 - A.R.S. (filha) - “É Estrada de Itapecerica à Campo Limpo, 2746”.

Anexo 3

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013.

SD200 - I.O.R. - “Na verdade eu gosto muito de olha TV né, e depois que eu consegui pedir né, a Nossa TV né, eu sou fã mesmo da Nossa TV. Tem programação pra todas idades, tudo de bom. Eu caí num degrau da minha casa, inchava muito, doía, era muita dor. Aí um dia eu tava assistindo o Show da Fé né, na Nossa TV e o Missionário bem na hora disse: “Oh você aí que sofreu um acidente, tu tá aí com dor no tornozelo, pé direito”, aí eu me aproximei mais da TV e coloquei a mão, fiz tudo que ele mandou e quando eu me levantei no outro dia, botei o pé no chão assim e eu disse mas, não tô sentindo mais a dor no meu pé. Ah, foi curada ontem no Programa Show da Fé na TV. Quando eu não tô trabalhando, que eu tô em casa, eu assisto a programação e as vezes assim eu tenho que pensar pra escolher qual é o programa que eu vou olhar, porque é um programa melhor que o outro. E depois que eu coloquei a Nossa TV na minha casa assim, as coisa mudaram”.

Terça-feira, 22 de janeiro de 2013.

SD201 - A.S. – “Com a TV era péssimo porque só assistia filmes que não eram, não prestavam, coisas feia, sabe aquelas coisa picante. Atrapalha bastante, principalmente a juventude. Qualquer coisa que eles vê, querem imitar, querem fazer, então acho que são coisas que prejudicam muito. Aí eu vi falando da Nossa TV, aí eu resolvi colocar na minha casa. Tinha o desejo de mudar e mudou. Todo mundo hoje não assiste mais, ninguém coloca mais em filmes que não presta, é o dia todo, 24 hora Nossa TV na minha casa. Meu esposo mudou muito, que ele não gostava, achava que era errado igreja, negócio de igreja. Hoje vai fazer 1 ano que eu tô com a Nossa TV. Meu esposo me chama de madrugada pra assistir, pra ver o Show da Fé. É ele que ora, é ele que pede. Tudo de bom, tudo de maravilhoso e especial na minha casa. Isso é uma bênção na minha casa. Hoje minha casa é completamente diferente do que era antes”.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 2013.

SD202 - L.S. - “Depois que surgiu a RIT aí compramos uma TV nova e instalou a Nossa TV né, que hoje é uma maravilha. Eu comecei uma vida nova né, com o ensinamento porque antes eu não conhecia Deus, então, através da televisão eu comecei a conhecer a Bíblia, a palavra. Quando eu não podia vim pra igreja eu assistia pela televisão e hoje ainda assisto também. Quando eu não tô aqui, eu tô assistindo em casa. Muita gente tá perdendo. Que se eles não quiser, fica só pra mim”.

Quinta-feira, 24 de janeiro de 2013.

SD203 - C.R. - “Quando houve essa chegada da televisão do Missionário lá na minha igreja, eu fui umas das primeira a pedir, cada vez mais abrindo a sabedoria, o entendimento, então foi assim que eu achei muito fundamento nessa televisão do Missionário. Como abre a mentalidade da gente, como o coração da gente fica aberto, como o pensamento da gente é diferente de todo mundo, né”.

Transformação...

SD204 – “Aquilo é uma verdadeira transformação dentro dessa casa. Aqui era um pandemônio de repente ficou tudo bem, tudo em paz. Então devo tudo isso à palavra do Missionário no Show da Fé. Se nós não tivéssemos a TV, nós não teríamos aprendido tantas coisas, que poderíamos ter aprendido antes”.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

SD205 - S.P. – “Eu fui morar no interior, dei a minha casa para as minhas filhas morarem porque eu não conseguia ficar na minha casa. Tava afastada dos caminhos do Senhor já há 10 anos e eu precisei voltar pra São Paulo e voltei pra casa da minha irmã”.

Nossa TV...

SD206 - “Aí a minha irmã tem a Nossa TV e eu não gostava de assistir e de repente eu peguei assistindo né, foi quando eu vi o Missionário”.

Importante...

SD207 - “Ah, eu acho que a importância é muito grande né, porque da mesma forma em que eu tava passando, outras pessoas também podem tá na casa, chegar na casa dela e precisar daquele palavra naquele momento. Por isso que eu tô voltando pros caminhos novamente né, foi muito importante pra mim”.

Retorno pra Cristo...

SD208 - “Voltei, foi por causa da TV né, sempre tem uma palavra que cabe pra mim e fala comigo. Eu sinto que Deus tá trabalhando e tá me deixando mais calma, mais tranquila. Esse homem transformou”.

Sábado, 26 de janeiro de 2013.

SD209 - C.A. – “Eu tenho a Nossa TV na minha casa e coloquei no meu comércio e então ali pra mim é uma bênção de Deus, eu trabalho com roupa, trabalho com balbonier, eu chego a vender 150 lancha, hot dog na noite sabe, de duas horas até meia noite. Então ali tem amor de Deus naquele negócio. Na hora eu fecho o caixa ali do meu comércio a noite, meia noite, e eu fico incrível do que Deus faz comigo durante o dia sabe, e ali chega um cliente pra comprar e eu convido pra poder assistir a palavra de Deus”.

Falar de Deus...

SD210 - “Eu falo de Deus, do amor de Deus pra eles ali, chego a chorar naquela hora ali. Então, pra mim Deus é muito bom na minha vida e essa Nossa TV na minha casa foi o investimento maior do mundo que eu fiz na minha vida”.

Anexo 4

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013.

SD211 - Narrador – “Missionário, sou um rapaz que se esforça para praticar a palavra de Deus, porém, não consigo viver o que Cristo declara nas escrituras. Ao invés de ser próspero, vivo desempregado. Na vida sentimental, não encontro a minha metade. Sinto por vezes uma vontade louca de sumir no mundo. Não fiz nada para merecer tanta tristeza, devo ter sido vítima de obra de feitiçaria. Missionário, assisto sempre o programa e vejo o senhor orar pelas pessoas, então, por favor, ore por mim e me oriente missionário”.

Terça-feira, 22 de janeiro de 2013.

SD212 - Narrador – “Missionário, sou Cristã e desde que comecei a interceder por meu filho, aparentemente a situação dele piorou. Dia e noite ele chega alcoolizado em casa e isso me traz uma angústia muito grande. Vejo que Satanás está furioso com as minhas orações. Preciso de armas espirituais, Missionário, por favor, me ensine a orar para recebê-las”.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 2013.

SD213 - Narrador - “Missionário, passo por um período muito difícil em meu casamento. Meu marido age friamente comigo, sem explicações. Às vezes me faz pensar que sou invisível e isto mexe muito com a minha autoestima. Sinto-me frustrada, gostaria que ele me amasse como esposa, como mulher. Missionário, por favor, preciso de ajuda, o que uma mulher sábia deve fazer?”

Quinta-feira, 24 de janeiro de 2013.

SD214 - Narrador - “Missionário, desde que fui presa por engano, minha vida se tornou um tormento, nunca imaginei que uma coisa dessas fosse acontecer comigo. Procurei me justificar perante a Justiça, mas de nada adiantou. Fui condenada a pagar por um erro que não cometi. Não me conformo com isso e não sei até quando vou aguentar. Por favor, Missionário, me ajude, preciso de um socorro”.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013.

SD215 - Narrador - “Missionário, sou casado e em minha casa servimos a Deus. Mas apesar de andarmos com Cristo, o inimigo está rindo às nossas custas. Meu filho tem distúrbio bipolar. O humor dele varia muito e esse comportamento prejudica os relacionamentos e a vida financeira dele. Quando está mal, gasta compulsivamente, faz dívida mesmo sabendo que não poderá pagá-las. Para não darmos o mal testemunho, eu e minha esposa sempre quitamos as dívidas dele. Porém essa situação está insustentável. Missionário, estamos sofrendo muito, por favor nos oriente para que possamos agir corretamente e na palavra de Deus”.

Sábado, 26 de janeiro de 2013.

SD216 - Narrador - “Missionário, por não agir com sabedoria, tive muitas perdas na vida, a pior delas é na área sentimental. Estou no segundo divórcio e me sinto muito infeliz. Sei que preciso me apegar a Deus, porém, não consigo permanecer em Cristo. Vejo a mesma situação na vida dos meus irmãos. Será que vivemos embaixo de uma maldição hereditária? Missionário, me diga o que devo fazer, pois estou desfalecendo”.